



AN AGE GAP
MAFIA ROMANCE

FRACTURED

PERFECTLY IMPERFECT SERIES

Love

NEVA ALTAJ

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PROIBIDA A VENDA DESTA OBRA.

É PARA USO GRATUITO.

DE FÃS PARA FÃS



Dani

Metis

Jewell Designs

Abril 2023

FRACTURED

PERFECTLY IMPERFECT SERIES

souls

NEVA ALTAJ

Sinopse

Asya

Não posso voltar para minha família.
Eu não sou digna deles,
Nunca poderia ser uma deles novamente.
A irmã que eles conhecem, amam e lembram,
Não existe.
Não mais.

Até ele...

Aquele que me acolheu,
Me curou dos meus demônios,
Meus medos,
Minhas cicatrizes,
Me devolvendo,
Aos poucos.

Pavel

Eu não me aproximo das pessoas,
E certamente não preciso de ninguém.

Até ela...

Agora, ela é tudo que eu quero,
Tudo que eu preciso.
O bastardo egoísta em mim,
Quer roubá-la,
Tudo para mim.

Mas ela não precisa mais de mim.
Eu tenho que deixá-la ir,
Deixá-la voar,
Não quebrar as asas que a ajudam a voar.
Ela não é minha para manter.
Amar,
Ter.

Posso ensinar minha alma fraturada a sobreviver sem ela?

Nota da autora

Caro(a) leitor(a),

Fractured Souls foi meu livro mais difícil de escrever até agora. Pela delicadeza do assunto, é diferente dos livros anteriores da série. Fractured Souls concentra-se principalmente nos personagens e, embora haja uma subtrama de máfia/crime presente, é secundária em relação à história dos personagens. Além disso, se você leu os livros anteriores da série, sabe que adoro colocar um pouco de humor em cada história. Este livro, no entanto, não terá esse elemento. Trata-se de um assunto extremamente pesado, e a inclusão de humor teria sido desagradável.

Por favor, leia o aviso de gatilho na próxima página. Se você acha que pode achar o assunto perturbador ou que pode causar danos a você, pule esta história. Não se preocupe, se você decidir passar esta, não perderá nenhuma revelação crítica para o resto da série e poderá retornar ao mundo Perfectly Imperfect no próximo livro.

Gostaria de expressar minha gratidão a Ruthie, que fez uma leitura de sensibilidade para Fractured Souls e ofereceu conselhos para melhorias, de modo que as lutas de Asya e sua jornada sejam apresentadas de forma realista e diplomática.

Se você optar por ler Fractured Souls, espero de todo o coração que goste da história de Asya e Pavel. Pode ser parte de uma série da máfia, mas acima de tudo, é a história de amor, superação de mágoas, força da família e perseverança do espírito humano.

Aviso de gatilho

Este livro contém tópicos que podem ser difíceis para alguns leitores, como agressão sexual na página (incluindo estupro, mas não entre os personagens principais), transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), menção de tentativa de suicídio, menção de escravidão sexual, menção ao uso de drogas, cenas explícitas de violência e tortura e sangue coagulado. Se você é um sobrevivente de abuso sexual e/ou físico, partes desta história podem desencadear memórias que podem causar estresse ou tristeza.

Nossa heroína lida com sua situação contando com a força e o apoio de nosso herói. Embora acreditemos que o amor pode curar, lembre-se de que esta história é uma obra de ficção. Encorajo-vos a procurar ajuda de uma organização de apoio e/ou um profissional de saúde de confiança. Você não precisa sofrer em silêncio.

Notas de Personagem

Asya – pronunciado como ['a:zja].

Pasha - apelido russo (forma abreviada) para Pavel, usado em ambientes casuais.

Pashenka – uma variação (diminutivo afetuoso) do nome Pavel/Pasha, usado como um termo carinhoso por parentes/familiares próximos.

Mishka – um termo russo de carinho, que significa ursinho ou ursinho de pelúcia.

Playlist

Existem várias peças clássicas mencionadas ao longo do livro.
Aqui está a lista caso você queira dar uma olhada.

‘Moonlight Sonata’ by Ludwig van Beethoven
‘Flight of the Bumblebee’ by Nikolai Rimsky-Korsakov
‘Gymnopédies’ by Erik Satie
‘In the Hall of the Mountain King’ by Edvard Grieg
‘The Rain Must Fall’ by Yanni
‘Für Elise’ by Ludwig van Beethoven
‘River Flows in You’ by Yiruma

Prólogo

Asya

Está nevando.

O chão está frio nas minhas costas, arranhando minhas omoplatas, enquanto olho por cima do ombro do homem para a extensão escura acima de mim. Tudo parece embaçado. Não consigo discernir flocos de neve separados, mas posso senti-los caindo no meu rosto. Frágeis. Delicados. Eles me lembram as notas de uma das peças de Erik Satie, então eu cantarolo enquanto uma dor lancinante continua rasgando minhas entranhas.

Deveria doer tanto? Sei que no começo era para doer, mas não imaginei que continuaria doendo.

O homem grunhe e o peso desaparece de repente. Deslizo a mão pelo meu estômago e sobre o tecido do meu vestido rasgado para pressionar a palma entre minhas pernas. Umidade. Demais. Muita. Eu levanto minha mão na frente do rosto, olhando para os dedos cobertos de sangue enquanto a melodia ainda toca no fundo da minha mente.

— Bem, você acabou sendo um prazer, querida, — diz a voz masculina. — Eu estava de olho em sua irmã inicialmente. Você pode parecer o mesmo, mas há algo nela que exala classe. Os clientes tendem a preferir as mais polidas, mas você servirá.

O pânico, como nunca senti antes, explode em meu peito, tirando-me do estupor em que caí. Eu rolo para o lado até que estou deitada de bruços no chão. A energia surge em minhas veias e eu fico de pé. E então, eu corro.

A dor entre minhas pernas é insuportável. A cada passo que dou, sinto uma pontada lancinante. Todo o meu corpo está tremendo, mas não tenho certeza se é do frio, da dor ou do choque. Talvez seja apenas o horror do que ele fez e disse. Arrisco um rápido olhar por cima do ombro e um gemido baixo sai de meus lábios quando vejo meu estuprador me seguindo e se aproximando de mim.

Há postes de luz a alguma distância à minha frente, então mudo meu curso para correr naquela direção. A melodia fraca e lenta tocando na minha cabeça se transforma em uma marcha de batalha, como se estivesse me pedindo para ir mais rápido. O terreno é irregular, dificultando a corrida. Continuo tropeçando nas raízes das árvores próximas e nos pequenos arbustos difíceis de enxergar no escuro. Minha visão está embaçada — perdi meus óculos, — mas concentro-me na luz que consigo ver através dos galhos como se fosse minha única tábua de salvação e continuo correndo. As sensações de rasgo e queimação na parte inferior da minha barriga são quase fortes demais para serem ignoradas, mas cerro os dentes e tento manter o ritmo. O ar deixa meus pulmões em rajadas curtas enquanto flocos de neve caem na pele exposta de meus braços. Apenas algumas dezenas de metros até à rua. Eu posso ouvir os veículos. Só preciso chegar na rua, e alguém vai parar e me ajudar.

Estou quase lá quando meu pé descalço engancha em alguma coisa e tropeço, caindo de cara no chão frio e duro. Não! Eu me levanto, com a intenção de continuar correndo em direção à luz salva-vidas quando um braço envolve minha cintura por trás.

— Peguei! — O filho da puta ri.

Eu grito, mas sua outra mão cobre minha boca, abafando o som.

— Parece que eles vão ter que reeducar você, querida, — ele diz perto do meu ouvido. — Eu poderia visitá-la novamente quando você estiver mais dócil. O chefe me deixa foder minhas descobertas de graça uma vez por mês.

— Por favor, — eu choramingo em sua palma enquanto chuto minhas pernas.

— Perfeito. — Ele solta outra risada perversa. — Veja, você já está aprendendo.

Tento acertá-lo com o cotovelo e quase escapo quando sinto a picada de uma agulha na lateral do meu pescoço.

O homem me cala. — Calma, agora. Apenas alguns segundos e tudo ficará melhor.

Minha visão embaça até que não haja mais nada além da escuridão.

A música para.

Capítulo 1

Pavel

Dois meses depois

Luzes de néon iluminam as pessoas amontoadas, movendo-se ao som da música que sai dos alto-falantes. O cheiro de álcool e fragrâncias concorrentes permeia o ar, mesmo aqui em cima, no meu escritório. Dou um passo em direção à parede de vidro do chão ao teto e cruzo os braços sobre o peito, observando a multidão na pista de dança abaixo. Não é nem meia-noite, mas está lotado com quase nenhum espaço para respirar.

Uma agitação no canto distante da pista de dança atrai minha atenção. Vladimir, um dos seguranças do clube, está segurando um homem pelas costas da camisa, arrastando-o em direção às escadas que levam ao nível superior. Se o homem estivesse começando uma briga, os seguranças o teriam expulsado. Isso deve ser algo mais sério se ele está sendo trazido a mim.

A porta atrás de mim se abre cinco minutos depois.

— Senhor Morozov. — Vladimir empurra o homem para dentro do escritório. — Pegamos esse traficando na frente dos banheiros.

Ando em direção ao homem esparramado no chão e coloco a sola do meu sapato direito sobre sua mão. — Distribuindo drogas no meu clube?

O homem choraminga e tenta tirar meu pé com a mão livre, mas pressiono com mais força. — Fale.

— Foram apenas algumas pílulas que um amigo me deu, — ele engasga e olha para mim. — Ele disse que são algumas coisas novas que ele roubou de seu trabalho.

Eu inclino minha cabeça para o lado. — O trabalho dele? O que ele faz?

— Não sei. Ele nunca fala sobre isso. — Ele tenta liberar a mão novamente, mas não consegue. — Eu sinto muito. Não acontecerá de novo.

Faço um gesto para que Vladimir me entregue o pequeno saco plástico que está segurando e o examine. Há uma dúzia de comprimidos brancos dentro. — Você já experimentou isso?

— Não... Eu... Eu não gosto de drogas, — o homem diz, então choraminga quando eu aplico mais pressão em sua mão.

— Então você as trouxe aqui para vender. Muito esperto. — Jogo o saco plástico de volta para Vladimir. — Leve isso para o doutor. Precisamos verificar o que há nessa porcaria.

— O que devemos fazer com o traficante? — Vladimir acena com a cabeça para o homem no chão.

Com base no olhar de pânico nos olhos do homem e no tremor de sua mão, não demoraria muito para quebrá-lo. Eu poderia levá-lo ao depósito e interrogá-lo. Mas temos regras na Bratva Chicago, e meu escopo de trabalho não inclui extração de informações.

— Acho que ele gostaria de bater um papo com Mikhail. Tire-o da minha vista, — eu digo e me viro para caminhar de volta para a parede de vidro com vista para a pista de dança.

Eu posso ouvir gritos e muita confusão atrás de mim enquanto Vladimir arrasta o homem para fora. A algazarra cessa quando a porta se fecha atrás deles. Meus olhos examinam as pessoas circulando e dançando, parando no estande no canto esquerdo. Yuri, o homem encarregado dos soldados da Bratva, está sentado no meio com uma mulher loira ao seu lado. Do outro lado, rindo de alguma coisa, estão os irmãos Kostya e Ivan, que administram as finanças de nossa organização. Parece que alguns dos caras ganharam uma noite grátis.

O telefone no meu bolso toca. Eu o pego e vejo o nome de Yuri na tela.

— Algo está errado? — Pergunto quando atendo.

— Não, — diz ele, olhando para mim da cabine. — Desça e tome uma bebida conosco.

— Estou trabalhando.

— Você está sempre trabalhando, Pasha. — Ele balança a cabeça.

Ele tem razão. A menos que esteja dormindo ou malhando, estou em um dos clubes da Bratva. Passar um tempo em meu apartamento vazio desde que me mudei da mansão Petrov quando a esposa do pakhan teve um filho sempre foi difícil. Mas nos últimos anos, ficou ainda mais difícil. O fato de eu ter dirigido duas casas noturnas nos últimos sete anos, passando a maior parte do tempo cercado de pessoas, deveria ser o suficiente para me fazer querer buscar a solidão. Não é. Isso só me lembra que não tenho ninguém para quem ir para casa.

— Vamos lá, só uma bebida, — Yuri insiste novamente.

A risada profunda de Kostya vem pela linha. Parece que ele está brincando de novo. Sempre um malandro, aquele. — Em outra hora, Yuri, — eu digo.

Termino a ligação, mas não me afasto da parede de vidro, observando meus companheiros se divertindo. Talvez eu devesse me juntar a eles. Seria bom relaxar e falar sobre bobagens às vezes, mas não consigo. O problema é que nas poucas vezes que saí com eles acabei me sentindo ainda mais sozinho.

A Bratva é a coisa mais próxima de uma família que já tive. Tenho certeza de que cada um deles levaria um tiro por mim. Como eu faria por eles. E ainda, mesmo depois de dez anos na Bratva, não consigo me aproximar muito dos meus amigos. Com o meu passado, eu acho, isso pode ser esperado. Quando você é descartado pelas pessoas que deveriam ser seu porto seguro, é difícil se permitir se aproximar de alguém porque, em algum momento, elas também irão embora.

Mais cedo ou mais tarde, todos vão embora.

Fico parado ali por um bom tempo, vendo os caras rirem, depois me viro e volto ao trabalho.

Asya

Entro no escritório e paro no centro da sala. Dolly, a mulher encarregada das meninas, está sentada atrás de sua mesa, com a atenção voltada para o pequeno caderno de capa de couro à sua frente.

— Você vai entreter o Sr. Miller esta noite, — diz ela enquanto escreve algo em seu livro. — Ele prefere devagar. Comece com uma massagem e vá a partir daí.

Eu concordo. — Sim, Dolly.

— Ah, e nada de boquetes. O Sr. Miller não gosta disso. — Ela fecha o caderno e dá a volta na mesa, seus saltos estalando no linóleo. Eu inclino a cabeça e foco meu olhar no chão para que ela não consiga ver meus olhos. Seus saltos rosa brilhantes entram no meu campo de visão quando ela para bem na minha frente.

— Ele é um cliente muito importante, então certifique-se de atender a todas as suas necessidades. Se ele gostar de você, pode pedir de novo. Ele é muito educado. Não bate em garotas com frequência, o que é raro, como você já sabe. E não se esqueça do preservativo. Você conhece as regras.

Eu aceno de novo e levanto minha mão, com a palma para cima. Dolly coloca um único comprimido branco na palma da minha mão.

— E o resto? — Eu pergunto. — Preciso de mais. Por favor.

— Sempre a mesma cantoria com vocês, garotas, — ela vocifera. — Você recebe o resto quando terminar com o cliente. Já sabe disso.

— Só mais um, — eu imploro.

— Eu disse depois que você terminar! — ela grita e me dá um tapa na bochecha. — Volte para o seu quarto e esteja pronta em uma hora. Você está fora de serviço há quase uma semana. Estamos perdendo dinheiro.

— Sim, Dolly, — eu digo em voz baixa e me viro em direção à porta.

— Ah, e não se esqueça de tirar os óculos. O Sr. Miller não gosta disso.

— Claro, — eu digo.

Depois de sair do escritório de Dolly, viro à esquerda e corro pelo corredor, passando pelas portas de outras salas. Eu sou uma das cinco garotas aqui no momento. Costumávamos ser seis, mas há dois dias uma das meninas desapareceu. Como tento guardar para mim mesma, não a conhecia além de vê-la de passagem. Lembro que ela tinha longos cabelos loiros que usava trançados nas costas. Ninguém sabe o que aconteceu, mas ouvi as outras garotas fofocando sobre seu encontro com um cliente conhecido por ser rude.

Chego à última porta no final do corredor e entro. Depois de dar uma rápida olhada ao redor para ter certeza de que minha colega de quarto não está aqui, corro em direção ao pequeno banheiro do outro lado do quarto. Eu tranco a porta e me viro em direção ao banheiro.

Abrindo minha mão direita, eu olho para a pílula branca na palma da minha mão. Uma coisa tão pequena. Aparência inofensiva. Quem imaginaria que algo tão minúsculo pode manter uma pessoa voluntariamente escravizada, vivendo em uma prisão sem grades? Seria tão fácil colocá-la em minha boca e apenas... soltar.

É sempre a mesma configuração. Um comprimido antes da reunião com o cliente. Mais três depois que eu terminar. O primeiro serve para me manter alta e, portanto, mais obediente. Não faz doer menos, mas faz com que eu não me importe. Também é altamente viciante. Se eu tomá-lo, garantirei que voltarei correndo para

pegar os três comprimidos depois para satisfazer o desejo provocado pelo primeiro. O ciclo se repetiria. De novo e de novo. Mantendo meu cérebro em uma névoa, constantemente em algum nível alto, precisando de mais a cada vez, incapaz de pensar em mais nada.

Uma viciada, foi isso que me tornei. Assim como o resto das meninas aqui.

Aperto o comprimido na mão, jogo-o na tigela e dou descarga. A pílula faz dois círculos antes de desaparecer no ralo, mas continuo parada ali, olhando para o banheiro.

Faz seis dias que parei de tomar os remédios. Aconteceu por acidente. Peguei gripe estomacal na semana passada e por três dias vomitei sem parar. Meu corpo não guardava nada dentro, incluindo as pílulas que Dolly continuava a enfiar na minha garganta. Quando me senti melhor, meu cérebro estava livre do estupor induzido pela droga pela primeira vez em dois meses.

Aquele dia foi o mais difícil. Mesmo que eu estivesse constantemente com frio - Deus, eu não me lembro de ter sentido tanto frio na minha vida - eu estava suando. Tudo doía. Minha cabeça, minhas pernas, meus braços. Era como se cada osso do meu corpo tivesse sido quebrado. E então havia os tremores. Tentei controlar o tremor por medo de que meus dentes quebrassem, mas não consegui. Dolly achou que era a febre finalmente baixando, mas não era. Era abstinência. A vontade de apenas engolir os comprimidos que ela me deu era quase demais para lutar, e apenas a pura teimosia me impediu de sucumbir.

Ficou mais fácil depois disso. Eu ainda sentia calafrios aleatoriamente, mas não era nem de longe o que experimentei naquele primeiro dia sem drogas, e meus membros e cabeça doíam significativamente menos. Fingi engolir os comprimidos e fiz questão de agir como antes, implorando por mais o tempo todo,

enquanto secretamente jogava as drogas fora. Surpreendentemente, meu engano funcionou. Agora é só uma questão de quanto tempo poderei manter o fingimento antes que alguém perceba.

Tiro meus óculos e os deixo ao lado da pia. Eles nem são a receita certa, apenas algo que Dolly me deu para que eu parasse de tropeçar e apertar os olhos. Os meus foram perdidos durante minha última noite em Nova York.

Eu olho para longe do lembrete, tiro minhas roupas e entro no chuveiro. Transformando a água em um calor escaldante, eu me movo sob o jato e fecho os olhos. Há uma toalha na pequena prateleira à minha direita. Pego e esfrego a pele até ficar vermelha, mas não adianta. Eu ainda me sinto imunda.

Não entendo porque não lutei mais. Sim, as drogas mantinham meu cérebro confuso, mas sempre estive ciente do que estava acontecendo. Ainda assim, acabei... presa. Deixei-os me vender, noite após noite, para homens ricos que estão dispostos a pagar uma quantia enorme de dinheiro para foder uma boneca bonita e polida. Porque é isso que somos. Eles nos depilam, fazem nossas unhas e cabelos e garantem que usemos roupas caras. A maquiagem completa do rosto é obrigatória e borra muito bem quando uma garota chora após a sessão. Muitos dos homens gostam de nos ver quebrar.

Eu não chorei uma vez. Talvez algo tenha quebrado dentro de mim naquela primeira noite. Um milhão de partículas da minha alma fraturada se misturaram com a neve e o sangue. Eu simplesmente não me importava mais.

O motorista vem me buscar uma hora depois e, durante o trajeto, olho fixamente pela janela para as pessoas correndo pelas calçadas desconhecidas. Quando fui levada, a princípio pensei que estava presa em algum lugar nos arredores de Nova York, mas agora sei que acabei em Chicago. Enquanto observo a ‘vida

normal' passando por mim, pela primeira vez em dois meses, fico tentada a agarrar a maçaneta e tentar escapar. Fico enojada ao perceber que demorei tanto para pensar em fugir. Mas considero isso agora. Eu quero me sentir limpa novamente. Isso pode nunca acontecer, mas eu quero tentar.

Eu ouvi o que eles fazem com as garotas que tentam escapar. Contanto que sejamos obedientes, recebemos as pílulas, porque clientes bem pagos não gostam de garotas com marcas de agulha no corpo. Mas no momento em que uma garota cria problemas, eles mudam para a seringa. E acabou. Foi isso que aconteceu com a garota que desapareceu?

Recostando-me no assento, fecho os olhos e expiro. Vou continuar fingindo que ainda sou uma putinha obediente, pronta para aguentar tudo e esperar minha oportunidade. Terei apenas uma chance, então é melhor garantir que ela compense.

* * *

Eles sempre usam ternos.

Eu observo o homem sentado na beira da cama neste quarto chique onde o motorista me escoltou. Fim dos anos cinquenta. Linha do cabelo recuada. Ele está vestindo um terno cinza impecável e um relógio caro no pulso. Dois telefones no criado-mudo. Provavelmente um banqueiro. De novo.

O quarto é o esperado para um cliente como ele. Cortinas pesadas e luxuosas em vermelho escuro - a cor do sangue - e uma cama de dossel com lençóis de seda preta para esconder as manchas de sangue. Um candeeiro alto em cada canto

e um móvel de madeira abastecido com diferentes licores. Apenas os melhores rótulos, é claro. Já estive neste quarto uma vez, mas lembro que o banheiro é igualmente chique, com uma banheira grande e um chuveiro. Tem um kit de primeiros socorros embaixo da pia. O motorista usou porque o cliente com quem eu estava naquela noite me deixou com um corte feio no lábio.

O Sr. Miller faz um gesto para que eu me aproxime. Encurto a distância entre nós e fico entre suas pernas, tentando me desvencilhar do que virá a seguir. Era muito mais fácil com os comprimidos.

— Linda, — diz ele e coloca a palma da mão na minha coxa logo abaixo da bainha do meu vestido branco curto. Parece que é a cor preferida de todas as clientes. — Quantos anos você tem?

— Tenho dezoito anos, Sr. Miller.

— Tão jovem. — Sua mão viaja para cima, puxando meu vestido. — Me chame de Jonny.

— Sim, Jonny, — murmuro.

— Dolly disse que seu nome é Daisy. Pequeno e doce. Adequado. — Um arrepio percorre meu corpo ao ouvir o nome que me deram porque acharam o meu muito incomum. Eu desprezo-o. Só de ouvi-lo me dá vontade de vomitar.

O Sr. Miller levanta meu vestido sobre minha cabeça e o joga no chão. Ele cai como um pequeno pacote branco aos meus pés. Não sei por quê, mas os clientes que tiram meu vestido sempre me batem mais forte do que tiram minha calcinha. Cada vez que isso acontece, parece que a última camada da minha defesa é arrancada de mim. Estremeço.

— Você me acha atraente, pequena Daisy? — ele circula minha cintura com as mãos.

— Claro que sim, Jonny, — eu digo automaticamente. Estava enraizado em meu cérebro com os punhos durante meu primeiro dia de treinamento.

— Hum... — Suas mãos apertam minha cintura, em seguida, puxam minha calcinha rendada, também branca, pelas minhas pernas. — Eu geralmente gosto devagar. Mas você é muito doce. Acho que não posso esperar.

No momento em que ele tira minha calcinha, ele me joga na cama. Fico ali, imóvel, e o observo tirar o paletó. Sua gravata é a próxima, e meu corpo treme quando ele afrouxa o nó. Um dos meus clientes anteriores enrolou a gravata em volta do meu pescoço enquanto me fodia por trás, puxando-a toda vez que ele empurrava para dentro de mim, cortando meu ar. Fecho os olhos aliviada quando o Sr. Miller joga a gravata no chão. Ele começa a despir a camisa, mas apenas abre os dois primeiros botões e vai para a calça. Meu ritmo de respiração aumenta. Pelo menos ele removeu a gravata. Eu posso lidar com a camisa.

— Abra bem as pernas, querida, — diz ele enquanto coloca a camisinha. O cara que dirige a organização é muito rigoroso com a proteção, mas é mais importante garantir que os clientes estejam seguros do que a segurança das meninas.

O Sr. Miller rasteja pela cama até que está pairando sobre mim. A veia ao lado de seu pescoço pulsa. Ele me observa com os olhos arregalados, então abaixa a cabeça e lambe meu peito nu. Cerro os dentes, desejando não recuar. Não termina bem quando eu recuo. Espero que a música venha, tornando isso um pouco mais fácil de bloquear. Não. A última vez que ouvi a música foi naquela noite de neve. Às vezes, quando deito na cama, tentando dormir, batuco os dedos na cabeceira como se isso ajudasse a chamar a melodia. Mas não ouço como antes.

As mãos carnudas do Sr. Miller agarram o interior das minhas coxas, abrindo minhas pernas. No momento seguinte, seu pau empurra dentro de mim de uma só vez.

Isso dói. Sempre dói, mas sem as drogas para embaralhar minha mente, é mil vezes pior. Eu inclino minha cabeça para cima e olho para o teto enquanto ele bate em mim novamente. Em momentos como esse, tento me desconectar, me afastar mentalmente e ir em direção a uma lembrança feliz, esperando me desligar de mais um estupro.

Graças a Deus, uma memória surge em meu cérebro.

É o verão antes do meu segundo ano do ensino médio. Estou sentada no jardim, lendo, enquanto minha irmã gêmea persegue seu maltês ‘bombom’ pelo gramado. Pobre animal. Ela até colocou um laço de seda amarelo na cabeça dele. Quando Sienna disse que queria um cachorro, eu tinha certeza que Arturo diria que não. Nosso irmão não gosta de manter animais dentro de casa. Não tenho ideia de como ela conseguiu convencê-lo a deixá-la ter um.

— Asya! — Sienna grita. — Venha!

Eu aceno minha mão para ela e continuo lendo. O mistério do assassinato está simplesmente sendo desvendado e estou ansiosa para ver quem é o culpado. Tenho certeza que é...

Um jato de água fria espirra em meu peito. Eu grito e pulo da cadeira, olhando para minha irmã. Ela está segurando uma mangueira de rega na mão, rindo como uma louca.

— Você está morta! — Eu rio e corro em direção a ela. Ela ainda está dobrada de tanto rir quando a alcanço. Pego a mangueira, puxo a gola de sua blusa e mando a água escorrendo por suas costas.

Sienna grita e se vira, então agarra a mangueira, tentando direcioná-la para mim, mas acaba espirrando água em seu rosto. Ainda estou rindo quando levanto minha mão livre para enxugar a água dos meus olhos, mas paro no meio do movimento. Minha mão está vermelha. Olho para a mangueira em minhas mãos. Está derramando um líquido vermelho no chão ao redor dos meus pés. Sangue.

Abro os olhos e encaro o teto branco acima de mim enquanto o cheiro de suor se infiltra em minhas narinas. Sim... o truque da memória feliz nunca funciona tão bem.

O Sr. Miller continua batendo em mim, sua respiração ofegante soprando em meu rosto e gotas de suor pingando em mim. Ele geme alto, o som me lembrando de algum animal enorme em fúria. Abruptamente, ele para e puxa para fora. Seu peso desaparece. Eu levanto a cabeça do travesseiro e o vejo caído de joelhos ao pé da cama, com as mãos agarrando o peito. Ele está respirando com dificuldade. Seu rosto está vermelho enquanto ele olha para mim com os olhos arregalados.

— As... pílulas, — ele engasga. — No... blazer.

Eu apenas fico boquiaberta com ele por alguns momentos antes de me levantar da cama e correr em direção a seu blazer onde ele o havia deixado nas costas de uma cadeira. Encontro um frasco laranja no bolso esquerdo e a tiro. O Sr. Miller está caído de quatro, tentando respirar.

— Me dê... — ele ofega, levantando o braço em minha direção.

Eu olho para o frasco na minha mão e volto para cima, observando seu rosto afobado e olhos remelentos. Lentamente, eu chego mais para trás. Os olhos enormes do Sr. Miller me encaram. Recuo mais alguns passos até sentir a parede atrás de mim.

E então, eu observo.

Dura menos de dois minutos. Chiado. Respirações superficiais e difíceis. E, finalmente, um som engasgado. O Sr. Miller cai de lado na cama, a cabeça inclinada na minha direção, os olhos esbugalhados. Parece que ele está tentando falar, mas as palavras estão confusas. Não consigo entender o que está dizendo, mas vejo em seu rosto. Ele está implorando. Fico paralisada no chão, segurando o frasco de remédio na mão, e observo um homem morrendo diante dos meus olhos. A cada respiração que ele dá, sinto os restos da minha alma, ou o que resta dentro de mim, morrer um pouco mais. Até que não haja nada, apenas um buraco negro.

A porta à minha esquerda se abre e meu motorista entra. Ele corre em direção ao corpo do Sr. Miller, que está deitado imóvel do outro lado da cama, e coloca os dedos no pescoço do homem.

— Porra! — o motorista cospe e se vira para mim. — O que você fez, vadia?

Eu o ignoro. Por alguma razão, não consigo tirar os olhos do corpo na cama. Os olhos ainda estão abertos, e mesmo que eu não consiga vê-los claramente, parece que eles ainda estão olhando diretamente para mim. Um tapa cai do lado do meu rosto.

— Acorde, porra! Precisamos ir embora, — vocifera o motorista.

Quando não me mexo, ele agarra meu braço e começa a me sacudir. Um momento depois, sinto a picada de uma agulha em meu braço.

Não!

Essa picada desperta o que resta da minha autopreservação. O frasco de comprimidos cai da minha mão. Afasto meu braço, me viro e corro para o corredor.

Já é tarde da noite e o interior deste lugar parece deserto. As duas largas faixas amarelas ao longo do tapete ajudam-me a orientar-me e sigo-as, correndo por

vários corredores à procura de uma saída. Minha visão fica nublada e estou ficando tonta. Cada passo que dou é mais difícil do que o anterior, e sinto como se minhas pernas estivessem sobrecarregadas por blocos de concreto. Viro a esquina e continuo correndo até ver uma porta no final. Há um sinal de luz verde acima dele. Não consigo ler as cartas, mas só pode ser uma coisa. A saída.

Assim que chego à porta, agarro a maçaneta e corro para fora. É uma escada de incêndio. Estou enxergando em dobro e minha cabeça gira, me deixando mais tonta a cada segundo que passa, mas consigo agarrar o corrimão na terceira tentativa. Agarrando o ferro frio, desço os degraus, milagrosamente sem cair. No momento em que meus pés descalços tocam o chão, viro à esquerda e corro para um beco escuro. A buzina de um carro soa à minha direita e me viro bem a tempo de ver luzes ofuscantes brilhando em meu rosto antes que a escuridão me engula.

Pavel

— Merda!

Abro a porta do carro e saio correndo para a frente do meu veículo. Na estrada, a apenas trinta centímetros do para-choque dianteiro, encontra-se uma mulher completamente nua. Eu sei que não bati nela. Consegui parar o carro antes de alcançá-la, mas parece que há algo errado com ela. Seu corpo está tremendo como se ela estivesse com febre alta.

Eu me inclino e a pego em meus braços. O cheiro de colônia masculina rançosa invade minhas narinas enquanto ajusto meu aperto. A pele da mulher está extraordinariamente fria e ela treme tanto que, se eu não a apertasse contra o peito, ela escaparia de mim. Girando nos calcanhares, eu a carrego até ao carro. Deslocando seu magro peso em meus braços, de alguma forma consigo alcançar a maçaneta e abrir a porta traseira. Eu não tenho um cobertor, então uma vez que gentilmente a coloco no assento, eu tiro meu blazer e coloco sobre o corpo nu da garota. Ela imediatamente se enrola em posição fetal enquanto os tremores continuam a sacudir sua forma leve. Assim que estou de volta ao volante, aperto a discagem rápida no meu telefone e piso no carro.

— Doutor! — Eu vocifero no momento em que ele atende a ligação. — Tenho uma garota no meu carro que parece estar tendo uma convulsão, talvez. Devo tentar fazer alguma coisa ou dirigir direto para um hospital? Ou devo levá-la para você? Estou a cinco minutos daí.

— Sintomas?

— Ela está tremendo muito, e seus braços e mãos estão se contraindo. —
Eu lanço um olhar por cima do meu ombro. — Não parece coerente.

— Espuma na boca dela? Vômito?

Olho para a garota novamente. — Não. Não no momento.

— Traga-a aqui, — diz ele. — Se ela vomitar, você precisa parar o carro e garantir que ela não engasgue. Pode ser um ataque epiléptico ou uma overdose.

— OK. — Jogo o telefone no banco do passageiro.

Por sorte, o trânsito está tranquilo, então levo menos de cinco minutos para chegar ao prédio onde o médico tem uma pequena clínica no andar térreo, logo abaixo de seu apartamento. Como ele costuma fazer visitas domiciliares para a Bratva, ele só o usa quando alguém precisa de um ultrassom ou raio-x.

Estaciono na frente e levanto a garota do banco de trás. Seus membros ainda estão se contraindo incontrolavelmente, mas ela não está vomitando. Segurando-a em meus braços, ainda enrolada em meu blazer, corro em direção à porta de vidro que o médico está segurando aberta.

— Coloque-a na maca, — diz ele e corre para o gabinete médico. — Por que ela está nua?

— Não faço ideia. Ela saiu correndo de um prédio, desorientada, e desmaiou no meio da rua. Quase a atropeli com meu carro.

O médico se aproxima com uma seringa, se inclina sobre a menina e abre sua pálpebra. — Overdose. Afaste-se.

Eu dou alguns passos para trás e observo enquanto ele lhe dá uma injeção de alguma coisa, em seguida, coloca uma intravenosa com solução salina em seu braço.

— Vou tirar uma amostra de sangue para sabermos o que ela teve. Mas não terei os resultados antes de amanhã. Presumo que seja uma das drogas comuns, então dei-lhe algo para combatê-la. Isso reverterá os efeitos. — Ele pega um cobertor e coloca sobre a garota. — A menos que ela seja uma usuária inveterada, ela deve ficar bem em algumas horas. Basta levá-la para um abrigo ou algo assim e deixá-la para eles cuidarem.

Eu olho para a garota. Longos fios castanhos escuros estão caindo sobre seu rosto, escondendo-o de vista. Ela ainda está tremendo sob o cobertor, mas não há espasmos. Sua respiração também parece um pouco melhor. Que porra aconteceu com ela?

— Vou levá-la para minha casa hoje à noite, — digo sem tirar os olhos da garota. — Quando ela estiver melhor pela manhã, eu a levarei para casa.

— Você está falando sério?

— Sim. — Eu olho para cima e encontro o doutor olhando para mim.

— Você não pode levar uma viciada em drogas para sua casa.

— Não a deixarei no abrigo como se ela fosse um saco de lixo, doutor. — Um dos braços da garota está pendurado. Pego sua mãozinha e a enfio debaixo do cobertor ao lado dela. — E será só por esta noite de qualquer maneira.

O médico suspira e balança a cabeça. — Se ela for viciada, o que tenho certeza de que é, ela passará pela abstinência. Com o remédio que dei a ela, provavelmente começará imediatamente. Dependendo do que ela tomou e de quão pesada é, pode levar de alguns dias a duas semanas para passar.

— Mesmo que ela esteja nua, seu cabelo está limpo e suas unhas bem cuidadas. É mais provável que alguém a tenha drogado enquanto tentava agredi-la sexualmente, ou ela escapou de um parceiro abusivo.

O médico me observa e acena com a cabeça. — Tudo bem. Vou ver se tenho um kit de estupro. Também farei um exame básico. Espere lá fora.

Olho para a garota, que parece estar dormindo, e sigo em direção à saída. Começou a nevar. Eu me inclino contra a parede e olho para a rua à minha frente, me perguntando o que diabos aconteceu com aquela garota.

Quinze minutos depois, o médico sai e fica ao meu lado.

— Então? — Eu pergunto.

Ele não diz nada a princípio, apenas perscruta a noite.

— Doutor?

— Eles não 'tentaram' estuprá-la, — ele diz finalmente. — Eles a demoliram, Pavel.

Minha cabeça se move para o lado. — Explique.

— Alguém a atacou; definitivamente há evidências de trauma forçado. Parece que essa também pode não ter sido a primeira vez. Ela tem tecido cicatricial mais antigo. Peguei amostras para testes de DST e fiz um teste de gravidez. — Ele suspira e tira os óculos. — Eu a tratei o melhor que pude, mas ela vai precisar de analgésicos. Vou verificar se tenho algo não viciante que ela possa tomar e que não reaja com os remédios que lhe dei para reverter a overdose. Ela também tem hematomas, mas parecem ter vários dias. Há apenas uma marca de agulha em seu antebraço, e é recente. Eles provavelmente injetaram nela qualquer coisa com a qual ela teve uma overdose.

— Envie-me os resultados do teste assim que os receber, — eu digo com os dentes cerrados.

— Você está realmente levando-a para sua casa?

— Sim. — Volto para dentro.

— Pavel, — o médico chama atrás de mim. — Não sei qual será o estado mental dela quando acordar. Não lhe pergunte o que aconteceu, apenas leve-a para sua família. E diga que ela vai precisar de ajuda psicológica.

— OK. — Eu concordo.

* * *

Sento-me na poltrona e observo a menina adormecida enrolada no meio da minha cama. A princípio, pensei em colocá-la em um dos outros dois quartos, mas decidi não fazê-lo. Melhor estar por perto caso o estado dela piore.

Ela parece melhor. Sua respiração parece normal e o tremor parou completamente. Inclino a cabeça, observando seu corpo pequeno sob o edredom grosso. Ela ainda está nua debaixo das cobertas. Eu não queria arriscar manobrar seus braços e pernas para colocá-la em um dos meus pijamas. E se ela acordasse e pensasse que eu estava tentando machucá-la?

Agarro as laterais da poltrona reclinável e respiro fundo. Que tipo de bastardo doente abusaria de uma mulher dessa maneira? Especialmente alguém tão pequena. Eu fecho meus olhos e tento subjugar o desejo de correr para o meu carro, dirigir de volta para onde a encontrei e procurar o filho da puta que a machucou. Mas não posso arriscar deixá-la sozinha. E se ela tiver outra convulsão? Mas encontrarei o homem que ousou espancá-la e estuprá-la, ou qualquer outra tortura a que o doente de merda a sujeitou. E eu o farei pagar. Meu aperto nos apoios de braço

se intensifica, e o som fraco de madeira rangendo segue. A menina adormecida se mexe e eu solto a poltrona reclinável, não querendo acordá-la.

Não sei o que deu em mim e me fez decidir trazê-la para minha casa. Eu poderia facilmente tê-la deixado em um hospital e dito a eles para me enviarem a conta dos serviços. Não faz sentido, mas não consegui deixá-la em algum lugar. Faz anos que não sinto qualquer tipo de conexão com uma pessoa, mesmo as mais próximas a mim. Mas ver essa garota, tão ferida e desprotegida, mexeu com algo no fundo da minha alma. A necessidade de protegê-la de qualquer coisa que possa tentar machucá-la novamente veio visceralmente, mas com ela também tive o desejo de destruir. É estranho ter essa fome de violência crescendo dentro de mim novamente depois de tantos anos.

A garota rola para o outro lado e uma de suas pernas escorrega para fora do edredom. Levanto-me e coloco-a de volta sob as cobertas.

Ela parece bem no momento, dormindo profundamente, então decido tomar um banho rápido. Dentro do closet do outro lado do quarto, eu uso a lanterna do meu telefone para encontrar um par de calças de pijama pretas e cuecas boxer. Já estou na porta do banheiro quando um pensamento vem à tona e volto ao armário para pegar uma camiseta também. Quando estou em casa, costumo usar apenas a parte de baixo do pijama, mas a garota pode se assustar se vir toda a tatuagem no meu corpo. Ela provavelmente ficará assustada quando acordar em um lugar estranho, e não há necessidade de angustiá-la mais do que o necessário.

Eu coloco a água fria no chuveiro, esperando que isso me ajude a me livrar do desejo persistente de matar alguém. Não ajuda muito. Pressionando as palmas das mãos na parede de azulejos, levanto o queixo e deixo o jato frio me atingir bem no rosto. Enquanto a água gelada escorre pelo meu corpo, eu cavo dentro do meu cérebro, puxando para fora a memória de uma das minhas últimas lutas. A mais

violenta, já que preciso de alguma forma lidar com essa ânsia de destruir alguém. Meu oponente enfiou uma faca dentro do ringue e conseguiu cortar meu lado duas vezes antes que eu o dominasse. Eu me certifiquei de que ele soubesse o que eu pensava sobre suas ações quebrando suas costas e enterrando sua própria lâmina até ao cabo na base de seu crânio. A violência não é algo que eu goste, mas quando me encontro na toca de uma fera, inevitavelmente me torno a própria fera contra a qual estou lutando. Nada mais é do que sobrevivência. Reviver aquela cena ajuda a alimentar minha sede de destruição. Um pouco, pelo menos.

Não demoro mais do que cinco minutos no banheiro, então espero que a garota ainda esteja dormindo profundamente. Em vez disso, ela está se revirando na cama, seu corpo tremendo. Corro e pressiono a palma da mão em sua testa, achando-a quente. Ela está murmurando algo que não consigo decifrar porque seus dentes estão batendo demais. Inclino a cabeça tentando entender o que ela está dizendo.

— Frio... — sua pequena voz choraminga. — Tanto, tanto frio.

Pego o cobertor dobrado ao pé da cama, jogo sobre ela e pego meu telefone no criado-mudo.

— Doutor, — digo assim que ele atende, — a menina está com febre e tremendo como uma folha, dizendo que está com frio.

— Abstinência, — diz ele. — É uma reação normal.

— O que posso fazer?

— Nada. Seu corpo precisa passar por isso. Ela estará melhor em algumas horas. Mas pode acontecer novamente nos próximos dias. Certifique-se de contar isso à família amanhã.

— OK. Algo mais?

— Ela provavelmente vai se sentir mal amanhã, mas precisa beber líquidos. Tente lhe dar água assim que ela acordar, — diz ele. — Ah, e Pavel, eu provavelmente não preciso te dizer isso, mas seria melhor você não tocá-la ou entrar em seu espaço pessoal. Se ela enlouquecer de manhã, me ligue e eu chamarei Varya. Ela pode ficar com a menina até que a família dela venha buscá-la.

— Obrigado.

Eu abaixo o telefone e observo a garota novamente. Ela ainda está tremendo, mas acho que não devo cobri-la com mais nada. Ela ficará muito quente. Ouço o murmúrio de novo, mas ela está de costas para mim, então é difícil ouvir. Eu coloco meu joelho na cama e me inclino mais perto, tentando entender. Ela está chorando. Os gemidos são muito baixos, quebrados, e aquele som é de partir o coração.

O médico disse que eu não deveria tentar tocá-la, mas ela está delirando agora e provavelmente não sabe o que está acontecendo ao seu redor. Não suporto mais a ideia de não fazer nada. Eu estendo a mão e coloco minha palma em suas costas, sobre o cobertor, e acaricio levemente. Ela não se afasta, então me jogo na cama atrás dela, certificando-me de que meu corpo não toque o dela, e continuo acariciando suas costas. Depois de algum tempo, o choro para. Eu puxo minha mão, pretendendo me levantar quando a garota de repente se vira e enterra o rosto no meu peito. Eu fico ali, sem me mexer, sem ousar tocá-la, mas também incapaz de me afastar. Seu hálito quente sopra em meu peito enquanto ela se deita com os punhos cerrados e entre nossos corpos. Ela ainda está tremendo.

Um sussurro quase inaudível chega aos meus ouvidos. — Mais.

Eu olho para ela, sem ter ideia do que ela quis dizer com isso.

— Por favor.

A maneira como ela diz isso me irrita. É como um pedido de ajuda de uma pessoa que está se afogando. Lentamente, eu coloco minha palma onde eu acho que a parte inferior de suas costas pode estar. Eu realmente não posso dizer com ela embrulhada sob as cobertas. Movo minha mão em suas costas, para cima e para baixo. A garota suspira, se aconchega mais perto e enterra o nariz na curva do meu pescoço.

Já deve ser madrugada, mas não tenho certeza porque puxei as cortinas pesadas sobre as janelas. Eu deveria dormir um pouco. Tenho uma reunião com o pakhan esta tarde, depois da qual ficarei preso no clube até pelo menos às três da manhã. Em vez de fazer o que tenho certeza de que o médico aconselharia - ir para outro quarto -, fico onde estou, com uma garota cujo nome nem sei, e acaricio suas costas até que sua respiração se normalize e ela adormeça novamente.

Capítulo 2

Asya

A porta na parede oposta é enorme e é feita da madeira mais escura que já vi. Uma hora deve ter se passado desde que acordei. Eu não posso ter certeza, no entanto. Há um relógio na parede, tiquetaqueando, mas não ajuda porque não consigo ver os detalhes do rosto ou dos ponteiros. Com base na faixa de luz visível entre as cortinas, deve ser meio-dia.

Eu preciso desesperadamente fazer xixi, mas estou com medo de sair do meu lugar nesta cama. A última coisa de que me lembro é de seguir as linhas amarelas do corredor depois que saí correndo do quarto do Sr. Miller e encontrei a porta com a placa de saída. Eu não tenho a menor ideia de onde estou. Não sei como vim parar aqui. E não tenho ideia do que eles vão fazer comigo. Meu corpo está tremendo. A dor entre minhas pernas ainda está lá, mas não tão forte, e minha cabeça dói como se fosse explodir. Fora isso, me sinto bem. Fisicamente, pelo menos. Mentalmente? Mentalmente, também me sinto bem. Na verdade, eu me sinto ótima.

Isso não pode ser bom.

A porta se abre e alguém entra, então para abruptamente. É um homem, isso posso discernir mesmo a esta distância. Ele é alto e muito musculoso, vestindo uma camiseta preta e calças largas pretas. Seu cabelo é loiro escuro ou castanho claro. Isso resume tudo o que posso entender. Eu tinha uma semana até minha segunda cirurgia ocular programada, mas então... tudo aconteceu. O médico disse que esperava corrigir minha miopia quase totalmente.

O homem apenas fica parado ali, e eu me pergunto por quanto tempo ele planeja apenas me encarar.

— Bom dia, — diz ele finalmente, e um arrepio agradável percorre meu corpo. Nunca na minha vida conheci um homem com uma voz tão profunda. — Como está se sentindo?

Eu aperto meus olhos, tentando vê-lo melhor, mas ele ainda é apenas uma forma borrada.

O homem dá um passo hesitante à frente. — Você pode me dizer seu nome?

Posso, mas não estou com vontade de falar agora. Eu não sei por quê. Simplesmente não. Outro passo. Ele está no meio do quarto agora.

— Sua família provavelmente está preocupada com você. Você pode me dar o número deles para lhes ligar? Para que eles possam vir te levar para casa?

Sim, meu irmão e minha irmã provavelmente estão ficando loucos. Estou desaparecida há dois meses. Arturo deve estar se sentindo louco sem nenhuma informação sobre mim. Ele tem sido um pai e uma mãe para mim e minha irmã desde que tínhamos cinco anos. E Sienna, oh meu Deus, não consigo nem pensar nisso. Preciso ligar para eles para que saibam que estou bem.

Náusea abre caminho em minha garganta. Não quero ligar para Arturo, porque terei que lhe contar o que aconteceu. O que eu fiz. Não quero que minha família saiba que a irmã deles é prostituta e viciada. Eles provavelmente vão me dizer que tudo ficará bem. Meu corpo começa a tremer. Não ficará tudo bem.

Nada nunca ficará bem de novo.

— O que está errado? — o homem pergunta e dá mais um passo em minha direção.

Eles provavelmente pensam que estou morta. Bom. É melhor assim. Eu não valho a preocupação deles. Eu nunca seria capaz de olhá-los nos olhos. A irmã que eles conheciam não existe mais. Ela se foi. E em seu lugar está essa criatura nojenta e imunda que permite que as pessoas a violem e vendam seu corpo enquanto ela não faz nada para impedir. Nada! Meus dentes batem e não consigo respirar.

— Por favor, me diga o que há de errado.

Sua voz é tão calmante. Eu deveria estar morrendo de medo, tendo um homem desconhecido aqui, considerando o que eu passei. Mas não estou. O problema é que fizeram tantas coisas desagradáveis comigo que não há nada que ele possa fazer para me machucar. Tenho mais medo de Arturo e Sienna descobrirem do que ser violada novamente. Eu tento respirar mais fundo, mas não consigo. Só consigo controlar pequenos suspiros.

Uma mão entra no meu campo de visão e eu me encolho, esperando que ele me bata. Em vez disso, o homem pega o cobertor que caiu dos meus ombros e o envolve ao meu redor. Sua palma repousa nas minhas costas e se move lentamente para cima e para baixo. Ele fez a mesma coisa ontem à noite. Lembro-me de acordar e sentir um frio congelante quando uma mão começou a confortar minhas costas. Isso me fez sentir segura, algo que pensei que nunca mais sentiria. Eu senti ontem à noite.

Meus olhos se concentram no cobertor enrolado em mim porque não posso olhar para ele agora, mas posso finalmente encher meus pulmões. Fecho os olhos e uma leve melodia toca em algum lugar no fundo da minha mente. As notas são suaves, quase irreconhecíveis, mas ainda assim, meu coração pula uma batida. Achei

que tinha perdido minha música. Conforme a mão nas minhas costas continua seu caminho, para cima, para baixo e para cima novamente, a música fica um pouco mais alta. A ‘Sonata ao Luar’ de Beethoven. Profunda. Suavizante. Assim como a voz dele.

— Vou pegar um pouco de água para você, — diz o homem, e sua mão desaparece das minhas costas enquanto ele se afasta.

Eu grito.

Pavel

Congelo. Eu acidentalmente toquei sua pele ou fiz algo para provocá-la?

Com cuidado para não tocá-la, eu me afasto da cama, mas a garota de repente salta em minha direção. Seus braços envolvem meu pescoço, apertando-o com força, enquanto suas pernas envolvem minha cintura. Fico ao lado da cama, atordoado, com a garota agarrada a mim como um bebê coala. Ela enfia o rosto na curva do meu pescoço e está cantarolando alguma coisa. O quê agora? Devo tentar colocá-la de volta na cama? Ou devo apenas esperar até que ela decida descer?

Espero alguns momentos para ver se me deixará ir, mas ela se agarra a mim implacavelmente. Parece que estou preso a ela assim por enquanto. Com cuidado, passo um braço pelas costas dela e me inclino para pegar o pacote de analgésicos que o médico me deu no criado-mudo. Coloco o remédio no bolso da calça do meu pijama e coloco minha mão sob sua coxa. Como ela ainda está completamente nua, puxo o cobertor da cama e cubro seu corpo, colocando as pontas sob seu queixo.

— Vamos pegar um pouco de água, — eu digo e saio do quarto.

Eu carrego a garota para a cozinha. Ela não me solta enquanto pego uma garrafa de água na geladeira e caminho até ao armário para pegar um copo. Faço isso com uma das mãos, pois ainda a seguro com a outra, com medo de que ela escorregue e caia.

— Quer descer e beber sua água? — Eu pergunto.

Ela aperta os braços com mais força em volta do meu pescoço. Olho para o copo que coloquei no balcão e depois para a garrafa ao lado. OK. Eu não tenho a porra da ideia do que fazer.

— Escute, mishka, o médico disse que você precisa beber alguma coisa. Por favor, não me faça forçá-la.

Os braços em volta do meu pescoço apertam, depois afrouxam, e eu cuidadosamente a coloco no chão. A garota está na minha frente, segurando o cobertor com as mãos. Sua cabeça está abaixada, o cabelo caído em ambos os lados do rosto, escondendo-o de vista.

— Aqui. — Passo a ela o copo d'água e tiro o remédio do bolso.

No segundo em que coloco os comprimidos no balcão, a garota dá um passo para trás abruptamente.

— Eles são analgésicos. Olhe. — Pego dois comprimidos do frasco, jogo na boca e ofereço um a ela.

Ela olha para a pílula na palma da minha mão, dá um passo para trás novamente e esbarra na bancada da cozinha.

— OK. — Coloco o comprimido e o frasco no balcão e estendo o copo de água para ela. — Somente água. Tudo isso, por favor.

Quando ela bebe a água e me devolve o copo, eu aceno e pego. — Bom. Você quer tomar um banho?

A garota não responde.

Não há muita luz na cozinha. Eu costumo manter todas as persianas fechadas durante o dia porque é quando eu durmo. Inclino a cabeça para o lado,

tentando avaliar o olhar em seu rosto. Ela parece confusa. Sei que pode falar, então não entendo por que ela não está respondendo a nenhuma das minhas perguntas.

— Quer tomar banho? — Eu tento de novo.

Ela morde o lábio inferior e algo próximo à frustração passa por seu rosto, mas ela não responde. Nem mesmo um aceno de cabeça. O que eu farei com ela? Há lama em seu ombro e braço direitos, e um pouco de lama em seu cabelo. Provavelmente de quando ela caiu na rua.

— Tudo bem, levarei você para tomar um banho. Acene com a cabeça, mishka.

Uma exalação sai dos lábios da garota, e ela acena com a cabeça. Eu me viro para o meu quarto, mas imediatamente sinto um puxão na minha camiseta e olho por cima do ombro. A garota está bem atrás de mim, segurando o cobertor com uma das mãos e segurando a bainha da minha camiseta com a outra.

Ela me segue pela sala até meu quarto, segurando minha camisa o tempo todo. Quando chegamos ao banheiro, aponto para o armário à direita. — Você encontrará toalhas e alguns produtos de higiene básicos lá.

A garota permanece atrás de mim, ainda segurando minha camisa. Eu me viro para sair, mas um gemido baixo me para no meio do caminho. Quando olho por cima do ombro, encontro a garota com os lábios apertados e os olhos arregalados, procurando meu rosto.

— Quer que eu fique? — Eu pergunto.

Ela não responde. Não que eu esperasse que ela o fizesse. Mas seus olhos espiando entre os fios escuros emaranhados e perfurando os meus dizem o suficiente. Sem pensar, estendo a mão para tirar o cabelo de seu rosto, mas puxo minha mão abruptamente quando percebo o que estou fazendo.

— Tudo bem. Eu esperarei aqui. — Encaro a porta. — Deixe-me saber quando terminar.

A princípio nada acontece, mas alguns momentos depois ela solta minha camiseta. Eu a ouço fazer xixi e dar descarga. O chuveiro liga logo depois.

Eu fico olhando para a porta na minha frente, pensando. Não sou especialista em saúde mental, mas sei que o comportamento dela está muito errado. Parece totalmente o oposto do que eu esperaria de uma mulher que sofreu agressão sexual. Presumi que ela não gostaria de chegar a um raio de três metros de um homem desconhecido. Eu não esperava isso e não tenho certeza de como me comportar.

Um som de respiração rápida, como se ela estivesse hiperventilando, chega até mim. — Está tudo bem? — Pergunto por cima do ombro sem olhar para o chuveiro.

Há uma fungada e uma respiração mais pesada. Eu finalmente olho para dentro da baia e vejo a garota sentada no chão com o cobertor ainda enrolado nela. Ela está esfregando freneticamente a toalha na parte interna das pernas. A pele lá está tão vermelha que parece em carne viva.

— Porra. — Corro pelo banheiro, entro no chuveiro e me agacho na frente dela. — É o bastante. Você está limpa. — Pego sua mão e desembaraço seus dedos da toalha. Quase com relutância, ela a solta, soltando o cobertor ao mesmo tempo. A massa molhada cai de seus ombros. — Tudo bem.

O jato está escaldante enquanto chove sobre nós, mas seu corpo está tremendo. Eu a pego em meus braços e caminho em direção à penteadeira do banheiro, colocando-a cuidadosamente sobre o balcão. A toalha que usei antes está pendurada na parede ao meu lado. Eu agarro e envolvo em torno de seus ombros.

— Mishka, olhe para mim, — eu digo e seguro seu queixo entre meus dedos para inclinar sua cabeça para cima. — Preciso tirar minha camiseta ou vou molhar você de novo.

Minhas roupas estão completamente encharcadas, mas não acho uma boa ideia deixá-la aqui sozinha enquanto me troco.

— Tudo bem? — Eu pergunto.

Seus olhos avermelhados me observam, e eles estão indo para a frente e para trás como se ela quisesse dizer algo, mas seus lábios permanecem selados. Então, ela os separa e suga uma pequena respiração, seguida pelo som de seus dentes batendo. A forte luz LED acima da pia está brilhando diretamente sobre ela. Eu olho para o seu pequeno corpo enrolado na minha toalha e o cabelo castanho escuro caindo em volta do rosto. Não tive a oportunidade de vê-la tão bem até agora, e me impressiona como ela parece jovem.

— Cristo, baby. Quantos anos você tem? — Eu sussurro.

E, claro, não há resposta.

Pego um punhado do tecido da minha camiseta nas costas e a puxo sobre a cabeça, deixando-a cair no chão. — Não tenha medo. São apenas tatuagens, — eu digo.

O olhar da garota se move para o meu torso enquanto ela observa a multidão de cenas grotescas que cobrem minha pele. Ela semicerra os olhos e se inclina para a frente, examinando as formas negras. Seu olhar viaja para cima até que seu rosto esteja bem na frente do meu, dois olhos castanhos me encarando.

— Você pode, por favor, dizer alguma coisa? — Eu pergunto. — Seu nome?

Nada.

— Eu sou Pavel. Mas as pessoas geralmente me chamam de Pasha. É um apelido russo.

Seus olhos se arregalam com isso, mas ela não diz uma palavra.

— OK. Vamos levá-la para a cama e aquecê-la.

No momento em que as palavras saem da minha boca, ela se agarra a mim novamente, envolvendo os braços e as pernas como antes. Pego a toalha que caiu ao lado da pia, coloco em seus ombros e a levo para minha cama.

— Preciso me trocar, — digo enquanto cubro a garota com um cobertor.
— Vou pegar algo para você vestir também. Uma camiseta está bem?

Não sei por que continuo fazendo perguntas quando ela não responde. Depois de colocá-la na cama, atravesso o quarto e entro no meu closet. Coloco uma calça de pijama seca e coloco outra camiseta, depois vasculho tentando encontrar uma camiseta menor. Eu sei que tenho uma que Kostya me deu alguns anos atrás, que era muito pequena. Ele a encomendou com ‘Classy but Anal¹’ impresso na frente. Idiota.

Há um som arrastado e olho por cima do ombro para encontrar a garota parada na porta, com o cobertor enrolado em volta dela. Ela dá um passo para dentro e olha para a prateleira onde guardo minhas camisetas. Não são muitas, talvez dez no total. Eu só as uso quando treino. O resto do meu guarda-roupa consiste em roupas íntimas, calças de pijama, camisas sociais e ternos. Não possuo jeans, moletons ou outras roupas casuais. Jurei a mim mesmo anos atrás que nunca mais usaria jeans.

¹ Elegante, mas anal

Seu olhar cai para a prateleira de baixo, onde guardo meus sapatos, então se desloca para a direita, onde uma prateleira percorre toda a extensão do espaço. Há pelo menos trinta ternos e o dobro desse número de camisas penduradas nele. No momento em que ela vê isso, ela enrijece, dá dois passos para trás e sai correndo.

Pego a primeira camiseta da prateleira e saio do armário, encontrando a garota enrolada na cama de costas para mim.

— Vou deixar isso aqui para você, — eu digo e coloco a camisa dobrada ao pé da cama. Ela não reage.

Eu deveria pegar algo para ela comer, mas isso pode esperar. Ela precisa dormir mais. Eu me sento na beirada da cama, observando sua pequena forma. A ponta do cobertor está puxada até à testa. Estendo a mão para colocar minha mão em suas costas, sobre o cobertor, e acaricio-o. Ela solta um pequeno suspiro e relaxa um pouco sob minha palma. Ela está do outro lado da cama, então eu subo e me deito a uma distância segura dela, e volto a acalmar suas costas.

* * *

Algo quente pressiona meu lado. Abro os olhos e encontro a garota aconchegada em mim com o braço jogado sobre o meu peito e o rosto pressionado no meu braço. Parece que nós dois adormecemos. O relógio na parede do outro lado do quarto marca quatro da tarde. Merda.

Com o maior cuidado possível, desvencilho-me da garota adormecida e vou para o banheiro para me preparar para o trabalho. Quando saio quinze minutos

depois, ela ainda está dormindo. Eu considero acordá-la para que ela saiba que eu tenho que sair, mas decido não incomodá-la.

Não há muito na cozinha ou na geladeira porque eu costumo pedir comida ou comer no trabalho. Encontro alguns ovos, um pedaço de pão e um pouco de marmelada e coloco tudo no balcão para ela. Feito isso, escrevo uma nota rápida dizendo que fui trabalhar e que ela deveria comer. Depois, deixo na mesinha de cabeceira ao lado da cama. O cobertor deslizou de seu corpo, então eu a cubro novamente, mas em vez de sair imediatamente, eu a observo por vários longos momentos.

Asya

Frio. Tão frio. Enrolo o cobertor ao meu redor e sento na cama. Não há ninguém por perto. Onde ele está? Talvez ele esteja em outro quarto. Escuto em busca de sons, quaisquer sons, mas só há silêncio. A luminária de chão ao lado da cama está acesa, iluminando um pedaço de papel sobre o criado-mudo. Eu a pego e a aproximo do meu rosto. Eu fui míope toda a minha vida; preciso segurar a nota bem na frente dos meus olhos para ser capaz de distinguir claramente a escrita.

A nota diz que ele não estará de volta antes do final da noite. Coloco o papel de volta no criado-mudo. Ele me deixou sozinha em seu apartamento. Eu estremeço e enrolo o cobertor mais apertado ao meu redor. Que horas são? Quanto tempo terei que esperar até que ele volte? Volto para a cama até ficar encolhida no canto, entre a cabeceira e a parede, e fecho os olhos.

Que porra está acontecendo comigo? Quando acordei esta manhã, me senti completamente bem até que ele mencionou minha família. Só a ideia de eles descobrirem o que aconteceu comigo me fez perder o controle. Foi como se de repente eu fosse jogada em um abismo negro. A escuridão é muito familiar. Era o mesmo vazio onde passei os últimos dois meses, completamente desapegada de tudo o que acontecia ao meu redor. Ou para mim. Parecia que iria me engolir inteira. Como um gás venenoso invisível, seu sussurro tóxico cercou minha mente, querendo que eu o deixasse entrar. *Suja*, sussurrou. *Imunda. Ninguém nunca mais vai querer tocar em você.* Mas então, Pasha acariciou minhas costas. Ele não me achou repulsiva. As vozes pararam e o buraco negro se fechou.

Fico com a estranha convicção de que não voltará enquanto ele estiver por perto. Mas ele não está aqui agora.

Quando seu irmão descobrir o que aconteceu, ficará enojado, a voz sussurra em meu ouvido. Ele não vai mais te amar. Ninguém pode amar uma criatura tão miserável. Deixar estranhos foderem você, enquanto você não fazia nada para revidar. Repulsivo.

Eu inspiro e expiro lentamente, tentando bloqueá-lo. Não funciona.

É tudo culpa sua. Você trouxe isso para si mesma. Foi sua decisão ir com aquele cara.

Eu arrasto as mãos em meu cabelo e aperto como se puxar as raízes fosse arrancar a voz da minha cabeça. Mas continua.

Você pensou que ele era legal. Ele era um predador sexual que te estuprou e te jogou em uma rede de prostituição, e você o achou legal! Você não é capaz de raciocinar bem.

Estendo a mão para pegar o bilhete que Pasha deixou e me concentro nas primeiras linhas.

Ao acordar, você pode explorar o apartamento. Deixei um pouco de comida no balcão da cozinha. Coma.

É uma instrução. Não é uma pergunta. Eu não tenho que tomar a decisão sozinha. Eu só preciso seguir o que ele disse. Um suspiro de alívio deixa meus lábios. Segurando o bilhete na mão, desço da cama e, pegando a camiseta que ele deixou, saio do quarto.

O apartamento de Pasha é muito sofisticado. Tudo - desde a mobília escura moderna até aos tapetes macios e grossos e cortinas pesadas - parece caro. Não há

desordem, nem pequenas bugigangas nas prateleiras ou qualquer coisa assim. Encontrei outros dois quartos, significativamente menores do que aquele onde eu dormi. Eles não parecem estar em uso.

A sala é o maior espaço do apartamento, com uma TV montada na parede e um sofá e duas poltronas reclináveis na frente. Eu fico no meio da sala e olho em volta. Uma estante. Várias pinturas modernas nas paredes. É bom, mas tudo parece encenado como se fosse uma montagem para uma revista de design de interiores ou um showroom. É estranho estar em um lugar como este.

Em casa, todas as nossas prateleiras e paredes estão cobertas de fotos minhas e de Sienna, com uma aleatória de Arturo quando conseguimos convencê-lo a tirar uma foto conosco. As revistas de moda de Sienna e minhas partituras estão espalhadas. As almofadas do sofá não combinam. Há brinquedos para cães em todos os lugares. Produtos de cabelo aleatórios e bálsamos para o corpo geralmente se espalham em lugares estranhos, como o balcão da cozinha ou a prateleira da TV. Algo aperta meu peito quando penso em casa. Parece estranho, de alguma forma, como se minha casa pertencesse a outra pessoa.

Aperto o papel na minha mão com mais força e vou para a cozinha. As bancadas são pretas e brilhantes, com um fogão de vidro que parece nunca ter sido usado. O tamanho da geladeira preta parece armazenar comida suficiente para dez pessoas por semana, mas quando a abro, o único conteúdo são várias garrafas de água, uma caixa de leite, três tomates e um pacote fechado de queijo.

A bancada percorre toda a extensão da parede, mas o único item nela é uma cafeteira. Sem potes de especiarias, sem porta-copos. Nada. Apenas uma máquina de café. Na ilha, ele deixou um pouco de comida para o café da manhã para mim. Devo cozinhar alguns ovos ou apenas colocar um pouco de marmelada no pão? Um formigamento desagradável se espalha por minhas entranhas. É ovos ou

marmelada; acho que não consigo comer os dois. Mas quando penso em escolher um, a ansiedade no meu estômago se intensifica.

Que porra há de errado comigo que não posso tomar uma decisão tão idiotamente pequena? A mesma coisa aconteceu esta manhã quando Pasha me perguntou se eu queria tomar um banho. Eu estava imunda. Precisava de um banho. Mas quando ele perguntou, não consegui tomar a decisão. Eu agarro a borda da ilha e olho para as coisas deixadas para mim. Ovos ou marmelada? É uma escolha simples, caramba! Por que eu não consigo decidir?!

Depois de vinte minutos olhando, acabo fritando os ovos enquanto como uma fatia de pão com marmelada e me sentindo uma idiota o tempo todo.

Pelo menos a febre que eu tinha passou.

Quando termino minha refeição, já está escuro lá fora e não sei o que fazer. A nota dizia para explorar e comer. Não o que fazer depois disso. Eu poderia voltar a dormir ou talvez ler alguma coisa. Há um monte de livros na estante da sala de estar. Não consigo assistir TV sem meus óculos, a menos que fique bem na frente dela. Ler? Dormir? Preciso tomar uma decisão novamente, mas não consigo!

Agarrando os lados da minha cabeça, eu puxo meu cabelo e um gemido frustrado sai dos meus lábios. Leio a última parte da nota novamente.

Fui trabalhar e só volto às 3 da manhã. Se você está pensando em fugir, por favor, não faça isso. Espere até eu voltar.

Ele disse para esperar por ele. Simples. Direto. Inquestionável. A pressão no meu peito se dissipa. Estou a alguns passos da porta da frente. E espero. Qualquer

um que olhe para mim agora pode pensar que está vendo um cachorro treinado. Eu não dou a mínima. A única coisa que me importa neste momento é não sentir mais essa ansiedade avassaladora. Lidarei com a minha psique fodida outro dia. Sento-me no chão, envolvo minhas pernas com os braços e olho para a porta da frente.

Pavel

Meu telefone toca quando estou estacionando meu carro no final da longa fila de veículos parados na frente da casa do pakhan. A última da fila é uma grande moto vermelha. Algo importante deve estar acontecendo já que Roman chamou o alto escalão, incluindo Sergei. Pego o telefone no banco do passageiro e atendo a ligação.

— Doutor?

— Tenho os resultados da garota. No que diz respeito às DSTs, ela está limpa. Negativo na gravidez também. O exame de sangue mostra que ela está um pouco anêmica, mas é só isso.

— E as drogas?

— Bem, essa é a parte interessante. A substância encontrada em seu sistema não está listada. Parece que pode ser algo novo, algo que ainda não atingiu o topo.

— Isso é estranho.

— Espere, tem mais. Chegou o resultado do teste às pílulas que Vladimir deixou no outro dia. É a mesma coisa.

— Tem certeza?

— Sim.

— Contou a Roman?

— contei. Acabei de sair da ligação com ele.

Eu endureço. — Então... você contou a ele sobre a garota?

— Claro. Por quê? Não deveria?

— Não, só estou perguntando, — eu digo e aperto o volante até meus dedos ficarem brancos. O fato de ele ter contado a Roman sobre a garota não me agrada, e isso não faz sentido. Nunca senti necessidade de esconder nada do pakhan.

— Como ela está? — o doutor continua. — A família dela veio buscá-la?

— Ela ainda está na minha casa.

— O quê? Por que não ligou para os pais dela ou para alguém?

— Ela não vai falar. Na verdade, ela não disse uma palavra.

— Merda. Ela deve estar morrendo de medo. Devíamos ter deixado Varya ficar com ela até que sua família pudesse vir. Você provavelmente deveria ficar longe enquanto ela estiver lá.

— Sobre isso. — Eu esfrego meu pescoço. — Ela não parece ter medo de mim. Na verdade, ela está colada ao meu lado desde o momento em que acordou esta manhã. Não me deixa sair de vista dela. Ela até insistiu que eu ficasse no banheiro enquanto ela tomava banho.

— Hum. Esta não é minha especialidade, mas sei que as vítimas de agressão podem reagir de várias maneiras. Ela se encolhe quando você chega perto?

— Quando tentei sair do quarto para pegar um copo d'água para ela, ela gritou e pulou em meus braços. Nua, — eu digo. — Você tem algum conselho sobre o que devo fazer? Como me comportar até que eu consiga falar com a família dela?

— Nenhuma ideia. Eu não sou um psicólogo. Mas, farei algumas ligações e deixarei você saber o que eu descobrir.

— Obrigado, doutor.

Coloco o telefone na minha jaqueta e olho para o relógio. Eu não deveria tê-la deixado sozinha, mas tudo isso é novo para mim. Nunca tive alguém com quem me preocupar. Nunca tive que cuidar de alguém. E ninguém nunca cuidou de mim, então não tenho ideia do que estou fazendo.

* * *

Como presumi, quase todo mundo do círculo superior da Bratva está aqui.

O chefe da segurança, Dimitri, está ao lado da mesa de Roman, enquanto Mikhail está sentado na cadeira perto da janela. Mikhail supervisiona as operações de transporte envolvendo os produtos farmacêuticos da Bratva e também é responsável pela extração de informações. Em outras palavras, tortura, quando necessário. Sergei, o meio-irmão do pakhan, está encostado na parede ao lado da porta, girando a lâmina de uma faca nas mãos. Ele cuida das negociações com nossos fornecedores e compradores. E os mata ocasionalmente.

— A filha de Fyodor, Ruslana, foi encontrada morta, — Maxim, o segundo no comando, diz e coloca uma pasta amarela na frente de Roman. — O corpo foi encontrado em uma lixeira no subúrbio. Algum sem-teto tropeçou nele.

— Causa da morte? — Roman pergunta.

— Suspeita de overdose.

— Ruslana era uma boa jovem. Segundo ano na faculdade. Não parece que ela se envolva com drogas. — Roman acena com a cabeça em direção à pasta. — Quando desapareceu?

— Mês passado. O pai dela disse que ela foi a uma loja e nunca mais voltou.

— Ele registrou o desaparecimento de uma pessoa?

— Sim. Não deu em nada. Foi como se ela tivesse desaparecido da face da terra. Mas isso não é a coisa mais estranha. — Maxim tira um pedaço de papel da pasta e passa para Roman. — Aqui está o relatório do médico legista. Ela estava drogada com heroína, mas também encontraram vestígios de uma substância não identificada. Eu mexi alguns pauzinhos e fiz com que os resultados fossem comparados com as pílulas tiradas do traficante em Ural. Mesma coisa.

Após uma breve verificação do conteúdo, Roman pergunta. — Você acha que a heroína é um disfarce?

— Provavelmente. — Ele concorda.

— Drogas não são sorvete. Você não pode simplesmente criar um novo sabor na cozinha de alguém. — Roman tamborila com os dedos na mesa e olha para Mikhail, que está sentado à minha direita. — Conseguiu alguma coisa do traficante que Pavel pegou?

— Ele apenas repetia o que disse a Pasha, — diz Mikhail. — Um amigo deu-lhe os comprimidos em troca do perdão da dívida. Ele não sabia como seu amigo conseguiu as drogas ou o que eram. Não temos nada, apenas o nome desse amigo. Mas, parece que seu amigo desapareceu. Yuri tem homens de olho em sua casa. Assim que ele aparecer, eles o trarão.

Eu assisti Mikhail trabalhar com um cara uma vez alguns anos atrás. Ele transformou a tortura em uma forma de arte. Se Mikhail não conseguiu extrair mais nada do traficante, significa que não sobrou nada.

Roman deixa a pasta de lado e se inclina para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. — Agora, para a segunda questão. O que diabos há de errado com vocês, coletando mulheres inconscientes aleatórias e levando-as para casa com vocês?

Todas as cabeças se voltam para Sergei, que está sentado à minha direita.

— Ah, não olhe para mim! — Ele ri, — Eu tive a minha anos atrás e estou farto.

— E todos nós não nos lembramos da confusão monumental que resultou? — Roman vocifera. — As especulações ainda são desenfreadas em todo o México sobre o que aconteceu com o complexo Sandoval. Algumas pessoas não acreditam na besteira que o governo está empurrando sobre ser um terremoto, e pensam que foi um impacto de meteorito.

— Bem, já que Pasha não sabe nada sobre explosivos, eu diria que estamos bem. — Sergei sorri para mim. — Quer compartilhar algo sobre a garota que Roman me disse que você tem em casa?

A atenção de todos imediatamente muda para mim.

— Eu não tenho ideia de quem ela é. Ela não vai falar, — eu digo. — Mas quando a encontrei, ela estava envenenada com a mesma porcaria que está sendo vendida em Ural.

— Preciso de atualizações sobre esta nova droga, — diz Roman. — Quero saber quem está fazendo isso e com que propósito. E quero que eles sejam tratados. A filha de Fyodor era uma boa jovem. Todos os que estiveram de alguma forma envolvidos na morte dela vão pagar por isso. Com sangue.

Ele sacode a cabeça em direção à porta, o que significa que a reunião acabou. Kostya e Mikhail saem primeiro do escritório, e o resto de nós os segue.

Estou atravessando o saguão em direção à porta da frente quando ouço gritos femininos agudos. Eu me viro, vendo Kostya encolhido no canto, segurando protetoramente as mãos sobre a cabeça. Olga e Valentina o prendem, chorando e batendo nele com panos de cozinha. Parece que elas ainda não superaram o fato de que ele terminou com as duas. O pobre coitado teve que se mudar da mansão no mesmo dia em que disse que elas haviam feito isso para evitar danos corporais. Deixo Kostya com sua miséria e saio.

Meu telefone toca quando estou entrando no carro. É o médico.

— Onde você está?

— Apenas saindo da casa do pakhan, indo para Ural, — eu digo. — Por quê?

— Acabei de falar com uma amiga psicóloga. Ela costuma trabalhar com vítimas de agressão. Expliquei a situação para ela e contei sobre o comportamento da menina.

— E? — Eu mudo o telefone para viva voz e coloco o carro em marcha à ré. — Ela tem alguma ideia do que está acontecendo?

— Ela não ficou surpresa e presumiu que a garota desenvolveu um apego por você, — diz ele. — Aparentemente, algumas vítimas de agressão tendem a ficar longe dos homens. Especialmente estranhos, mas às vezes até membros da família. Outras, no entanto, formam um forte vínculo com quem as salvou. Elas se agarram ao seu protetor, mesmo que seja um homem.

— Eu não entendo, — eu digo.

— O trauma de ser agredida sexualmente é uma experiência repleta de violência. Transforma a sensação de segurança de uma pessoa, a maneira como ela vê o mundo e suas relações com outras pessoas. Parece que essa garota começou a

associar a sensação de segurança a você. Ela vê o resto do mundo como inseguro. Como seu salvador, você se tornou seu 'lugar seguro'.

— Eu não a salvei. Ela se salvou. Fugiu daquele prédio.

— Realisticamente falando, sim. Mas aos olhos dela, foi você quem a salvou. Não sabemos quanto tempo ela foi mantida em cativeiro e abusada sexualmente. Você levá-la para sua casa pode ser a primeira vez que ela se sente segura em dias. Semanas. Talvez meses.

— Caramba, porra.

— Vá para casa. Fale com ela. Ela precisa de ajuda profissional e precisa de sua família, — diz ele com voz grave. — E não deve ser deixada sozinha.

Assim que corto a conexão, ligo para Ivan e o mando para o Ural. É uma hora de carro da casa de Roman até à minha casa, e o tempo todo eu reflito sobre o que o médico disse. Eu deveria ter ficado com a garota. E se ela acordasse e estivesse com medo porque eu tinha ido embora? Ninguém em sã consciência teria deixado a garota naquele estado sozinha em um lugar estranho. Eu não estava pensando bem.

Bato no volante com a mão e pressiono o pedal do acelerador com mais força.

* * *

Quando abro a porta da frente, está escuro como breu lá dentro. Ela ainda poderia estar dormindo? Pego o interruptor, acendo as luzes e paro no meio do caminho. A menina está sentada no chão a poucos passos da porta com os braços em volta das pernas. Seu corpo está tremendo incontrolavelmente.

— Merda. — Eu me agacho ao lado dela, com a intenção de pegá-la, mas assim que eu a alcanço, ela pula em meus braços. Envolvendo-se ao meu redor como um coala novamente, ela enterra o rosto na curva do meu pescoço.

Segurando sob suas coxas, eu carrego a garota para o meu quarto. Minha intenção de baixá-la gentilmente na cama não sai como planejado quando seus braços e pernas me apertam com força.

— Sinto muito por deixar você sozinha, — eu sussurro e me sento na beirada da cama.

Há um cobertor enrolado perto de mim, então eu o pego e enrolo nos ombros da garota. Ela não se mexe, apenas se agarra a mim, ainda tremendo.

— Você está segura. — Coloco minha mão em sua nuca e acaricio suas costas com a outra no que espero ser um movimento reconfortante. — Você está segura.

Um pequeno suspiro deixa seus lábios e seu corpo relaxa em meus braços. Eu mantenho meus movimentos reconfortantes por pelo menos meia hora antes que ela levante a cabeça do meu ombro. Pego o abajur ao lado da mesinha de cabeceira, girando o interruptor para acender um pouco mais as luzes. A garota pisca algumas vezes, provavelmente se ajustando ao brilho repentino, então olha bem nos meus olhos.

— Se sentindo melhor? — Eu pergunto.

Ela não responde, apenas olha para o meu rosto por alguns segundos. Querido Deus, é tão jovem. Ela desenrola os braços em volta do meu pescoço e passa as mãos pelos meus ombros e pelo meu peito, parando nas lapelas do meu terno. Seus olhos baixam para onde estão suas mãos, e seu corpo de repente fica rígido. Eu

sigo seu olhar e vejo que está focado na minha gravata. Ela começa a tremer novamente e um gemido sai de seus lábios.

— O que está errado?

A respiração da garota torna-se mais rápida e superficial, e seus olhos continuam olhando horrorizados para a minha gravata.

— Olhe para mim. — Seguro seu rosto com as palmas das mãos e inclino sua cabeça para cima até que nossos olhares se conectem. Há pânico em seus olhos castanhos escuros. — Bom. Agora, respire.

Ela tenta, mas sua respiração falha. Outra tentativa. Seu lábio inferior treme e ouço um sussurro suave, mas não consigo entender o que ela está dizendo.

— Eu não ouvi você, meu bem. Pode tentar de novo?

Ela fecha os olhos e se inclina para a frente. Suas palavras são fracas perto do meu ouvido, — Eles sempre... usavam ternos.

Levo alguns segundos para entender a que ela está se referindo. No momento em que o faço, um arrepio percorre minha espinha. Ela disse ‘eles’. Plural. Achei que ela poderia ter um relacionamento abusivo com algum psicopata que a drogou.

Eu solto seu rosto e rapidamente tiro meu blazer, jogando-o no meio do quarto onde ela não verá. Então, começo a desfazer minha gravata. A garota olha para baixo, seu olhar fixo em minhas mãos enquanto estou puxando o nó, e o tremor em seu corpo se intensifica.

— Olhe para mim. — Consigo formar as palavras, falando com calma para não assustá-la. É difícil porque a raiva dentro de mim está ameaçando entrar em

erupção. — Olhe nos meus olhos. Boa menina. Vou jogar fora, ok? — Deixo a gravata cair no chão.

No momento em que a gravata está fora de vista, seu corpo relaxa um pouco, mas ela ainda está tremendo.

— Camiseta também? — Pergunto e, sem esperar pela resposta, começo a desapertar os botões.

A garota morde o lábio inferior e acena com a cabeça.

— OK, querida. — Abro o último botão e arranco a camisa. — Melhor?

Eu encaro seus olhos vermelhos, e Deus, ela parece tão perdida. Ela olha para baixo novamente e lentamente coloca a mão no meu peito nu. A ponta de seu dedo se move pela minha clavícula, onde minhas tatuagens começam, então lentamente desce. É um toque quase imperceptível, delineando as formas pintadas na minha pele.

— Receio não poder removê-las, mishka, — eu digo.

Seus olhos se voltam para os meus e, enquanto ela me observa, os cantos de seus lábios se curvam levemente para cima.

— Isso é um sorriso?

Ela dá de ombros.

Era um pequeno sorriso, mas ainda assim um sorriso. Transforma completamente o rosto dela, me dando um vislumbre da mulher que ela era antes de tudo o que lhe aconteceu.

— Qual é o seu nome, querida?

A necessidade de saber o nome dela, o mais ínfimo detalhe sobre ela, tem me comido vivo.

— É Asya, — diz ela em voz baixa. Nome incomum.

— Asya, — eu tento. Ele se encaixa nela. — É um nome muito bonito. E seu sobrenome?

— DeVille, — ela sussurra.

Levanto as sobrancelhas. — Você é italiana?

Ela acena com a cabeça.

O sobrenome soa familiar, mas não consigo identificá-lo. — Você é de Chicago?

— Nova Iorque.

No momento em que ela diz isso, a realização vem. — Você é parente de Arturo DeVille?

— É meu irmão. — Ela morde o lábio. — Você conhece Arturo?

O subchefe da Família Cosa Nostra de Nova York. Merda. Não conheço Arturo DeVille, mas Roman sempre garante que a Bratva tenha informações sobre cada pessoa conectada a nós de alguma forma.

— Sou membro da Bratva russa, mishka. A esposa de seu Don é irmã da esposa de um de nossos executores, — eu digo. — Precisamos ligar para o seu irmão imediatamente e avisá-lo de que você está aqui.

O corpo de Asya fica imóvel como uma pedra. — Por favor... não.

— Por quê? — Eu pergunto quando a náusea de repente toma conta de mim. — Ele tem algo a ver com o que aconteceu com você?

Ela balança a cabeça, em seguida, envolve os braços em volta do meu pescoço e se aconchega em meu peito. — Ele provavelmente pensa que estou morta. Eu quero manter dessa forma.

— Mas, ele é seu irmão. Ele provavelmente está ficando louco de preocupação. — Passo minha mão por seus fios castanhos escuros. — Você precisa dizer a ele que está bem.

— Eu não estou bem, porra! — ela vocifera, então desce do meu colo e me prende com seu olhar. — Essas pessoas estão me enchendo de drogas e vendendo meu corpo há meses. E eu deixei! Eu não fiz nada! Que tipo de ser patético simplesmente permite que isso aconteça sem revidar?

Ela está chorando enquanto grita. E eu deixo. A raiva é boa. Qualquer tipo de reação é bom. Então, eu não faço nenhum movimento. Não tento acalmá-la. Apenas sento na beirada da cama e a observo em silêncio.

— Você sabia que ontem à noite, quando você me encontrou, foi a primeira vez que tentei fugir? — ela continua. — Você quer que eu diga isso ao meu irmão? Ele me criou melhor do que ser um maldito capacho! Eu preferiria nunca mais vê-lo a que ele soubesse no que eu permiti que eles me transformaram!

Ela respira fundo e pega minha camisa do chão perto de seus pés. Pisando na beirada dela, ela usa as duas mãos para puxar o tecido, jogando todo o seu peso na tarefa, até que a camisa rasgue. Então, ela começa a triturar. Eu a observo com espanto. Achei que ela era mansa e delicada, mas ao observar sua gloriosa raiva, percebo o quanto eu estava errado. Há fogo nela e uma vida feroz. As pessoas que a machucaram, que quebraram seu espírito, não o baniram completamente. E encontrarei cada um deles e os farei pagar.

— Eu os odeio! Eu os odeio tanto! — ela grita e olha para mim. — E você? Por que diabos você está apenas sentado aí? Como pode simplesmente me assistir tendo um colapso mental e não fazer nada? — Ela joga um pedaço de pano rasgado na minha cara e grita de frustração quando não faço nenhum movimento. — Que porra há de errado com você? — Ela coloca as mãos no meu peito e me empurra. — Você não deveria tentar me acalmar?

— Não, — eu digo.

— Não? Você vai me ver desmoronar? — ela me empurra de novo. Então mais uma vez.

— Você não está desmoronando, Asya. — Estendo a mão e traço a linha de seu queixo com o polegar. — Você está se recompondo.

— Me recompondo? — Seus olhos se arregalam e ela explode em uma gargalhada histérica. — Quando acordei, não sabia se comia os ovos ou a marmelada! Eu não podia tomar a decisão mais básica. Passei vinte minutos olhando para as coisas que você deixou no balcão e tive que comer os dois porque não consegui escolher!

As últimas palavras se perdem em um ataque de choro. Seus ombros caem e ela olha para os pés descalços. Colocando meu dedo indicador sob seu queixo, inclino sua cabeça para cima até que nossos olhos se encontrem.

— O que você quer? — Eu pergunto.

Ela pisca para mim e duas lágrimas escorrem por seu rosto.

— Você os quer mortos?

Há uma respiração profunda, mas ela não responde. Reformulo minha pergunta em uma afirmação.

— Você os quer mortos.

Apertando os lábios com força, ela assente.

— Eles vão morrer, — eu digo. — O que mais você quer?

Sem resposta.

— Você não quer que sua família veja você assim.

Outro aceno.

— Eu nunca serei a pessoa que eu era antes, — ela sussurra.

— Não. Você não será. — Eu belisco levemente seu queixo. — E tudo bem. Eles vão te amar do mesmo jeito. O que aconteceu com você te mudou, Asya. Isso mudaria qualquer um. Irrevogavelmente. Você precisa aceitar a pessoa em que se tornou. Você ainda é você. Mudou, sim, mas isso não deve afastá-la das pessoas que se importam com você.

Ela funga e sobe de volta no meu colo. Mais uma vez, seus membros me envolvem e ela enterra o rosto na curva do meu pescoço. Murmúrios quase inaudíveis escapam de seus lábios, e eu inclino a cabeça para o lado para ouvi-la melhor. Depois que ela termina, fico olhando para a parede do outro lado do quarto por um longo tempo, pensando no que ela acabou de me pedir.

Se Roman descobrir, não vai acabar bem. Temos mantido um bom relacionamento com a Cosa Nostra, mas se eu deixá-la ficar, pode significar guerra. E se o irmão de Asya descobrir, ele provavelmente vai me matar.

Eu inalo e aceno. — Ok, mishka. Você pode ficar.

Capítulo 3

Asya

— Marmelada está bem? — Pasha pergunta e coloca a jarra no balcão.

Eu agarro a bainha de sua camiseta com mais força quando ele se vira para mim.

— Eu não tenho mais nada aqui, mas vou correr para a loja mais tarde e comprar mais comida. Eu raramente como em casa. Também encomendaremos algumas roupas para você.

Eu inclino a cabeça para cima e o encontro me observando. — Obrigada.

Estou usando outra de suas camisetas sem nada por baixo. Sem calcinha. Sem sutiã também. Parece estranho.

Quando acordei esta manhã, estava com febre de novo. Pasha me envolveu em um cobertor e me puxou contra seu peito. Ficamos deitados em sua cama pelo que pareceram horas até que meu corpo finalmente parou de tremer. Ele me carregou até ao banheiro e ficou lá enquanto eu fazia minhas necessidades e tomava banho. Depois que escovei os dentes, ele me enrolou em uma toalha felpuda e me levou de volta para a cama, onde esperei com os olhos grudados na porta do banheiro enquanto ele tomava banho.

— Quer café?

Olho para a máquina de café, me sentindo o ser mais patético do mundo.
— Não sei.

A palma da mão de Pasha pressiona suavemente minhas costas, movendo-se para cima e para baixo em um movimento suave. Respiro fundo e olho para cima para encontrá-lo me observando. Não há relutância em seus olhos. Sem censura. E sem pena.

— Você tomou café antes?

— Não, — eu sussurro.

— Que tal um chá? Eu tenho camomila, acho. — Ele abre o armário, tira um recipiente de metal e o coloca na minha frente.

Eu apenas olho para ele.

Ele levanta meu queixo com o dedo. — Você gostava de beber chá, Asya?

— Sim.

— Vamos supor que você ainda goste. — Ele sorri, e é tão bonito. — O que gostava de comer no café da manhã antes?

— Cereal com passas, — eu digo. — Às vezes, eu comia alguns com pedaços de chocolate.

— Então eu comprarei alguns desses. Que tal outros alimentos? Quais eram seus pratos favoritos? Você era alérgica a alguma coisa?

Eu fungo, tentando reprimir a vontade de chorar. Ele está fazendo as perguntas de uma forma que torna mais fácil para mim responder. Ele não está me pedindo para escolher, o que aumentaria minha ansiedade, mas sim me perguntando sobre os fatos.

— Nunca gostei de brócolis ou ervilhas. Todo o resto estava bem para mim, — eu digo. — Sem alergias alimentares.

— Você prefere pedir comida para viagem ou cozinhar para si mesma?

— Eu gostava de cozinhar.

Ele concorda. — Faça-me uma lista de ingredientes e irei ao supermercado amanhã. Vamos pedir algo para comer hoje, mas amanhã você pode preparar um de seus pratos.

Eu mordo meu lábio inferior. Isso exigiria escolher um entre muitos.

— Que tal lasanha para amanhã? Acho que nunca experimentei uma. Você gostava de fazer lasanha?

O peso pressionando meu peito se dissipa. Eu concordo.

— Bom. Vou pegar meu telefone para que você possa fazer essa lista para mim, mas primeiro, tomaremos café da manhã. OK?

— OK.

Eu o sigo pela cozinha enquanto ele coloca a chaleira para ferver e pega o pão. Espalha a marmelada metodicamente, certificando-se de que seja distribuída uniformemente por toda a fatia.

Há uma infinidade de pequenas cicatrizes que cobrem os nós dos dedos. Suas mãos e braços totalmente tatuados parecem estar em desacordo com o ambiente elegante e quase clinicamente impecável. Aproveito a oportunidade para inspecionar seu rosto um pouco melhor, incluindo seu maxilar forte e maçãs do rosto salientes, notando algumas cicatrizes em sua testa e várias outras em seu queixo também. Finalmente, olho em seus olhos. Não consigo distinguir a cor deles, no entanto, já que ele se eleva sobre mim pelo menos trinta centímetros.

Pasha para o que está fazendo e olha para mim. Por que seus olhos estão tão tristes? Solto sua camiseta e coloco a palma da mão sobre seu antebraço. Os músculos sob meus dedos ficam tensos e espero que ele se afaste, mas ele não o faz.

Aumento meu aperto nele e me inclino para o lado dele para me aproximar do calor de seu corpo grande. O som fraco da música chega até mim. Alguém, um vizinho provavelmente, deve ter ligado a TV muito alto, e sem pensar nisso, eu cantarolo junto com a música.

Pavel

Asya está enrolada sob as cobertas. Dei-lhe um cobertor extra quando ela não parava de tremer mais cedo. Está dormindo agora, enquanto eu ainda estou acordado, ouvindo sua respiração.

Ela estava bem esta manhã, mas depois do almoço passou mal e mal conseguimos chegar ao banheiro a tempo. Segurei seu cabelo enquanto ela esvaziava a barriga no vaso sanitário, depois a ajudei a escovar os dentes e a carreguei para a cama. Sua febre aumentou novamente, mas não foi tão ruim quanto da primeira vez. Eu não tenho um termômetro, então continuei pressionando as costas da minha mão em sua testa a cada cinco minutos, mas parecia que sua temperatura estava apenas ligeiramente elevada. A febre baixou há uma hora e ela finalmente parou de se revirar na cama.

Pego meu telefone no criado-mudo e digito uma mensagem para Kostya, perguntando sobre a situação nas boates. Um minuto depois, recebo a resposta - um monte de xingamentos russos e desejos de minha morte lenta e dolorosa. Aparentemente, ele não está feliz por ter que me substituir.

Quando liguei para o pakhan hoje cedo e pedi alguns dias de folga, sugeri que Ivan assumisse. Roman riu e disse que daria os tacos para Kostya porque era hora dele começar a trabalhar de verdade, em vez de apenas perseguir mulheres e queimar borracha regularmente.

Kostya começou a trabalhar ao lado de seu irmão, ajudando nas finanças da Bratva quando ele tinha apenas vinte anos, mas sempre foi uma criança problemática. Roman tem uma queda por ele, já que Kostya é o mais jovem do círculo interno. Eu acho que todos nós temos. Kostya é como o irmão mais novo de

todos, e ele descaradamente usa isso a seu favor, constantemente se livrando por causa de sua idade. Espero que não tenha nenhuma ideia maluca enquanto estiver me substituindo. Se ele decidir transformar meus clubes em clubes de strip-tease, vou estrangulá-lo.

Asya se mexe ao meu lado e eu rapidamente toco sua testa. Sem febre, graças a Deus. Quando afastos meus dedos, ela agarra minha mão e a coloca em seu peito. Parece que dormirei na mesma cama com ela novamente. Eu me espalho ao lado dela e observo seu rosto. Eu meio que entendo o raciocínio dela por não me deixar ligar para o irmão, mas, na verdade, não entendo nada. Não seria mais fácil para ela voltar para casa com sua família? Nunca experimentei dinâmica familiar, mas tenho certeza de que o irmão e a irmã dela fariam um trabalho muito melhor do que eu.

Estendo a mão e desligo a lâmpada, fechando os olhos. Mas o sono me foge. Como Asya acabou em Chicago? Quem são as pessoas que a levaram e a mantiveram? Existe uma conexão com a filha de Fyodor? Eu tenho tantas perguntas e zero respostas.

Inclinando minha cabeça para o lado, observo a forma adormecida de Asya. Ela ainda está segurando minha mão na sua. Preciso comprar mantimentos logo pela manhã. Não posso deixá-la comer pão e marmelada três dias seguidos. Também preciso comprar alguns produtos de higiene pessoal para ela. E roupas. Mas eu meio que gosto dela nas minhas camisetas.

Uma mecha de cabelo castanho cai sobre seu rosto, então eu estendo a mão e a movo com cuidado. Por que a deixei ficar?

Capítulo 4

Pavel

Eu fico na frente do espelho do banheiro. Jeans cinza e uma camiseta preta estão dobrados no balcão ao lado da pia. Eles me enjoam. Não me lembro há quanto tempo não uso jeans, provavelmente mais de uma década.

Não são as roupas em si que são o problema, mas sim as lembranças de vasculhar pilhas de roupas descartadas, principalmente jeans, tentando encontrar algo que servisse. Tudo estava sempre rasgado e sujo, e eu não tinha dinheiro para lavar a roupa antes de colocá-los. As pessoas me evitavam quando eu pegava o metrô, tornando minha vergonha quase palpável.

No momento em que comecei a ganhar muito dinheiro com lutas clandestinas, troquei todo o meu guarda-roupa de segunda mão por calças e camisas sociais. Eventualmente, mudei para ternos. Com o passar do tempo, mudei para roupas mais sofisticadas e acrescentei relógios caros e outros acessórios. Foi tudo um meio de esquecer o que fui durante os primeiros vinte anos da minha vida. Lixo. Alguém de quem as pessoas se afastavam rapidamente, ignorando minha presença. O engraçado é que, mesmo depois de quase quinze anos, ainda sinto o cheiro, seja das roupas, seja da comida meio podre que desenterrava das lixeiras dos becos atrás dos restaurantes, que sempre me cercaram.

Eu olho para o meu rosto no espelho, observando as pequenas cicatrizes espalhadas pelas minhas têmporas, pela ponte do meu nariz e queixo. Elas estão desbotadas agora, quase imperceptíveis, mas ainda me lembro das lutas que me

deixaram com cada marca. Eu nem tenho certeza de quantas vezes meu nariz foi quebrado. Sete? Provavelmente mais.

Eu mal tinha dezoito anos quando comecei a lutar por dinheiro. No começo era uma forma de colocar comida na boca, mas com o passar do tempo se transformou em outra coisa. As pessoas que vieram assistir, que cantaram meu nome... eles alimentaram o desejo profundo que sempre senti em minha alma. A necessidade de pertencer. A algum lugar. A qualquer lugar. A empolgação da multidão torcendo por mim fez com que eu me sentisse menos sozinho.

Não sei exatamente por que disse sim quando Yuri me abordou depois de uma das minhas lutas e me ofereceu uma vaga na Bratva. Talvez eu quisesse me sentir mais próximo da minha herança. Não havia nenhuma criança russa em lares adotivos quando eu era criança. Quando envelheci fora do sistema, quase havia esquecido minha língua materna. Os anos com a Bratva me ajudaram a recuperá-la, então não tenho mais problemas com o idioma. Mas não é o mesmo. Não parece mais minha primeira língua, mas o inglês também não.

Eu traço a cicatriz mais proeminente no lado esquerdo do meu maxilar com o dedo indicador. Por mais que eu tente esconder o passado, alguns lembretes, visíveis ou não, sempre permanecerão.

Foi por isso que deixei Asya ficar? Talvez eu tenha reconhecido uma alma gêmea tentando fugir do passado e quis ajudar. Afinal, eu sei como é não ter a quem recorrer. Mas temo que seja apenas parte do motivo. Minha verdadeira motivação é muito, muito mais egoísta. Eu estive sozinho toda a minha vida e me acostumei com isso. É assim que funciono. Mas depois que Asya tropeçou em meu caminho, percebi quão solitário eu estava e o quanto gosto de tê-la aqui, em minha casa. Eu aprecio o conforto que sua presença me traz. Desejo, na verdade, tanto que concordei em esconder de sua família a realidade de que ela está viva.

Estendo a mão e pego o jeans. É um dos cinco pares que encomendei online ontem, depois que percebi o efeito que os ternos tinham em Asya. Não posso ficar andando de pijama o dia todo e definitivamente não posso usá-lo para ir à loja.

Respirando fundo, coloco o jeans.

Asya

Pelo menos quinze sacolas se alinham no balcão em uma fileira perfeita. Pasha comprou coisas demais.

Quando ele voltou da loja, uma hora atrás, teve que voltar ao carro duas vezes para trazer tudo para cima. Depois de colocar a última sacola no final da longa fila, ele me pediu para guardar as compras que trouxe e fazer o almoço. Então, ele pegou seu laptop e, dizendo que tinha trabalho a fazer, desapareceu em seu quarto.

Desempacoto as compras da primeira sacola, deixando as coisas de que preciso para a lasanha na ilha da cozinha e guardo o resto. Eu deveria ter sido mais específica com minha lista de compras. Presumi que ele compraria qualquer marca de macarrão ou molho de tomate que encontrasse primeiro, mas, em vez disso, ele deve ter comprado todos os tipos disponíveis na loja. Existem quatro marcas diferentes de macarrão de lasanha, três molhos de tomate, seis tipos de outras massas e pelo menos dez variedades de queijos dentro dos primeiros sacos.

Pego as caixas de cereal das próximas três sacolas e as conto. São doze tipos diferentes: aveia, soja, trigo, alguns com frutas secas ou passas, um com mel, outros com chocolate e mais alguns com amêndoas.

Olho por cima do ombro para a porta do quarto. Eu esperava que Pasha ficasse na cozinha ou na sala, mas ele não voltou. No entanto, mesmo quando ele não está na mesma sala que eu, sabendo que ele está aqui, faz a voz terrível na minha cabeça recuar.

Depois que termino de guardar as compras, olho para as últimas sacolas no balcão. São grandes sacolas de boutique com alças largas de fita. Pasha disse que

compraria algo para eu vestir. Eu esperava algumas calças de moletom e algumas camisetas, mas as sacolas na minha frente estão cheias de roupas. Devo desempacotar isso? Ele só mencionou as compras quando me pediu para guardar as coisas que comprou. Eu me viro e vou até à ilha da cozinha para preparar a lasanha.

Fazer o almoço vestindo apenas a camiseta de outra pessoa e nada por baixo é estranho. Especialmente em uma cozinha pertencente a um homem que eu realmente não conheço. Estranho, mas ao mesmo tempo libertador. Concentro-me na tarefa à minha frente enquanto uma leve melodia toca no fundo da minha mente.

Pavel

— Não, você não pode trazer os compradores para Ural, Sergei, — digo ao telefone e suspiro.

— Por que diabos não? Você olhou para fora? Está congelando pra caralho. Minhas bolas vão cair se eu as levar para o depósito sem aquecimento e tiver que ouvir suas divagações por mais de dez minutos.

— A última vez que você conduziu uma reunião no meu clube, a equipe de limpeza passou duas horas tentando lavar o sangue e o cérebro da cabine VIP.

— Isso foi anos atrás, Pasha! — ele vocifera. — E você mudou o estofamento para couro escuro no mês passado. Lavar o sangue disso é moleza.

— Eu disse não.

— *Mudak*², — ele murmura e desliga.

Balanço a cabeça e volto para o pedido de bebidas que revisei no meu laptop. Como não irei ao clube, tive que cuidar dos assuntos mais urgentes e informar Kostya sobre o resto. Ele pode ser bom com números, mas logística não é seu forte. Olho para a hora no canto da tela e vejo que é pouco depois do meio-dia. Eu deveria verificar Asya novamente.

Estou enfurnado na escrivaninha do meu quarto há três horas, mas dou uma espiada em Asya a cada quinze minutos para ter certeza de que ela está bem. Ela parecia imersa na preparação do almoço, e sua postura relaxada dizia que ela estava gostando do processo. A última vez que a verifiquei, ouvi-a cantarolar uma

² Idiota.

melodia complicada. Espero encontrá-la zumbindo pela cozinha desta vez também, no entanto, ela não está à vista.

— Asya? — Eu chamo enquanto corro pela sala de estar, mas não há resposta.

Passo pela mesa de jantar, onde pratos e saladeiras estão colocados para dois. Uma grande bandeja de lasanha, cortada em quadrados, fica entre eles. Contorno a ilha da cozinha e paro. Asya está sentada no chão com as costas pressionadas contra o armário, os braços em volta das pernas. Ela está olhando para a janela na parede oposta com pânico em seus olhos.

— Asya? — Eu me agacho ao lado dela e coloco minha mão em sua nuca.
— O que está errado?

— Isso é... neve, — ela sussurra, os olhos fixos na cena diante dela.

— Você não gosta de neve? — Eu pergunto.

— Não mais, — vem sua resposta quase inaudível.

— Asya, me dê seus olhos, baby. — Eu roço meu polegar por sua bochecha. — Por favor.

Ela respira fundo, então vira a cabeça. Há um olhar tão assombrado em seus olhos. Vê-lo me atinge bem no peito.

— Vou abaixar as persianas, — eu digo. — OK?

— OK.

Fechando rapidamente as persianas da cozinha, vou para a sala de estar para puxar as cortinas pesadas sobre as janelas e voltar correndo. Asya não se mexeu, mas agora ela está olhando para o chão.

— Sinto muito, — ela murmura e olha para mim com os olhos lacrimejantes.

Eu me agacho na frente dela e seguro seu rosto entre as palmas das mãos.
— Você não tem nada para se desculpar.

— Eu sou uma pessoa covarde, — ela diz e pressiona os lábios com força.

Eu me inclino para a frente até que meu rosto esteja a apenas alguns centímetros do dela. — Você está reagindo por causa dos lembretes. Sua mente está sendo acionada por várias coisas, mas isso não significa que você é fraca. Entendeu?

Ela suspira e fecha os olhos. Algo se quebra dentro de mim ao vê-la tão derrotada. Cerro os dentes. Eu preciso ficar calmo pelo bem de Asya agora, mas eventualmente, irei aniquilar os filhos da puta que fizeram isso com ela.

— Mishka. Olhe para mim.

Seus olhos se abrem.

— Você não é fraca, — eu digo. — E você vai lutar e melhorar. Eu prometo.

Ela me observa por alguns momentos, então se inclina para a frente de modo que sua boca fique bem perto da minha orelha, deslizando para fora do meu aperto no processo.

— Eu matei um homem, — ela sussurra. — Naquela noite, eu escapei. Eu matei meu cliente.

Eu sofro para segurar minha raiva dentro de mim. — Bom, — eu digo com os dentes cerrados.

— Não me arrependo. Eu deveria. Mas não. — Seu braço vem ao redor do meu pescoço enquanto ela pressiona sua bochecha na minha. — Isso faz de mim uma pessoa má?

— Não. Você se defendeu de um predador sexual que a violou da maneira mais terrível. Na verdade, você lhe fez um favor.

— Um favor?

— Sim. Porque se você não o tivesse matado, eu teria. E acredite em mim, o que quer que você tenha feito não chegaria nem perto do que eu teria feito com ele. — Aperto sua nuca levemente. — Venha me mostrar o que você preparou. É a primeira vez que alguém cozinha para mim.

Asya se inclina para trás, seu rosto bem na frente do meu novamente, e coloca a mão na minha bochecha. — Obrigada. Por tudo.

Capítulo 5

Asya

Visto o pijama que Pasha comprou para mim e me olho no espelho do banheiro. A parte de cima não é tão ruim, talvez um ou dois tamanhos a mais. A parte de baixo é uma história diferente. Eu tive que enrolar na cintura e amarrar as pernas mais de duas vezes para garantir que elas ficassem no lugar e eu não tropeçasse enquanto caminhava. Eu verifiquei o rótulo e vi que é tamanho médio. Eu costumo usar extra pequeno.

O resto das roupas que ele pegou estão dobradas no longo balcão ao lado da pia. Todas elas também são médias. Ou Pasha nunca comprou roupas femininas ou não consegue adivinhar tamanhos tão bem. Notei duas prateleiras vazias no armário do outro lado do banheiro, então coloquei as roupas lá. Não quero me intrometer em seu espaço mais do que já fiz. Ainda não consigo acreditar que ele me deixou ficar.

Quando saio do banheiro, Pasha está saindo de seu armário, vestindo uma calça de pijama cinza escuro e uma camiseta preta.

— Vou deixar a porta aberta, — diz ele. — Se precisar de alguma coisa, estarei no quarto do outro lado do corredor.

Meu corpo fica rígido ao ouvir suas palavras. Envolvendo meus braços em volta da minha cintura, eu aceno e vou em direção à cama.

— Asya? Está tudo bem?

— Sim. — Subo na cama e me viro para a parede, puxando o cobertor até ao queixo.

O quarto fica em silêncio por um momento, mas então ouço o som de pés descalços se aproximando.

— O que está errado?

Agarro o cobertor na minha mão. — Você pode dormir aqui de novo?

— Aqui? Nesta cama?

— Por favor.

Ele não diz nada. Eu aperto meus olhos fechados, me odiando por pedir-lhe. Ele provavelmente pensa que sou uma fraca. Como se usurpar sua vida e seu espaço não bastasse, peço a ele que continue dormindo na mesma cama que eu. Abro a boca para dizer que mudei de ideia quando a cama afunda atrás de mim.

Deslizo minhas mãos sob o travesseiro, esperando que isso me impeça de me virar para ele e me aconchegar em seu peito. Essa atração inexplicável que sinto por ele me confunde, mas também me faz sentir nojo de mim mesma. Fui agredida e usada das formas mais degradantes, então o que eu deveria sentir por Pasha e qualquer outro homem seria aversão, medo e repulsa. Em vez disso, estou atraída por ele. Mas durante todo o tempo que estive aqui, ele nunca tentou nada, não me tocou de nenhuma forma que pudesse ser considerada sexual.

É porque você é imunda, sussurra a voz em minha mente. Bens estragados que nenhum homem jamais gostaria de tocar. Quantos paus já estiveram dentro da sua boceta? Demasiados para contar?

Viro meu rosto no travesseiro. Eu preciso que pare!

Você sabe o que você é? Uma vagabunda. Uma prostituta suja e imunda.

O braço grosso de Pasha envolve minha cintura e me puxa para seu corpo até que minhas costas estejam pressionadas contra seu peito.

— Fale comigo, — diz ele em meu cabelo.

Um arrepio percorre meu corpo por causa de sua proximidade, e não é um estremecimento ruim.

— Por que você não ligou para o meu irmão e se livrou de mim? — Eu pergunto.

— Porque eu entendo a necessidade de lidar com sua merda sozinha. E porque eu sei como é quando as pessoas se livram de você. — O braço em volta da minha cintura aperta. — Eu nunca faria isso com ninguém.

— Você está escondido aqui comigo. Não precisa ir trabalhar?

— Eu tinha alguém para me substituir. Mas terei que ir a uma reunião com o pakhan amanhã. Não demorarei.

Meu corpo enrijece enquanto o pânico sobe na boca do meu estômago. É completamente antinatural a maneira como me apeguei a ele, mas não consigo me livrar do sentimento de pavor que se forma com a ideia de ele não estar por perto.

— Ok, — eu sussurro.

— Você vai reconsiderar falar com a psiquiatra?

Aperto os lábios e balanço a cabeça. Pasha tem tentado me convencer a falar com a médica de saúde mental desde esta manhã. Ele disse que ela tem experiência com casos como o meu. Eu não posso fazer isso. A ideia de falar sobre isso com alguém que não seja Pasha me deixa doente.

— Tudo bem, mishka. Vamos esperar mais alguns dias.

— Isso significa alguma coisa? Mishka?

— Um filhote de urso.

Ele me chama de filhote de urso. Que carinho estranho. Eu viro minha cabeça para olhar para ele. — É porque eu gosto de me agarrar a você?

— Sim. — Ele levanta a mão como se fosse tocar meu rosto, mas se afasta. — Vamos dormir.

Concordo com a cabeça e me viro para a parede, fingindo que estou tentando dormir. Não consigo superar o fato de que ele disse sim quando perguntei se podia ficar em vez de me mandar de volta para minha família. Era tão escandaloso que eu tinha 100% de certeza de que ele recusaria. Não o fez. E ainda acho difícil acreditar que ele concordou em não contar a ninguém quem eu sou.

Um leve toque roça a parte de trás da minha cabeça. Não tenho certeza do que é, mas parece um beijo.

Capítulo 6

Pavel

— Aquela garota ainda está na sua casa? — Roman pergunta assim que entro em seu escritório.

— Sim. — Concordo com a cabeça e me sento ao lado de Maxim.

— Bom. Você precisa perguntar a ela como conseguiu as drogas. Yuri ainda não conseguiu localizar o cara que forneceu as pílulas, então sua garota é nossa única pista.

Eu encontro o olhar do meu pakhan e balanço a cabeça. — Não.

— Não? — Ele arregala os olhos para mim.

— Se ela mesma me disser alguma coisa, eu deixarei você saber. Mas não vou fazê-la falar, a menos que ela queira.

— Por que ela não iria?

— O médico não lhe disse? — Eu pergunto.

— Me disse o quê? Ele disse que você encontrou a garota, ela teve uma overdose e você a levou para casa.

— Ela foi abusada sexualmente, Roman. Acho que as pessoas que a pegaram tinham uma rede de prostituição.

Roman olha para mim, um músculo pulsando em seu maxilar. A caneta em suas mãos se parte em duas. O tema das mulheres abusadas sempre foi um assunto delicado no que lhe diz respeito.

— A garota está bem? — ele pergunta com os dentes cerrados.

— Está melhor.

— Bom. Não lhe pergunte nada. — Ele acena com a cabeça e volta sua atenção para Maxim. — Qual é o problema com os albaneses que você queria discutir?

Maxim tira os óculos e cruza os braços sobre o peito. — Parece que de repente eles obtiveram uma grande quantia de dinheiro. Um dos caras de Anton relatou que viu o genro de Dushku gastando uma quantia insana em um dos cassinos da Cosa Nostra.

— Quanto?

— Dezenas de milhares por noite. Várias noites seguidas.

— Julian é um idiota que nunca ganhou um centavo. Ele está tirando dinheiro de Dushku há anos.

— Bem, parece que de repente ele tem mais do que pode gastar, — diz Maxim. — Ele poderia estar envolvido nessa coisa de drogas novas?

— É melhor que não esteja. Porque se alguém da organização criminosa albanesa se atreveu a trazer suas drogas para o meu território, não vai gostar das consequências de sua decisão. Deixei as coisas bem claras para Dushku quando tivemos nossa conversinha alguns meses atrás, depois da confusão com os irlandeses.

— O que aconteceu com os irlandeses? — Eu pergunto. Como estou mais focado em administrar os clubes, nem sempre estou atualizado sobre outras questões de negócios. A última coisa que me lembro sobre os irlandeses é que eles tentaram acabar com a Bratva alguns anos atrás e quase mataram Kostya. Sergei eliminou seu líder e vários outros homens de primeira linha, e Roman expulsou o resto de Chicago.

— Eles estabeleceram uma base em Nova York, — diz Roman. — Don Ajello me enviou uma mensagem há alguns meses, dizendo que Dushku começou a colaborar com os irlandeses e entregou um grande carregamento de armas para eles. Dushku fez isso apesar de conhecer muito bem minha posição sobre os irlandeses.

— Foi apenas uma remessa? — Eu pergunto. — Ou Dushku ainda trabalha com eles?

— Apenas uma. Pouco depois, Ajello cuidou dos irlandeses porque o idiota do Fitzgerald sequestrou sua esposa. Ajello enlouqueceu.

— Ele matou Fitzgerald?

— Ele mesmo o cortou com uma faca. — Roman sorri. — Não conheço o homem, mas já gosto dele.

— O que você pretende fazer com os albaneses, Roman? — Maxim intervém.

— Temos alguém lá dentro que pode ficar de olho no que eles estão fazendo? Precisamos saber de onde veio esse dinheiro.

— Uma das garçonetes de Baykal visita Dushku regularmente, — eu digo. — Talvez ela possa convencê-lo a falar sobre seus negócios.

— Vamos tentar isso por enquanto. — Ele concorda. — Se acabar sendo Dushku por trás disso, vou estripá-lo pessoalmente.

* * *

Quando saio do carro, indo para a frente do meu prédio, noto um veículo familiar estacionado do lado de fora da entrada. Yuri está sentado ao volante de seu SUV branco, acenando para mim.

— O que está acontecendo? — Pergunto enquanto deslizo para o banco do passageiro.

Ele apoia os cotovelos no volante e me encara. — Não sei. Diga você.

— Nada. Por quê?

Ele balança a cabeça e olha para a rua além do para-brisa. — Eu te conheço há dez anos, Pasha, então não me venha com essa merda. Você está planejando deixar a Bratva?

— Não. Porque você pensaria isso?

— Você deixou Kostya assumir seus clubes. Você praticamente morou em Ural e não deixou ninguém cobrir você, nunca. Quando tentei convencê-lo a fazer uma pausa alguns meses atrás, você disse que não pode funcionar a menos que esteja trabalhando.

— Bem, eu decidi fazer essa pausa agora.

— Então, você está voltando?

Eu me recosto no assento e olho para o meu prédio. Já se passaram cerca de três horas desde que saí para a reunião com Roman e passei cada segundo desse tempo pensando em Asya. Ela está bem? Comeu? E se ela estiver com fome e não conseguir decidir o que fazer? Ela está com medo de ter sido deixada sozinha? E se eu chegar em casa e ela não estiver lá?

— Eu voltarei, Yuri. Não se preocupe.

— Quando?

— Quando ela for embora, — eu digo, olhando para as janelas do terceiro andar. Não consigo ver as luzes lá dentro porque as persianas estão fechadas. E se ela se assustou de novo? Eu odeio deixá-la sozinha.

— Ela? A garota que você tem na sua casa?

— Sim.

— Vocês dois estão?... em uma relação?

— Não.

— Não entendo.

Eu olho para o meu amigo. Seu maxilar está contraído e há uma preocupação em seus olhos. Aos sessenta e cinco anos, Yuri é o mais velho do círculo íntimo da Bratva. Ele se tornou uma figura paterna para os soldados que trabalham sob seu comando, mas também protege ferozmente o resto dos homens da Bratva, independentemente de sua posição. Sempre achei estranho como ele pode se importar tanto com os caras que não são sua família, enquanto há pessoas no mundo que não dão a mínima para sua própria carne e sangue.

— Você já conheceu alguém que sente que é uma parte que falta em você?
— Eu pergunto. — Uma peça que você nem sabia que estava perdendo até que tropeçou em sua vida?

— Não, na verdade não. Você acha que aquela garota é essa peça?

— Eu a conheço há uma semana.

— Não foi isso que perguntei.

— Eu sei. Mas isso realmente não importa. Ela vai partir em breve, de qualquer maneira. — Eu agarro a maçaneta da porta. — Voltarei ao trabalho assim que ela o fizer.

— Talvez ela não queira ir embora.

— Sim, claro, — eu digo e saio do carro.

Capítulo 7

Asya

Estou parada no meio da box, olhando para as duas garrafas na prateleira do canto. A preta é o sabonete líquido masculino que uso desde que cheguei aqui. Tem um aroma amadeirado com um toque de cítricos e sálvia. Estava lá desde o início, e era a única. Agora, há um gel de banho diferente ao lado dele. Uma garrafa rosa com flores. Pasha deve ter trazido e deixado aqui para mim. Respiro fundo e a pego, mas no instante em que meus dedos se aproximam da garrafa, a ansiedade aumenta em meu peito. Eu olho de volta para a garrafa preta e movo minha mão para ela. A ansiedade se intensifica. Deixo minha mão cair. Passo mais de quinze minutos observando as estúpidas garrafas de sabão e cerrando os dentes a ponto de doer o maxilar. Eu finalmente pego as duas e as mando voando pelo banheiro, onde elas batem na parede e caem no chão.

Um estrondo soa na porta. — Asya!

Inclino as costas contra a parede de azulejos enquanto minha respiração fica entrecortada. Esta é a primeira vez que tento tomar banho sem que Pasha esteja no banheiro comigo. Senti-me tão orgulhosa de mim mesma antes, quando disse a ele que não precisava vir comigo. Ele sorriu um pouco e disse que ficaria do outro lado da porta por precaução.

— Asya? — Outro estrondo. — To entrando!

A porta se abre e Pasha entra correndo, olhando em volta. Seus olhos caem para as garrafas no chão, e então seu olhar se encaixa em mim. Suas profundezas

cinza metálico, não azul claro como eu pensava originalmente, me examinam da cabeça aos pés - questionando, avaliando... preocupado. A intensidade deles me atrai, me aterrorizando de uma forma que alivia minha ansiedade.

— Eu não pude escolher qual porra de sabonete para usar, — eu digo e fecho os olhos, sentindo-me completamente derrotada.

— Merda, — Pasha murmura. Alguns segundos depois, sua palma áspera acaricia minha bochecha. — Desculpe. Eu não estava pensando.

— Não é sua culpa que eu seja um caso perdido. — Suspiro.

— Você não é um caso perdido, mishka.

— Sim claro. — Eu bufo. — Você deveria me levar para o hospital psiquiátrico mais próximo e me deixar lá.

— Asya, olhe para mim.

Abro os olhos para encontrá-lo parado na minha frente, com a mão ainda na minha bochecha e a outra na parede ao lado da minha cabeça.

— Vai melhorar, — diz. — Eu prometo.

— Você não sabe disso.

— Eu sei. Você é uma lutadora. Vai demorar, mas você vai melhorar. Vamos, vamos te lavar. OK?

Eu aceno com relutância.

— Bom. Vou pegar aquele gel de banho.

Observo-o caminhar até ao outro lado do banheiro e pegar as garrafas do chão. Em seguida, ele retorna para dentro do box do chuveiro.

— Este é meu, — ele diz enquanto coloca o preto de volta na prateleira, — e o rosa é seu. Você usará esse.

Como ele pode estar tão calmo? É como se o meu ataque não o incomodasse nem um pouco.

— Agora, qual é o problema? — Ele olha para mim.

Eu mordo meu lábio inferior. — As toalhas.

— As toalhas?

— Toalhas de banho. Você tem azuis e brancas. Continuo usando as toalhas de mão depois do banho porque são todas brancas.

— Vou usar azul. Você tem a branca. Isso funciona?

Concordo com a cabeça, me sentindo uma completa idiota. Os dedos de Pasha seguram levemente meu queixo, inclinando minha cabeça para cima. — Algum outro problema com o banheiro?

— Não, — eu sussurro.

— OK. Devo esperar aqui?

Não quero que ele vá embora, mas balanço a cabeça mesmo assim. Não é fácil, mas depois das instruções dele, consigo tomar banho sozinha porque sei que ele ainda estará por perto.

Seus sorrisos. — Banho. Vista-se. Estarei esperando lá fora e tomaremos café da manhã quando você terminar.

O polegar de Pasha roça levemente ao longo do meu maxilar antes de sua mão cair do meu rosto. Ele se vira e sai do banheiro. Lentamente, levanto minha mão e refaço o caminho de seu toque.

Pavel

Coloco uma caixa de cereal no balcão na frente de Asya e vou até à geladeira para pegar o leite. Quando coloco a caixa ao lado do cereal, ela estende a mão para pegá-la, mas pego sua mão na minha.

— Ainda não, — eu digo.

Com a mão livre, abro o armário e pego um pote de geleia. Coloco ao lado da caixa de cereal, pego a manteiga de amendoim e o pão e alinho tudo no balcão. Asya inclina a cabeça para o lado, me observando.

Eu me movo para ficar atrás dela e aceno para as coisas no balcão. — O que você gostaria de comer no café da manhã?

Asya examina a variedade de comida e aperta os lábios.

Ela está aqui há duas semanas. Todas as manhãs, lhe dei leite e escolhi um cereal, certificando-me de que era um sabor diferente a cada vez. Asya sempre preparava uma tigela para nós dois e tomávamos o café da manhã na sala de jantar. Ela fica aflita quando precisa tomar até mesmo a decisão mais trivial, então fiz o possível para tornar isso mais fácil para ela. Mas é hora de ela ir além de sua zona de conforto, nem que seja um pouquinho.

— Por que você está fazendo isso? — ela pergunta por entre os dentes.

— O quê?

— Me pedindo para escolher.

— Se não puder, eu ajudo você. — Estendo a mão para colocar minha mão em sua cintura, mas me seguro e pressiono minha palma no balcão frio. — Mas

talvez você possa tentar. É apenas comida. Você não pode fazer uma escolha errada, então não se preocupe.

Ela agarra a borda do balcão à sua frente e olha para os itens. Um minuto se passa. Depois mais cinco.

— Está tudo bem, — eu digo. — Sem pressa.

A necessidade de acariciar suas costas ou dar um beijo em seu cabelo está me comendo vivo. Eu me esqueci uma vez e a beijei na nuca. Felizmente, ela já estava dormindo e não percebeu. Ela provavelmente se sentiria revoltada se descobrisse que me sinto atraído por ela. É errado em muitos níveis. Quando ela mencionou outro dia que só tem dezoito anos, só piorou a situação. Ela é quinze anos mais nova que eu. Eu preciso manter minha distância o máximo possível.

— Não posso. — As unhas de Asya arranham o tampo do balcão enquanto ela aperta mais, com o olhar fixo na caixa de cereal.

— Claro que pode, — digo enquanto luto contra a necessidade de tocá-la.

Fico encabulado cada vez que a vejo lutando para fazer até mesmo a escolha mais básica. Ela ainda não quer falar com a psicóloga, então tenho ligado a cada dois dias para pedir orientações. A psicóloga recomendou que eu criasse uma situação em que Asya precisasse tomar uma pequena decisão, mas não devo insistir se isso a deixar muito desconfortável. O médico sempre me diz que, para Asya melhorar, ela precisa de ajuda profissional. No entanto, isso só pode acontecer se Asya estiver pronta para aceitá-lo.

Alguns segundos depois, vejo a mão direita de Asya rastejando para a frente, em direção ao cereal, então ela para. Aproximo a caixa, mas me certifico de que ainda está longe o suficiente para que ela precise alcançá-la.

— Você disse que gostava de comer cereal em casa, — eu digo. — Você acha que suas preferências mudaram?

— Não.

— Então é seguro dizer que você escolheria cereal. Vamos, só mais alguns centímetros.

Asya franze os lábios e, no momento seguinte, sua mão diminui a distância até à caixa. Ela a agarra e a pressiona contra o peito como se fosse algo absolutamente precioso.

— Eu fiz isso, — ela murmura.

— Viu? Vai melhorar.

Ela gira e envolve sua mão livre em volta do meu pulso enquanto seu olhar perfura o meu. Sua palma se move para cima, ao longo do meu antebraço.

— Obrigada, — diz ela e se inclina para mim ligeiramente.

— Sempre ao dispor, mishka. — Eu relutantemente dou um passo para trás. — Vamos comer. Estou morrendo de fome.

Uma expressão estranha cruza o rosto de Asya quando sua mão cai do meu braço. Ela se vira e se ocupa em derramar o leite e o cereal em tigelas pretas combinando. Acho que nunca usei isso antes dela chegar. Na verdade, mais da metade dos utensílios de cozinha não eram usados, arrumados em gavetas e armários. De todas as coisas que possuo, usei apenas dois pratos, alguns copos e algumas xícaras de café. Não tenho certeza, mas posso ter usado o fogão apenas uma ou duas vezes.

Quando Asya termina de servir o cereal, levo as tigelas para a sala de jantar. Ela segue um passo atrás de mim, segurando a bainha da minha camisa em

sua mão, algo que ainda faz na maior parte do tempo. Só depois que chego à mesa ela solta minha camiseta e se senta à minha direita.

Ela é tão quieta o tempo todo. Quando come. Quando anda pela minha casa. Mesmo quando cozinha. Não há barulho de panelas ou talheres, nenhum barulho, a menos que ela esteja cantarolando para si mesma. Não consigo decifrar a música, mas a melodia soa familiar.

Eu me pergunto se ela estava tão quieta antes, ou se é uma consequência de tudo o que aconteceu com ela. Mas ainda há fogo nela. Pode estar reprimido lá no fundo, mas está lá. Quem a machucou, não o extinguiu completamente.

Capítulo 8

Pavel

— Preparada? — Eu pergunto.

Asya está de pé no meio do quarto com os braços em volta da barriga. — Não.

— Precisamos pegar algumas roupas para você. Nada do que comprei serve. — Eu aceno para a camisa que ela está vestindo, que é pelo menos dois números maior. As pernas da calça jeans que ela veste também estão enroladas. Como eu fodi tanto isso? Quando eu estava comprando as roupas, elas me pareciam pequenas. Asya pode ficar comigo apenas por um curto período de tempo, mas não a deixarei sair por aí puxando as mangas de suas camisas sem parar. Eu quero que ela se sinta confortável. — A loja fica perto e seremos os únicos lá.

Asya olha para o chão, mordendo o lábio inferior.

— Asya. Olhe para mim, querida, — eu digo, e ela relutantemente levanta a cabeça. — Não vou largar sua mão, aconteça o que acontecer. Você estará segura.

— Você disse 'segura', — ela murmura. — Você não disse 'ficará tudo bem'. Por quê?

— Porque provavelmente não ficará tudo bem. Você pode ficar com medo porque é a primeira vez que sai em público depois de quase três semanas. Você pode até surtar. — Eu aperto a mão dela. — Mas você estará segura o tempo todo. Entende o que estou dizendo, mishka?

Os olhos de Asya encontram os meus e, por um momento, fico surpreso com a confiança que vejo em suas profundezas. Roman confiou em mim com seus clubes quando me designou para gerenciá-los. Mas ninguém confiou sua vida a mim antes. Sentir-se seguro é uma das necessidades humanas mais básicas, e ela apenas depositou sua fé em mim.

— Você quer pegar o carro ou ir a pé até lá? — Eu pergunto. — Fica a apenas dois quarteirões de distância.

Ela apenas me observa, seus lábios apertados. Parece que ainda está tendo problemas para tomar decisões, mas está melhorando. Esta manhã abriu a geladeira e tirou o leite para fazer cereal para o café da manhã, provavelmente fez isso sem pensar. Antes de hoje, ela apenas abria a geladeira e olhava para dentro até que eu chegasse e pegasse o leite para ela. Eu nunca o admitiria, porque é absolutamente egoísta, mas secretamente gosto disso.

Nunca precisei de ninguém, ou melhor, nunca me permiti precisar de ninguém. E ninguém nunca precisou de mim. Esse conceito me era completamente estranho até agora. A ideia de Asya precisar de mim alimenta um desejo que eu não conseguia nomear antes.

Ainda estamos compartilhando a minha cama. Nas primeiras noites, pensei em usar um dos outros quartos, mas via o medo em seus olhos quando tentava sair e voltar a me deitar ao lado dela. Em algum momento, parei de tentar. Eu amo como ela se aconchega em mim quando acorda de um pesadelo, como se estar perto de mim fosse o suficiente para afugentar os monstros.

— Vamos sair a pé, então, — eu digo e saio da sala com ela me seguindo, sua mão firmemente apertada na minha.

* * *

Somos os únicos clientes na pequena boutique que escolhi. Liguei para o proprietário mais cedo e o instruí a garantir que ninguém mais entrasse até terminarmos. Também solicitei a limpeza de todos os funcionários da loja, exceto a atendente do caixa, que também foi instruída a não sair de seu lugar.

Asya para no meio da loja e olha em volta, seus olhos percorrendo as longas araras de roupas e as prateleiras de sapatos. Ela absorve tudo, respira fundo e aperta minha mão.

— Vamos começar com roupas íntimas, — eu digo e a levo para o canto mais distante da loja.

Asya examina as coisas em exibição, mas não faz nenhum movimento para pegar nada. Seus olhos vagam pela roupa íntima, demorando-se em alguns itens por alguns segundos a mais do que em outros. Geralmente são as cores vivas que chamam a atenção dela. Ela passa sobre as peças brancas como se não existissem.

Eu presto atenção em seu olhar enquanto ela olha para as roupas íntimas expostas, notando cada artigo em que seus olhos pousam por uma fração de segundo a mais do que o resto. Depois que ela termina com as vitrines, pego o menor tamanho de cada item que chamou sua atenção.

— Tudo certo? — Eu olho para ela e a encontro me observando. Seus olhos estão cheios de lágrimas não derramadas. Eu roço sua bochecha com as costas da minha mão, então aceno em direção ao armário à minha esquerda. — Vamos fazer camisas a seguir.

Repetimos a provação em todas as seções da loja e, como minhas mãos acabam cheias de roupas, Asya passa a segurar a manga da minha jaqueta. Quando chegamos ao vestiário, entro no reservado e coloco a pilha de roupas, junto com o casaco amarelo que ela cobiçou por quase um minuto e dois pares de sapatos, no banco ao lado do espelho.

— Você pode largar minha jaqueta e experimentar tudo, — eu digo.

Ela assente, mas não desiste.

Pego a primeira camisa da pilha e ofereço-lha. — Você está segura, mishka. Ninguém pode te machucar enquanto eu estiver aqui.

Os cantos dos lábios de Asya se erguem um pouco, e ela lentamente se solta.

Ela leva mais de meia hora para experimentar tudo, e apenas alguns itens acabam sendo grandes demais. Recolho as roupas que cabem debaixo de um braço e, pegando a mão dela na minha, saímos do vestiário. Enquanto estou pagando na caixa registradora, o carrilhão dos sinos sobre a porta soa atrás de nós. Eu me viro bem a tempo de ver um homem mais velho de terno cinza entrando na loja.

— Senhor Morozov! — ele sorri, caminhando em nossa direção. — Espero que sua experiência de compra tenha ocorrido conforme solicitado?

Asya enrijece, sua mão apertando a minha em um aperto louco. Eu olho para ela para encontrá-la olhando para o gerente da boutique com horror em seus olhos.

— Venha, baby, — eu digo, deslizando meu braço em torno de sua cintura. Ela pula e envolve firmemente os braços e as pernas em uma pose familiar.

— Foi tudo do seu agrado? — o idiota continua divagando enquanto se aproxima de nós. — Eu especificamente...

Agarro o gerente da loja pelo colarinho de sua camisa com minha mão livre enquanto apoio Asya com a outra. Eu o empurro e o jogo contra o pilar de concreto ao lado da caixa registradora.

— Que porra eu te disse? — Eu vocifero em seu rosto.

— EU... EU... por favor!

— Eu disse que apenas uma pessoa, uma mulher, pode entrar aqui até sairmos. — Eu o empurro para o pilar novamente, então mais uma vez para garantir. — Você é a porra de uma mulher?

— Não... por favor...

— Não. Você não é! — Eu vocifero.

Os dedos estão no meu cabelo, passando pelas mechas. Uma vez. Duas vezes. Viro a cabeça ligeiramente para o lado e minha bochecha pressiona a de Asya.

— Ele não quis fazer mal, — ela sussurra ao lado do meu ouvido.

— A estrada para o inferno é pavimentada com boas intenções, — eu digo. — Você conhece essa citação?

— Sim. — Outra carícia no meu cabelo. — É verdade e idiota. Deixe o homem ir.

— Ninguém te assusta e foge sem punição. — Eu libero a camisa do gerente da loja e dou um soco nele antes de me virar para o balcão para pegar nossas sacolas.

Saio da loja com Asya nos braços e a carrego por dois quarteirões até meu prédio. Algumas pessoas por quem passamos lançam olhares estupefatos em nossa

direção, mas rapidamente desviam o olhar quando veem a carranca de raiva em meu rosto. A maior parte da tensão de Asya diminuiu logo depois que saímos da boutique, mas ela manteve o rosto aconchegado na curva do meu pescoço, os braços e as pernas agarrados a mim com toda a força. Filho da puta estúpido, eu deveria ter quebrado o pescoço dele por assustá-la. Eu ainda estou tão lívido que tenho que resistir ao impulso de me virar e fazer exatamente isso.

Quando chegamos ao meu prédio, nem aceno para o segurança no saguão, apenas vou direto para o elevador e aperto o botão para o terceiro andar com o cotovelo. Assim que entramos na minha casa, deixo as sacolas caírem no chão e caminho até à sala. Asya ainda está colada ao meu corpo enquanto me sento no sofá.

— Você pode me soltar, mishka, — eu digo e acaricio seu cabelo com a palma da mão.

Ela apenas balança a cabeça e pressiona o rosto mais no meu pescoço. Um suspiro suave escapa dela, e então eu sinto algo molhado na minha pele.

— Por favor, não fique triste, querida.

Asya respira fundo e se afasta, olhando para mim. Lágrimas estão caindo em seu rosto, e seus olhos estão vermelhos e inchados. Mas ela não parece triste. Ela parece louca como o inferno.

— Estou tão cansada disso, — ela diz por entre os dentes e agarra a frente da minha jaqueta. — É. Doentio. Porra.

— Eu sei.

Suas mãos soltam minha jaqueta e ela segura meu rosto entre as palmas das mãos, olhando nos meus olhos. — Quero ir ao shopping.

Nossos olhares estão bloqueados. Parece que eu poderia me afogar nas profundezas escuras de seus olhos, e torna difícil pensar direito. — Não acho que seja uma boa ideia, Asya.

— Não posso viver assim. Em pânico por causa das coisas mais básicas. Escondida aqui, no seu apartamento. — Suas mãos se movem para a parte de trás da minha cabeça, enfiando os fios entre os dedos. — Eu quero minha vida de volta. Eu me quero de volta.

Sua última frase é quase inaudível. Eu levanto minha mão e enxugo as lágrimas de suas bochechas com meu polegar. — OK.

Asya acena com a cabeça e seus olhos caem para os meus lábios. Suas mãos ainda estão acariciando meu cabelo. Enquanto observo, ela respira fundo e se inclina para a frente. Ela vai me beijar. Deus, eu estive pensando em beijá-la por dias, me odiando por ter a ideia apodrecendo em minha mente. Ela é muito jovem e está terrivelmente ferida. Deixá-la me beijar não seria melhor do que atacar uma garota traumatizada.

— Asya, — eu sussurro. — Por favor, não, querida.

Asya

Meu corpo fica rígido ao ouvir as palavras de Pasha. Olho para cima para encontrar seus olhos me observando com preocupação. Apenas alguns centímetros estão separando minha boca da dele. Se eu for rápida, posso roubar um beijo rápido, mesmo que ele não queira.

Mas tão rápido quanto esse pensamento entra em minha mente, outro se segue. Não, eu sei como é ter algo tirado de você contra sua vontade. Eu não posso fazer isso com ele.

— Por que não? — Eu pergunto. — Você não quer produtos estragados, é esse o problema?

Os olhos de Pasha se arregalam e no instante seguinte sua mão dispara para cima, agarrando meu queixo. — Nunca mais diga isso, — diz ele por entre os dentes. — Nunca.

— Então por quê, Pasha? É ruim eu querer te beijar? — Eu me inclino em sua mão, com a intenção de diminuir a distância entre nós, mas ele não me permite.

Ele não diz nada, apenas olha para mim, suas narinas queimando. Eu me pergunto se ele está ciente de que enquanto está me segurando longe dele com a mão esquerda, a direita ainda está acariciando minha bochecha. Suspiro e me endireito, soltando seu cabelo.

O telefone em seu bolso toca. Ele o pega e o pressiona contra o ouvido, ouvindo o que a pessoa do outro lado está dizendo. Eu posso ouvir a voz fraca do outro lado. É masculino e parece agitado, mas não consigo entender o que está sendo dito porque ele está falando russo.

— Eu vou, — Pasha responde em inglês, depois abaixa o telefone.

— Você precisa ir trabalhar?

— Sim. Estou encarregado dos negócios do clube da Bratva. Estarei de volta em algumas horas, — ele diz. — Você ficará bem?

Eu não quero que ele vá, mas aceno de qualquer maneira.

— Eu pedi alguns mantimentos; eles vão deixá-los na porta da frente. Se você estiver cansada de cozinhar, pedirei algo para você no restaurante do outro lado da rua. — Ele roça o lado do meu queixo com a ponta do dedo. — Mas se você quiser fazer algo para o jantar e não conseguir decidir o quê, há um laptop na mesa de cabeceira do quarto. Pesquise pratos rápidos e escolha o primeiro que você sabe fazer. OK?

Eu aceno novamente. Ele não solta meu queixo. Em vez disso, seus dedos se movem ao longo do meu queixo até à nuca, onde ele os enterra no meu cabelo.

— Esvaziei a cômoda do quarto, você pode colocar suas roupas novas lá.

Então, ele percebeu que eu surtei quando vi os ternos em seu armário. — Você realmente precisa sair?

— Não demorarei. — Ele olha para o relógio na parede. — Preciso revisar alguns papéis com Kostya antes que o clube abra às dez. Estarei de volta às dez e meia.

— Você pode colocar o relógio para baixo?

Pasha olha para mim e posso ver a pergunta em seus olhos.

— Eu sou míope, — eu digo.

Sua mão na minha nuca se move de volta para o meu queixo e inclina minha cabeça para cima. — Por que não me contou?

Eu dou de ombros.

— Você usa óculos ou lentes de contato?

— Óculos. As lentes de contato irritam meus olhos.

Sua outra mão segura meu rosto e ele desliza a palma para cima, passando os polegares ao longo das minhas sobrancelhas e depois sobre a pele sensível sob meus olhos. — Vamos comprar óculos para você amanhã, quando formos ao shopping.

Ele solta meu rosto e remove seu relógio de pulso. — Isso funcionaria? — ele pergunta.

Eu encaro o caro relógio de ouro que ele colocou na minha mão. Ainda está quente de tocar sua pele. — Sim, — eu sufoco.

— OK. — Ele concorda. — Tome um banho. Você tem três pijamas - são todos iguais, então não precisa escolher. Guarde suas roupas novas. Coma. Espere por mim. Na cama, não no chão em frente à porta.

Eu desço de seu colo e o vejo sair, então vou para o banheiro para tomar um banho.

* * *

Eu seguro o relógio de pulso na minha mão. Onze e meia. Estou sentada na cama há duas horas e meia, olhando para essa coisa, e a cada minuto que passa, o pânico na boca do estômago se intensifica.

Fiz tudo o que Pasha me disse para fazer em uma hora, inclusive preparar risoto com frango. Foi o primeiro prato que apareceu na minha pesquisa no Google. Fazer comida geralmente era minha tarefa em casa. Eu gosto bastante de cozinhar, então posso preparar quase tudo, menos frutos do mar. A sensação escorregadia em minhas mãos sempre me fez estremecer, então Arturo estava no comando disso. Meu irmão é um cozinheiro incrível e foi ele quem me ensinou tudo. Ele tentou persuadir Sienna a aprender também, mas minha irmã queimou tudo. Meu palpite é que ela não sabia cozinhar e postar simultaneamente dezenas de fotos nas redes sociais.

Eu olho para o relógio novamente. Vinte para a meia-noite. Onde ele está?

Capítulo 9

Pavel

Três horas antes

Todo mundo está olhando. Os dois seguranças na entrada dos fundos do clube. A faxineira limpando as mesas. O barman. Eu os ignoro e subo as escadas estreitas que levam à galeria que abriga nossos espaços administrativos com vista para a pista de dança.

Passo pela sala onde dois seguranças estão debruçados na frente das telas, observando as imagens das câmeras, e entro no meu escritório. Kostya está sentado atrás da minha mesa, olhando para o monitor e clicando com raiva no mouse. Todo o tampo da mesa está coberto de papéis. Ao lado, duas xícaras de café vazias e um sanduíche meio comido com migalhas espalhadas por toda parte.

— Que porco. — Eu balanço a cabeça.

— Você escolheu a pior hora para tirar férias, — ele murmura e continua apertando o mouse. — Os contratos com fornecedores de bebidas precisam ser renovados. Duas garçonetes estão doentes e outra está de licença de maternidade. O sistema de vigilância caiu duas vezes ontem. Eu esqueci de pedir... — Ele olha para cima e me examina da cabeça aos pés. — Quem diabos é você e o que você fez com Pavel?

Eu aceno para a bagunça na mesa. — Limpe essa merda para que eu possa sentar e ver o que mais você estragou.

— Jeans? Realmente? E a porra de um moletom? — ele ergue as sobrancelhas e começa a rir. — Pasha, querido, você está bem?

— Hilário. Levante-se.

— Yuri ligou, — ele diz e recolhe os copos. — Eles encontraram o cara que forneceu essas pílulas. Ele o está trazendo aqui.

— Bom. — Sento-me e organizo os contratos espalhados pela mesa. Alguns têm manchas marrons redondas. — Espere por eles lá embaixo e leve o cara para a sala dos fundos quando eles chegarem.

— OK. Tem certeza de que não quer que eu chame o médico para verificar sua cabeça?

— Vai se foder, Kostya.

Estou quase terminando com a bagunça que Kostya fez quando o tiroteio explode no andar de baixo. Pegando minha arma na gaveta, corro para a sala de vigilância.

— O que está acontecendo? — Eu grito.

— Yuri e dois soldados entraram há dois minutos, arrastando um cara com eles. Esses veículos chegaram atrás deles, — diz o segurança e aponta para a tela que mostra o beco dos fundos. Dois carros com vidros fumê estão estacionados na esquina. — Oito pessoas saíram, mataram os guardas e entraram no clube.

— Ligue para Dimitri. Diga-lhe que precisamos de reforços e o doutor. Depois, desça. Agora! — Corro em direção à porta enquanto os tiros continuam soando lá embaixo.

A pista de dança está coberta de sangue. Três inimigos estão caídos no centro e, a meio metro de distância, o corpo de um garçom está esparramado com o rosto no chão. Do outro lado da sala, há mais dois corpos, provavelmente dos soldados que chegaram com Yuri. Kostya está agachado atrás do bar, atirando em dois homens perto da entrada. Eu miro no primeiro e atiro na cabeça dele. O outro se vira em minha direção, mas cai quando a bala de Kostya atinge seu pescoço.

— O resto? — Eu grito enquanto desço as escadas correndo.

— Eles foram atrás. — Kostya salta sobre o bar e corre em direção ao corredor que leva ao depósito. — Yuri está sozinho lá dentro!

Não ouço nenhum tiroteio enquanto corro atrás de Kostya. Isso não é bom. Ele vira à esquerda e eu o sigo alguns passos atrás. Entramos na sala dos fundos ao mesmo tempo, nossas armas levantadas.

Um hostil está de bruços no chão perto do armário de metal que guarda os materiais de limpeza. À direita, há mais dois homens. Um está obviamente morto, com um buraco na testa. Há um grande respingo vermelho na parede acima dele. O próximo a ele ainda está vivo, mas foi baleado na coxa e no ombro. Eu ando em direção a ele e pego sua arma e a de seu camarada. Outro homem de calça cargo e camisa xadrez está esparramado no meio do chão, com vários ferimentos de bala nas costas. Suas mãos estão atadas. Provavelmente é o cara que forneceu as drogas.

— Yuri! — Kosta grita em algum lugar atrás de mim. Eu me viro e um calafrio toma conta de mim.

Yuri está sentado no chão com as costas na parede. Todo o seu tronco está coberto de sangue. Corro para me ajoelhar ao lado de Kostya, que arranca sua camisa e a pressiona sobre o ferimento no estômago de Yuri. Tiro também meu moletom, enrolo-o e enfio-o no outro ferimento no meio do peito de Yuri. A camisa branca de

Kostya sobre o estômago de Yuri já está saturada e o sangue escorre por entre seus dedos.

— Onde diabos está o médico! — Eu vocifero e agarro Yuri pela nuca. — Yuri! Abra seus olhos!

Seus olhos lentamente se abrem, mas o olhar neles é desfocado.

— Fique conosco! Yuri! O médico está vindo, — eu grito.

Ele tenta me dizer algo, mas está muito fraco.

— Não. — Eu aperto seu pescoço. — Falaremos quando o médico consertar você.

Ao meu lado, Kostya pega o telefone e disca. Querido Deus, há tanto sangue. Eu cuidadosamente passo minhas mãos sobre o peito e os lados de Yuri e encontro outro ferimento acima de seu quadril.

— Porra. — Eu freneticamente tiro minha camiseta, pressionando-a sobre o ferimento. — Yuri, não. Não feche os olhos. Fique conosco.

Ele respira fundo e levanta a mão para agarrar meu braço, puxando-me para ele.

— Albaneses, — ele diz perto do meu ouvido, depois tosse. — Eu os ouvi... conversando entre si.

O aperto em meu braço afrouxa e a mão de Yuri cai no chão. Seus olhos azuis escuros ainda estão em mim, mas parecem vidrados. Dois riachos de sangue escorrem dos cantos de sua boca.

— Yuri! — Eu grito na cara dele. — Não se atreva a morrer em cima de mim! Yuri!

— Pasha, — diz Kostya. — Ele se foi.

Não! Yuri é responsável por me dar a única família que já conheci — a Bratva. Ele não pode ter ido embora.

— Yuri! — Eu o sacudo.

— Pavel, pare, — uma voz áspera diz atrás de mim, e olho para cima para encontrar o médico parado ali.

— Você está atrasado! — Eu grito.

— Não havia nada que alguém pudesse ter feito, — diz o médico, apontando para o chão. — Ele perdeu muito sangue.

Lentamente coloco Yuri no chão, me levanto e sigo em direção ao extremo oposto da sala. Agarrando o único albanês vivo pelo pescoço, dou um soco no rosto dele com toda a minha força.

— Por quê? — Eu pergunto, então o soco novamente. — Por que você estava aqui?

— Para descartar... de Davis, — ele murmura.

Eu soco sua cabeça novamente. E de novo.

— Pasha! É o bastante!

Eu ignoro os gritos de Kostya e continuo batendo no filho da puta enquanto o cheiro de sangue invade minhas narinas. Alguém tenta me empurrar para longe, mas eu o afasto e continuo socando o rosto do albanês até que tudo o que resta dele é uma massa de sangue e carne vermelha.

Quando termino, deixo o corpo cair no chão e sigo em direção a um dos armários. Pego duas toalhas de mesa de linho branco e as levo até onde o médico está ajoelhado ao lado do corpo de Yuri. Eu uso uma para limpar o sangue do rosto do meu amigo, depois fecho os olhos e cuidadosamente o cubro com o linho limpo.

— *Prashchay, bratan*³, — eu digo, então me viro e sigo em direção à porta, passando por Kostya ao longo do caminho.

— Caramba, porra, — Kostya murmura, olhando para o corpo do homem que matei com minhas próprias mãos. — Vou vomitar.

Quando volto ao meu escritório, pego uma vodca no minibar e dou uma boa tragada diretamente da garrafa. Tem um gosto ainda mais horrível do que eu me lembro. Sentando-me na poltrona reclinável ao lado do frigobar, tomo outro gole. Não me lembro da última vez que fiquei bêbado.

Alguém grita lá embaixo. Parece que Roman chegou. Levanto a garrafa e bebo de novo. Cinco minutos depois, mais barulho — algo está quebrando. Parece que alguém está jogando peças de mobília. Mais gritos.

— Dimitri! — Roman grita — Coloque Angelina no telefone. Agora, foda-se!

Parece que Sergei também está aqui. Levanto-me com a garrafa na mão e caminho até à parede de vidro para ver a cena abaixo. Sergei está parado no meio da pista de dança, segurando um banquinho quebrado na mão. Roman está de frente para ele, a palma da mão estendida em direção ao irmão, e ele está dizendo algo para Sergei, que parece que vai quebrar o banquinho na cabeça de Roman a qualquer momento. Dimitri se aproxima deles pelo lado, segurando um telefone na mão estendida. A cabeça de Sergei se volta para o telefone, seu olhar se concentra no dispositivo. O banquinho cai no chão. Sergei pega o telefone da mão de Dimitri, pressiona-o contra o ouvido e escuta por alguns momentos. Ele então joga o telefone de volta para Dimitri e sai.

³ Adeus, mano.

Eu provavelmente deveria ficar e ver se eles precisam da minha ajuda, mas não consigo engolir a ideia. Yuri se foi. O olhar em seus olhos enquanto ele olhava para mim durante aqueles últimos segundos de sua vida vai me assombrar pelo resto da minha. Balanço a cabeça e saio em direção à escada de incêndio.

Encontro Kostya encostado na parede perto da saída dos fundos. Ele olha para mim, depois para a garrafa na minha mão.

— Desde quando você bebe álcool? — ele pergunta.

— Desde hoje. — Eu inclino a cabeça em direção ao seu carro. — Preciso de uma carona.

Não nos falamos durante a meia hora de carro até minha casa, ambos com os olhares fixos na rua à nossa frente. Começou a nevar de novo, e me encontro obcecado pelos flocos brancos que caem do céu. Acho que também não gosto mais de neve.

Fecho os olhos, recosto-me no assento e tomo outro grande gole da garrafa.

Asya

A porta da frente se abre e eu expiro com alívio. Ele voltou. Um momento depois, algo cai no chão.

— Pasha? — eu grito.

Há alguns segundos de silêncio antes de eu ouvir sua voz.

— Sou eu, mishka. — Sua voz é estranha. Estrangulada.

Espero que ele entre no quarto, mas ele não vem. Eu encaro a porta aberta. Então, há um som de vidro quebrando e um baque.

— Pasha?

Nada. Eu fico tensa. Algo aconteceu. Eu jogo o cobertor, pretendendo ir procurá-lo, mas não consigo me mexer. Ele disse para esperar por ele na cama. Devo ficar aqui? Ou ir e ver o que aconteceu? Eu não posso decidir.

— Pasha? — Eu grito de novo. Sem resposta.

Minhas mãos começam a tremer. Algo ruim aconteceu. Eu sei disso porque isso é muito diferente dele. Eu me movo para a beira da cama, e os tremores em minhas mãos se intensificam enquanto a náusea sobe pela minha garganta. A ideia de sair da cama me dá vontade de chorar. Agarrando um punhado de lençóis em meus dedos, aperto e tento engolir a bile. Finalmente, corro pelo quarto a uma velocidade vertiginosa, batendo o cotovelo na porta. Eu calculei mal a distância. Ignorando a dor, irrompo na sala de estar.

— Pasha?

A lâmpada no canto está acesa, iluminando a sala com um brilho fraco, semelhante ao crepúsculo. A porta da frente está escancarada. A mesa estreita perto da porta onde Pasha deixa as chaves está virada no chão. Ele não está à vista.

Vou em direção ao console virado e sinto algo úmido e pegajoso no chão sob meus pés descalços. Sei que o interruptor de luz está próximo, então começo a sentir a parede com a palma da mão. Minha visão piora quando não há luz suficiente. Tanto o interruptor quanto a parede são brancos, dificultando a identificação. Quando o encontro, acendo as luzes e olho em volta.

Pasha está sentado no chão da cozinha, encostado na porta do forno. Seus olhos estão fechados. Há cacos de vidro por toda parte e o cheiro de álcool está no ar.

— Pasha?

Ele abre os olhos e inclina a cabeça para o lado, olhando para mim. — Desculpa, estou atrasado.

Com cuidado para não pisar no vidro, atravesso a cozinha e me agacho entre suas pernas. Ele não se parece com ele mesmo. Seu cabelo está uma bagunça, e está vestindo apenas jeans. Seu peito nu está salpicado com o que parece ser sangue seco. E tenho certeza que está bêbado. Estendo a mão e seguro seu rosto em minhas mãos.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

Ele fecha os olhos e se inclina para a frente até que sua testa toca a minha.

— Alguém morreu, mishka, — ele sussurra.

Eu passo minhas mãos por seu cabelo loiro escuro. Um dos fios continua caindo para a frente, sobre o olho.

— Quem? — Eu tento tirar aquela mecha de cabelo, mas ela acaba cobrindo seu rosto novamente.

— Yuri. Um dos executores da Bratva. Um amigo.

— O que aconteceu?

— Três semanas atrás, pegamos um cara traficando drogas – pílulas – em nosso clube. Foi a mesma substância que foi usada em você. Yuri encontrou o homem que fornecia as pílulas e o trouxe ao clube para ser interrogado.

— Você conseguiu algumas respostas?

— Não. Um grupo de homens os seguiu e entrou, atirando. Eles mataram cinco de nossos homens e depois foram para os fundos onde Yuri estava com o prisioneiro. — Ele balança a cabeça. — Mataram os dois.

— Sinto muito, — eu sussurro e me inclino para a frente, colocando um beijo no centro de sua testa. — Sinto muito.

Ele olha para mim então, nossos olhos tão próximos, e quando eu o encaro, meu coração palpita. Parece que uma borboleta está presa dentro do meu peito. Eu quero beijá-lo ou confortá-lo de qualquer maneira que eu puder. Do jeito que ele fez por mim. Mas não sei se ele vai aceitar. Então, em vez disso, apenas roço a parte de trás dos meus dedos por sua bochecha.

— Vamos para a cama, Pasha.

Ele respira fundo e lentamente se levanta, puxando-me com ele. Quando estamos de pé, ele olha para o chão da cozinha coberto de cacos de vidro.

— Merda. Por favor, me diga que você não se cortou.

— Estou bem. Vamos.

O olhar de Pasha cai sobre meus pés descalços. — Pise na ponta dos meus pés.

— Por quê?

— Eu não acho que é sábio carregar você enquanto estou neste estado, mishka.

Estou prestes a dizer que posso voltar sozinha, mas mudei de ideia. Envolvendo meus braços em volta da cintura de Pasha, coloco meu pé direito sobre seu sapato, depois o esquerdo. Sua mão esquerda desliza para as minhas costas, me pressionando mais perto de seu corpo.

— Vamos devagar, — diz ele. — Segure.

— Ok, — murmuro e pressiono minha bochecha em seu peito. Provavelmente acabarei com sangue no rosto, mas não me importo.

Pasha agarra a lateral do balcão com a mão livre e dá um passo à frente. Então mais um. Eu me mantenho pressionada contra seu corpo enquanto ele caminha pela cozinha. Os cacos de vidro se quebram sob a sola de seus sapatos a cada passo. Quando chegamos à sala, ele apoia a palma da mão na parede e olha para mim. Não há vidro tão longe da cozinha, mas não tiro meus pés de cima dos dele. Em vez disso, aperto sua cintura com mais força. Algo se passa entre nós, como uma troca sem palavras. Ele está silenciosamente me dizendo que estou segura para deixá-lo ir, mas eu respondo que não vou, mesmo que não haja mais necessidade de segurá-lo. Como se reconhecesse minha resposta não dita, Pasha acena com a cabeça e continua nos levando até ao quarto.

Quando chegamos à cama, solto sua cintura e subo sob as cobertas. Segurando a ponta do edredom, dou um tapinha no travesseiro ao lado da minha

cabeça. Pasha me observa por alguns momentos, então tira os sapatos e se enfia debaixo das cobertas ao meu lado.

— Conte-me sobre o seu amigo, — eu digo e me aconchego ao seu lado.
— Como ele era?

— Conheci Yuri há dez anos. Ele veio para uma das minhas lutas. Depois que a partida acabou, ele se aproximou de mim e perguntou se eu gostaria de concentrar minha energia e habilidades em outro lugar.

— Lutas? — Eu pergunto.

A pausa silenciosa dura quase um minuto. — Antes de ingressar na Bratva, ganhava dinheiro lutando em lutas clandestinas, — diz ele finalmente. Não consigo ver seu rosto, mas sua voz está cortada. Ele está preocupado que eu possa pensar mal dele por causa de como ele ganhava a vida?

Eu pressiono minha mão no centro de seu peito e enterro meu rosto em seu pescoço. — Yuri recrutou você para a Bratva?

— Sim. Ele estava no comando de soldados de infantaria. Três anos depois, quando o cara que dirigia os clubes foi morto, o pakhan me promoveu ao cargo, dizendo que meus ternos de três peças deixavam os outros soldados inquietos. Mas Yuri estava sempre por perto, me importunando para sair com os caras. Ele disse que eu precisava relaxar.

— E você? Seguiu o conselho dele?

— Não. Eu não sou realmente uma pessoa sociável, mishka.

Sim. Também tive essa impressão. Eu movo minha mão para cima e passo meus dedos pelo cabelo na parte de trás de sua cabeça. Uma melodia vem à mente.

— *The Rain Must Fall*⁴ de Yanni. Lenta e triste. Pacífica. Eu canto a música enquanto passo meus dedos pelo cabelo de Pasha.

— Por que você me deixou ficar aqui? — Eu pergunto.

Pasha suspira e coloca o queixo no topo da minha cabeça. — Não sei. Por que você quis ficar?

Venho me fazendo essa pergunta há semanas. — Também não sei.

⁴ A Chuva Deve Cair

Capítulo 10

Asya

A porta do elevador aparece na minha frente, e eu tento desesperadamente controlar o pânico que está crescendo lá dentro. Estou falhando miseravelmente.

— Não solte minha mão, — eu sussurro enquanto a bile sobe pela minha garganta.

— Não solto, — diz Pasha ao meu lado.

Ouve-se um ding, sinalizando que chegamos ao andar térreo do shopping. As portas se abrem. No momento em que vislumbro as pessoas circulando, dou um rápido passo para trás. A mão de Pasha dispara para o lado, apertando o botão para fechar a porta.

— Você pode fazer isso, mishka, — diz ele. — Mas se não estiver pronta, tentaremos novamente na próxima semana.

Não, não estou pronta. Acho que nunca estarei pronta. Mas eu estou fazendo isso de qualquer maneira. E estou fazendo isso hoje.

— Abra a porta, por favor, — eu engasgo e aperto a mão de Pasha.

O primeiro minuto é o pior. É cedo, então o shopping não está lotado, mas ainda assim, parece que vou sufocar só de estar aqui. A visão das pessoas em um espaço tão fechado, os sons que fazem, sua aparência - tudo parece demais. Pasha aperta minha mão de volta e dá um passo à frente.

Alguém está rindo. Eles estão mais longe, no corredor, mas parece que estão bem ao meu lado. O som de pés batendo no chão e conversas aleatórias ecoam em meus ouvidos. Fecho os olhos e prendo a respiração. Há um leve toque em meu rosto, a ponta do dedo de Pasha traçando a linha de meu queixo. Tomo outro fôlego e abro os olhos. Ele está parado na minha frente, bloqueando a visão da multidão com seu corpo largo.

— Está tudo bem, meu bem, — diz ele. — Ninguém pode te machucar quando eu estiver aqui. Apenas olhe nos meus olhos.

Ele move a mão para a parte de trás do meu pescoço e dá um passo para trás, me puxando com ele. Sem deixar de olhar para ele, dou um passo à frente. Seus lábios se curvam para cima. Ele dá mais um passo, e depois mais um. Eu sigo. Ainda posso ouvir as pessoas, mas os sons não me incomodam tanto porque todo o meu foco está centrado no homem à minha frente.

Acho que ninguém chamaria Pasha de bonito. As linhas em seu rosto são muito duras. Sua sobrelanceira direita é dividida em duas por uma cicatriz fina. Seu nariz é muito grande e ligeiramente torto. Ele não parece um homem que você gostaria de convidar para um encontro, mas sim alguém que você gostaria de ter ao seu lado ao caminhar em um beco escuro. Porém, se alguém me perguntasse como um homem perfeito deveria parecer, eu apontaria para aquele que estava diante de mim.

Mais dois passos. Eu acompanho seu ritmo. Com o canto do olho, vejo pessoas olhando em nossa direção com admiração em seus rostos. Mais alguns passos e Pasha para.

— Chegamos. — Pasha acena com a cabeça em direção à loja à sua direita.

Eu lanço um rápido olhar para o lado. É a ótica.

— Você quer entrar agora, ou prefere que voltemos mais tarde? — ele pergunta.

— Agora. — Concordo com a cabeça e dou mais um passo em direção a ele, moldando minha frente à dele.

Sua mão desliza do meu pescoço para o meu cabelo, e posso sentir o calor de seu corpo penetrando no meu. Eu quero mais, preciso de mais disso. Levanto a palma e a coloco no centro de seu peito. As pessoas estão passando por nós, algumas resmungando que estamos no caminho, mas nenhum de nós se mexe. A cabeça de Pasha abaixa um pouco, e prendo a respiração, me perguntando se ele vai me beijar. Mas não. Em vez disso, ele solta meu cabelo e dá um passo para trás.

— Vamos encontrar alguns óculos para você, — diz ele e entra na loja.

* * *

Estou ao lado de Pasha enquanto ele dá seu endereço ao atendente da loja para que eles possam entregar meus novos óculos assim que estiverem prontos quando um homem entra na loja e se dirige para a prateleira de óculos de sol. Ele está segurando um telefone no ouvido, falando com alguém. Meus olhos percorrem sua calça social e camisa branca e param em sua gravata vermelha brilhante. Eu deveria desviar o olhar. Virar e concentrar em outra coisa. Não posso. Parece que meus olhos estão grudados no tecido vermelho em volta do pescoço dele. A gravata que foi usada em mim pelo cliente era vermelha. Mordo meu lábio inferior até doer e aperto a mão de Pasha.

— Mishka? Você está bem?

Eu fecho os olhos, tentando suprimir a memória do meu corpo sendo pressionado na cama enquanto eu agarro desesperadamente o nó em volta do meu pescoço. Minha respiração fica mais rápida. Mais fraca. Não consigo ar suficiente. Parece que estou sufocando.

— Asya? — Pasha envolve seu braço em volta da minha cintura e se vira, seguindo meu olhar. O cara de gravata ainda está parado ao lado do porta-óculos, olhando a vitrine.

— Espere aqui, baby, — diz Pasha ao lado do meu ouvido e, soltando-me, caminha em direção ao homem.

Achei que ele ia pedir para o cara sair. Em vez disso, Pasha agarra as costas da camisa do homem e o empurra em direção à porta. O homem se debate, gritando. Pasha não lhe dá atenção, torcendo o braço do cara atrás das costas enquanto continua a empurrá-lo em direção à saída. O funcionário da loja atrás de mim solta um grito e pega o telefone, provavelmente para chamar a segurança. Eu cerro as mãos, me odiando por ser tão fraca, então respiro fundo e saio da loja para onde Pasha ainda está segurando o homem pela camisa.

— Pasha, — eu sussurro e envolvo minha mão em torno de seu antebraço. — Por favor.

Ele olha para mim, solta o cara e o empurra. O homem tropeça, então se vira, dizendo obscenidades em nossa direção. Pasha dá um passo em direção a ele, mas eu aperto seu braço com mais força.

— Por favor, não, — eu digo. — Vamos voltar.

Ele olha para o homem de gravata por mais alguns segundos antes de pegar minha mão e nos guiar pelo corredor em direção aos elevadores.

Ao passarmos por um restaurante, meus olhos pousam no pequeno objeto colocado no topo da plataforma elevada além da entrada do estabelecimento. Eu paro no meio do caminho, meus pés aparentemente enraizados no chão, e encaro o instrumento.

Pavel

Eu olho para o que chamou a atenção de Asya, e meus olhos caem no piano ao lado da parede. É uma daquelas versões minúsculas - um piano de meia cauda feito de madeira branca. Sua tampa está aberta e algumas partituras estão no pequeno suporte acima das teclas. O banco diante dele está desocupado.

Asya dá um passo hesitante em direção à plataforma e para por um segundo. No momento seguinte ela está correndo para a frente, me puxando com ela. Quando chega ao piano, ela solta minha mão e sobe para se sentar no banco em frente ao instrumento. Ela fica sentada ali por pelo menos cinco minutos com os olhos grudados nas teclas. Fico por perto, virado de uma forma que me permite ficar de olho nela enquanto ainda posso ver os arredores, caso alguém tenha a ideia estúpida de se aproximar e pedir que ela saia. Um dos garçons olha para cima e dá um passo em nossa direção. Cruzo os braços e me viro para ele, desafiando-o com meu olhar a dizer alguma coisa. O homem me avalia, mas rapidamente volta ao que estava fazendo. Bom para ele.

Uma única nota baixa toca nas minhas costas. Seguida por outra. Alguns segundos de silêncio e então uma melodia começa. Meu corpo fica imóvel como uma pedra enquanto uma combinação de tons baixos se desenrola atrás de mim em um ritmo lento. A melodia soa familiar. É uma peça clássica popular, mas não me lembro qual. Quero me virar e vê-la tocar, mas tenho medo de distraí-la. Em vez disso, fico de guarda, observando as pessoas nas mesas ao nosso redor. Todos eles param o que estão fazendo, suas refeições sendo abandonadas enquanto todos olham na direção de Asya. A melodia termina, mas ela continua com outra. Eu conheço

esta. É *Flight of The Bumblebee*⁵. Incrivelmente rápida. Mesmo para um leigo, fica claro que ela não é uma amadora.

Eu não posso lutar contra o desejo por mais tempo. A necessidade de vê-la tocar é muito forte, então me viro e a encaro. Ela pode estar apenas vestindo jeans lisos e uma blusa azul-marinho, mas parece que estou em uma maldita sala de concertos, observando a famosa pianista dando um show. A maneira como ela segura seu corpo, os movimentos de suas mãos voando elegantemente sobre as teclas e a confiança em sua postura são impressionantes. Mas o que mais me surpreende é a expressão em seu rosto. Alegria. Euforia. Felicidade. Ela está sorrindo tão amplamente que parece que todo o seu ser está brilhando. Eu não posso me mover. Mal consigo respirar. Vê-la assim é como se a estivesse conhecendo pela primeira vez. Não há nada em comum entre essa pianista e a garota assustada que deixei ficar em casa, aquela que ainda me segue pelo apartamento, segurando a bainha da minha camisa na mão.

A raiva ferve dentro de mim com o pensamento desse lado dela sendo sufocado. Vou fazer as pessoas que quebraram o espírito dela pagarem. Com sangue.

Asya termina a melodia e olha para cima, seus olhos encontrando os meus. Aplausos irrompem ao nosso redor. As pessoas estão gritando, pedindo mais. Ela ignora o barulho, lentamente se levanta e caminha em minha direção sem interromper o contato visual.

— Você não me disse que sabe tocar piano. — Estendo a mão e afasto algumas mechas de seu rosto. Ela ainda está de pé na plataforma, o que nos deixa quase da mesma altura.

⁵ O Vôo da Abelha

Asya apenas dá de ombros e dá mais um passo à frente, colando sua frente na minha. Nossos rostos estão a apenas alguns centímetros de distância.

— Que música era? — Eu pergunto. — Aquela que você tocou primeiro.

— Beethoven. — Ela levanta a mão e traça a linha do meu maxilar com a ponta do dedo. — Chama-se '*Moonlight Sonata*'. Ela me lembra você.

A luz que entra pela janela à nossa direita faz seu cabelo brilhar. Um pequeno sorriso ainda permanece em seus lábios. Eu luto contra o desejo de enterrar minhas mãos em seu cabelo escuro e esmagar minha boca na dela.

— Devemos ir, — eu digo, mas não faço um movimento para me afastar. — É quase meio-dia. Vai ficar lotado.

A mão de Asya desliza para baixo do meu rosto, roçando a manga da minha jaqueta até seus dedos envolverem os meus. Sua pele é tão macia em comparação com a aspereza da palma da minha mão.

— Podemos voltar amanhã? — ela pergunta olhando profundamente em meus olhos. — Tenho saudades de tocar.

Como se eu pudesse lhe dizer não quando ela está olhando para mim assim. — Claro, mishka.

Um enorme sorriso se espalha em seu rosto, fazendo-me sentir como se estivesse banhado em seu calor. Eu quero mais disso. Mais dela. Estendo a mão e coloco minhas mãos em seus quadris. — Quer subir?

Ela inclina a cabeça para o lado, me observando.

— Parece que um grupo de negócios acabou de chegar, — eu minto, então aceno para o lado esquerdo do corredor. — Eles acabaram de entrar em uma das lojas.

A mão de Asya aperta a minha, e ela pula em meus braços no momento seguinte. Suas pernas envolvem minha cintura e ela enfia o nariz na curva do meu pescoço. Ignorando os olhares das pessoas ao nosso redor, eu me viro e caminho em direção aos elevadores, segurando Asya com uma mão sob suas coxas, meu outro braço envolvendo sua cintura, segurando-a firmemente contra meu corpo.

Eu deveria me sentir mal por mentir para ela, mas não me sinto. A satisfação que sinto por ter seu corpo pressionado contra o meu supera qualquer remorso que eu possa ter. Eu sei que é egoísta, mas não me importo.

Capítulo 11

Asya

Há duas caixas de leite dentro da geladeira. A normal e a sem gordura. Pasha geralmente compra apenas o leite integral normal. Aperto a maçaneta da geladeira e olho para as caixas ali tão inocentemente na prateleira. Elas zombam de mim.

É a porra do leite!

Uma palma acaricia minhas costas. — Problema com o leite?

— Sim, — eu digo, encarando as malditas coisas. — Havia uma promoção de leite dois por um na loja?

— Não. Eu comprei outro desta vez também, caso você goste mais do que o outro. — Pasha fica atrás de mim e toca meu cotovelo, depois passa a mão pelo meu antebraço até que sua palma pressiona as costas da minha mão. Lentamente, ele levanta minha mão para a prateleira onde estão as caixas de leite. — Qual delas você quer?

— Não sei.

— Claro que você sabe. — Ele move minha mão um pouco mais até que meus dedos toquem o topo da primeira caixa. — Nunca gostei de leite desnatado. Tem gosto quase de água. E você?

— Também não gosto do desnatado. — Eu deixo escapar sem realmente pensar sobre isso.

— Pronto. Não foi tão difícil. — Ele move minha mão para a outra opção de leite. — Nós vamos com este. Você pode fazer um pouco de cereal de aveia para mim também.

Sua mão cai, deixando a minha pairando sobre o desenho animado. Pego e tiro da prateleira. — Da última vez que comemos, você disse que tinha gosto de papelão.

— Estou pronto para tentar novamente.

Eu me viro e olho para ele, gostando de vê-lo claramente através dos meus novos óculos sem ter que apertar os olhos para ganhar foco. A capacidade de observar cada linha do rosto de Pasha supera a satisfação de poder ver tudo ao meu redor com detalhes impressionantes.

Algumas mechas de seu cabelo molhado caíram sobre sua testa. Eu tento afastá-los, mas eles continuam deslizando sobre seus olhos.

— Você precisa cortar o cabelo, — digo enquanto tento mais uma vez.

Pasha inclina a cabeça para o lado, olhando para mim, então puxa uma gaveta à sua esquerda. Seus olhos permanecem fixos nos meus enquanto ele vasculha a gaveta e tira uma tesoura, colocando-a no balcão. É enorme, com alças de plástico branco. Eu a uso para abrir pacotes de macarrão e outras coisas.

— Esse tipo de tesoura é para papel, — eu digo, olhando para ela.

— Eu sei.

Ele quer que eu corte o cabelo dele. Movo meu olhar de volta para seus impressionantes olhos cinzentos. — Eu nunca cortei o cabelo de ninguém, Pasha. E

se eu estragar tudo? Você não tem um cabeleireiro ou barbeiro que possa fazer o seu cabelo?

— Tenho. Mas gostaria que você fizesse isso, — ele diz e acaricia minha bochecha com as costas da mão, — Você pode?

Meu coração palpita. Coloco o leite no balcão e pego a tesoura. Pasha se vira e sai da cozinha. Dois minutos depois ele volta trazendo uma cadeira em uma das mãos e meu pente rosa na outra. Ele coloca a cadeira no meio da cozinha e se senta de costas para mim.

Eu ando em direção a ele com as pernas trêmulas enquanto meu coração acelera para o dobro do ritmo. Quando estou atrás dele, ele levanta a mão, segurando o pente. Mordo o lábio inferior, aceito o pente e começo a passá-lo nas mechas loiras escuras. O cabelo dele não é muito comprido, só precisaria encurtar a parte do alto da cabeça que cresceu um pouco. Em vez de começar o corte, no entanto, continuo escovando seu cabelo. Pasha não move um músculo, mas ouço sua inspiração alta quando uso minha outra mão e empurro meus dedos pelas mechas. Eu puxo alguns dos cabelos mais longos, corto cinco centímetros e continuo passando meus dedos.

— Eu preciso sair por algumas horas, — diz ele com uma voz entrecortada e inclina a cabeça ligeiramente para trás, mais perto do meu toque. — O funeral de Yuri.

— OK. — Concordo com a cabeça e faço outro corte.

— Vou precisar usar um terno. Vou me trocar no outro quarto. Você pode ficar no quarto até eu sair.

Eu inclino a cabeça ligeiramente e inalo seu cheiro antes de mudar minha mão para a próxima mecha de cabelo. — Vocês eram próximos? Você e seu amigo?

Ele não responde de imediato. Quando olho para seu rosto, vejo que seus olhos estão fechados e seus lábios pressionados em uma linha fina. — De certa forma, — ele diz finalmente.

Termino o último corte e coloco a tesoura e o pente no balcão. Pasha ainda está sentado com os olhos fechados. Inclinando-me para a frente, descanso meu queixo em seu ombro e roço sua bochecha com a minha. — Sinto muito por você ter perdido seu amigo.

Sua mão sobe e segura minha bochecha. — Todo mundo vai embora, mishka. De uma forma ou de outra, — ele diz, acariciando o lado do meu rosto com o polegar. — É só uma questão de tempo.

Eu o observo enquanto ele se levanta e sai da cozinha, carregando a cadeira com ele. Havia um tom muito estranho em sua voz quando ele disse a última frase. Como se ele estivesse se referindo não apenas ao amigo que morreu.

Capítulo 12

Pavel

Eu odeio funerais.

Acho que todo mundo odeia, mas eles me perturbam em um nível fundamental. As expressões no rosto das pessoas. A tristeza. O choro.

Quando eles começam a baixar o caixão de Yuri e sua irmã desmaia, caindo de joelhos no chão lamacento, não aguento mais. Eu me viro e sigo em direção ao estacionamento enquanto barulhos e gritos de dor ressoam atrás de mim. Mesmo quando estou no meu carro, dirigindo de volta para casa, ainda posso ouvi-los nos recessos da minha mente. O fato de ainda não termos uma prova clara de quem está por trás do ataque torna ainda mais difícil processar.

Quando toco a campainha na ânsia de ouvir Asya se apressando para abrir a porta do apartamento, percebo que ainda estou usando o terno. Eu tenho um casaco preto por cima, mas ainda pode perturbar Asya. Planejei levar uma muda de roupa comigo, mas esqueci. Se alguém me dissesse alguns meses atrás que eu ficaria preocupado em não ter um jeans e uma camiseta à mão, eu teria rido na cara deles. Minha aversão por jeans de alguma forma foi afastada e dissolvida desde a chegada de Asya. Eu sei que é porque usar roupas casuais em vez de ternos a ajuda, então não estou mais incomodado com a ideia de Levi's esfarrapado.

Puxando minha mão para trás, tiro o casaco e desabotoo o paletó. Só quando tiro o paletó, o colete e a camisa é que toco a campainha de novo. Uma fração

de segundo depois, um pensamento bate em mim de que eu deveria ter usado minha chave. Tarde demais.

Asya destranca a porta, abrindo-a totalmente. Seus olhos se arregalam quando seu olhar se move para baixo do meu peito nu e para na minha mão segurando as roupas amontoadas. Lentamente, ela estende a mão para pegar minha outra mão e me conduz para dentro.

— Você vai congelar até à morte. — Ela murmura enquanto caminha em direção à sala de estar comigo seguindo-a.

Quando chegamos ao sofá, ela me empurra levemente para sentar e desaparece de vista. Eu jogo a trouxa de roupas na outra ponta do sofá e olho sem rumo para a tela da TV em branco. Ainda não consigo tirar da minha cabeça a imagem da irmã de Yuri caindo de joelhos na lama.

Um leve toque no meu ombro me tira do meu torpor quando Asya vem para ficar na minha frente. Ela está segurando uma camiseta e um moletom cinza na mão. Não deixo minhas roupas espalhadas. Ela teria que ir até ao closet para pegá-las para mim. Onde estão meus ternos. Pego a camiseta dela e a visto. Assim que coloco o moletom, Asya sobe no meu colo e envolve os braços em volta do meu pescoço.

— Foi ruim? — ela pergunta perto do meu ouvido.

Eu coloco minha mão na parte de trás de sua cabeça, enfiando os dedos em seu cabelo e inalo. — Sim.

— Você descobriu mais alguma coisa sobre quem eram os atacantes?

— Não. Pouco antes de morrer, Yuri disse que eram albaneses, mas não temos mais informações. O cara que forneceu as drogas está morto. Sem outras pistas, não podemos fazer nenhuma conexão.

Seu domínio sobre mim aumenta. Eu sinto seu peito subir enquanto ela respira fundo, então ela começa a sussurrar.

Asya

— O cara que me levou não era albanês. Pelo menos, acho que não. —
Eu digo. Minha voz está tremendo.

— Mishka, não. — Pasha coloca a palma da mão na minha bochecha. —
Você não precisa falar sobre isso se não quiser.

— Eu estava em um bar com minha irmã, — continuo. — Usamos
identidades falsas para entrar. Tudo o que queríamos fazer era dançar. Um cara se
aproximou de nós. Ele era bonito. Carismático. Nos fez rir. Ele não tinha sotaque;
Eu teria me lembrado se ele tivesse. Sienna decidiu ir para casa mais cedo, ela teria
pilates na manhã seguinte. Eu fiquei.

— Você não tinha guarda-costas com você?

— Não. Saímos de casa e pegamos um táxi até ao bar. Arturo sempre
ficava furioso quando fazíamos isso.

Seu dedo se move para baixo para traçar meu queixo.

— Achei-o engraçado. Aquele cara, — eu digo. — Ele disse que seu nome
era Robert. Conversamos por uma hora e, quando eu disse que precisava ir para casa,
ele se ofereceu para me acompanhar até lá fora para pegar um táxi. Achei muito
cavalheiresco.

Quase me faz rir, como fui idiota.

— Ele pressionou algo no meu rosto. Um pano molhado que cheirava
forte. Eu tentei fugir, lutando contra ele. Ele era maior do que eu. Mais forte. Perdi
a consciência logo depois.

Minha voz está tremendo. Eu fecho meus olhos, desejando continuar.

— Acordei no escuro. Estava esparramada no chão frio e ele estava ajoelhado sobre mim, rasgando meu vestido. Eu gritei e tentei lutar contra ele, mas minha mente ainda estava nebulosa. Então eu senti... ele... Entre minhas pernas. — Eu aperto meus braços em volta do pescoço de Pasha e enterro meu rosto nele. Seu corpo está absolutamente imóvel, exceto pelo peito que se move devido à respiração rápida e superficial. — Isso machucou. Muito. Foi minha primeira vez.

Eu sinto seus braços vindo em volta das minhas costas e me pressionam contra seu corpo. Fico enojada, falar sobre isso, mas agora que comecei, não consigo parar. Como se desejasse sair de mim. — Eu congelei. Não conseguia mover meus braços ou pernas; foi como se eu tivesse paralisado de repente.

A sensação de total desamparo, o horror que senti naquele momento... Acho que nunca conseguirei esquecer.

— Depois... Consegui me desvencilhar dele e corri para a rua. Corri o mais rápido que pude. Ele me pegou de qualquer maneira. E então me drogou, — eu digo. — Acordei sozinha em um quarto estranho. Estava tão assustada.

Os braços ao redor do meu corpo apertam, e eu sinto a palma da mão acariciando minhas costas, assim como na primeira noite.

— Havia uma mulher. Dolly. Foi ela quem deu as pílulas para mim e para as outras meninas. E continuou trazendo-as duas vezes por dia. Ela também era quem instruía as meninas e marcava os encontros com... clientes. — Eu inclino minha cabeça para cima até que meus lábios cheguem perto de sua orelha e sussurro, — Eu não lutei contra isso. Deixei que me drogassem e fizessem o que quisessem comigo. Que tipo de pessoa miserável e nojenta você precisa ser para permitir isso?

A mão de Pasha vem para a parte de trás da minha cabeça, e ele inclina minha cabeça até que nossos olhos se encontrem. — Uma mulher jovem e inocente que foi tão violentamente abusada que sua mente se desligou na tentativa de protegê-la. Mas você lutou. Escapou. Sobreviveu. Não foi outra pessoa que te salvou. Você mesma fez isso.

— Isso não me faz sentir menos nojenta.

— Não diga isso, querida. — Ele se inclina para a frente e coloca um beijo na minha testa. — Vou encontrar as pessoas que te machucaram. E eles vão gritar por misericórdia enquanto eu os quebro como eles tentaram quebrar você. Suas mortes não serão rápidas.

Minhas percepções se distorcem conforme absorvo suas palavras. Eu os quero mortos? Imagino Robert implorando por sua vida. A bile sobe em meu estômago. Mas eu não implorei também? E as outras garotas? Agora, enquanto imagino os gritos de misericórdia de Robert, um pequeno sorriso surge em meus lábios.

— Posso assistir? — Eu pergunto hesitante, simultaneamente temendo e desejando a ideia.

— Cada segundo disso, misha.

Eu abaixo minha cabeça no peito de Pasha e envolvo meus braços ao redor dele. A incerteza e a cautela me consomem. — Estou com medo, — eu sussurro. — Tenho medo que aconteça de novo. Não sei se algum dia poderei sair e andar sozinha na rua sem me encolher toda vez que alguém passa perto de mim.

— Você irá. — Ele volta a acariciar meu cabelo. — Eu prometo isso a você.

Capítulo 13

Asya

— Espero que me deixem tocar de novo, — digo enquanto caminho ao lado de Pasha em direção ao carro.

Minha ansiedade aumentava toda vez que eu pensava em voltar ao shopping e estar no meio de toda aquela gente, do barulho e rodeada de todos aqueles cheiros. As lembranças me fizeram estremecer. Mas também me lembrei da sensação de total liberdade que me envolveu quando coloquei meus dedos nas teclas depois de tanto tempo sem música. Toda a empolgação, alegria e felicidade que eu achava que nunca mais sentiria voltou. Eu consegui sufocar a necessidade de tocar novamente nos últimos cinco dias, mas agora eu desejo isso.

Finalmente cedi esta manhã e pedi a Pasha para me levar até lá.

— Quando você começou a tocar? — ele pergunta enquanto liga o motor.

— Eu tinha cinco anos. Arturo estava tentando encontrar uma maneira de distrair a mim e minha irmã do que aconteceu com nossos pais, então ele pediu a um vizinho, que tinha um piano, para nos dar aulas. — É difícil pensar em meu irmão e minha irmã, sabendo o quanto eles devem estar preocupados, mas a ideia de enfrentá-los ainda me deixa em pânico.

— O que aconteceu com seus pais? — ele pergunta.

— Houve uma batida em um dos cassinos onde eles trabalhavam. Alguém sacou uma arma e atirou contra a polícia. Então, tudo foi para o inferno. Muitas pessoas foram mortas naquela noite.

— Os dois morreram?

— Sim. — Fecho os olhos e relaxo no assento. — Eu nem consigo me lembrar deles tão bem. Há fotos, é claro, então eu sei como elas eram. Mas não consigo me lembrar de detalhes sobre eles e, se me lembro, são confusos. Lembro-me de minha mãe cantando para nós todas as noites antes de dormir, mas não consigo me lembrar da música.

Pasha passa as costas da mão na minha bochecha e eu me inclino para ela. Seu toque leve está presente em um momento e desaparece no seguinte. Quando abro os olhos, ele está colocando o carro em movimento.

— Eu sei o que você quer dizer, — ele diz enquanto sai da vaga de estacionamento. — Também não me lembro dos meus pais.

— Eles também morreram?

— Talvez. Talvez não.

Eu observo seu perfil duro, me perguntando se vai dizer mais. Ele não faz, apenas continua dirigindo em silêncio. Olho para a mão dele segurando o câmbio manual e percebo que ele está segurando com força. Acaricio seus nódulos brancos com as pontas dos meus dedos até sentir seu aperto afrouxar.

— Você tocou profissionalmente? — ele pergunta depois de algum tempo.

— Não, na verdade não. Eu toquei na escola algumas vezes, geralmente quando tínhamos uma festa. A música sempre foi algo pessoal para mim. Decidi tirar

um ano de folga depois do ensino médio para descobrir o que queria fazer a seguir. Pensei em me inscrever em um conservatório de música, mas foi... antes.

— Você ainda quer?

Eu olho para a estrada além do para-brisa. — Não sei.

* * *

O elevador apita. Aperto a mão de Pasha e tento controlar minha respiração. A vontade de pedir que ele volte se choca com a necessidade de sentir as chaves sob meus dedos mais uma vez. As portas se abrem. Pasha sai, se vira para mim e pega minhas duas mãos em uma das suas.

— Respire. Vamos devagar, — ele diz e dá um pequeno passo para trás. — Estou aqui. Ninguém ousará tocar em você, mishka.

Concordo com a cabeça e saio do elevador.

Há mais pessoas por perto do que da vez anterior. Uma infinidade de imagens e sons dominam meus sentidos - luzes, risos, passos, crianças correndo enquanto seus pais tentam freneticamente encurralá-los. Eu fecho meus olhos.

A palma áspera de Pasha segura minha bochecha e seu braço grosso envolve minha cintura. — Está tudo bem, querida.

Meus olhos se abrem e eu respiro fundo. Enganchando meus dedos nas presilhas de sua calça jeans, eu olho para ele. Sua cabeça está inclinada, a poucos centímetros da minha.

— Você gosta de música, — diz ele. — Vamos fazer disso uma dança. Quase como uma valsa, sim?

Eu não posso deixar de sorrir um pouco. — As pessoas vão rir de nós, Pasha.

— Eu não me importo.

Ele dá um passo para trás e eu o sigo. Depois outro. E um outro. Parece uma dança estranha - ele me segurando perto e andando para trás - e, de repente, sinto vontade de rir. Então eu dou uma risada. As pessoas ao nosso redor devem pensar que somos malucos, mas não me importo. Mantenho meu olhar grudado em Pasha enquanto o sigo, rindo. É tão bom sentir alegria novamente. Ele me observa com um pequeno sorriso no rosto e move o polegar até meus lábios, acariciando-os.

— Gostaria que você risse com mais frequência, — diz ele.

— Vou tentar.

Quando chegamos ao restaurante com o piano, ele lentamente tira a mão do meu rosto. Eu me viro para o canto onde deveria estar o piano e meu sorriso desaparece. Não está lá. Em vez disso, dois grandes vasos de flores estão em seu lugar. Eu olho em volta, me perguntando se eles o moveram para outro lugar, mas não há sinal dele.

— Podemos sair daqui? — Eu pergunto, olhando para os vasos de flores, tentando o meu melhor para manter as lágrimas sob controle.

* * *

Pasha vira a chave na fechadura e abre a porta de seu apartamento, segurando-a para mim. Eu entro, indo direto para o banheiro para jogar um pouco de água no rosto. Ao atravessar a sala, paro. Ali, junto à parede ao lado da janela, está um pequeno piano branco. É o do shopping. Eu cubro minha boca para abafar um soluço.

— Como? — Eu engasgo, olhando para o piano.

— Comprei na semana passada e guardei em um depósito próximo, pronto para ser trazido aqui quando saíssemos, — Pasha diz atrás de mim, e sinto sua mão na parte inferior das minhas costas. — Eu queria te surpreender. Você nem percebeu que pegamos o caminho mais longo de volta, para dar mais tempo aos entregadores.

— Mas por quê?

— Porque você não se sentiu confortável no shopping. Iremos novamente, apenas porque você precisa se ajustar a estar no meio da multidão. Mas você deve poder tocar onde pode se divertir.

— Obrigada, — eu sussurro, pressionando meus lábios com força. Quero me virar e beijá-lo, mas acho que ele não deixará.

— Você vai tocar alguma coisa para mim? — ele pergunta.

— Sim.

Pego sua mão e o conduzo pela sala. Ele até comprou o banco que estava ali com o piano. Eu me sento em uma ponta e o puxo para se sentar ao meu lado.

Inclinando-me para a frente, passo as pontas dos dedos pelas teclas, posiciono as mãos e toco. Eu escolho uma das minhas peças modernas favoritas, ‘*River Flows in You*’ de Yiruma. É reconfortante, mas forte, sedutora e cheio de emoção. Isso me lembra Pasha.

Ele não fala. Não pergunta o que estou tocando. Ele apenas fica lá, grande e silencioso, observando minhas mãos enquanto eu passo de uma música para outra. Em algum momento, seu olhar se move das minhas mãos para o meu rosto e fica lá.

Pavel

Por mais de uma hora, sento no banco ao lado de Asya, ouvindo-a tocar. Ou melhor, eu a encaro enquanto ela toca. Acho impossível tirar os olhos de seu rosto, vendo cada emoção que atravessa suas feições. Quando ela está tocando uma música rápida e edificante, há um largo sorriso em seu rosto. Quando ela muda para algo lento e triste, seu sorriso desaparece. Ela não está apenas tocando as notas; ela sente e experimenta cada emoção enquanto a melodia flui através dela, iluminando-a de dentro para fora.

Quando finalmente consigo desgrudar os olhos do rosto dela e dar uma olhada no relógio, vejo que são quase duas horas. Nós só tomamos café da manhã esta manhã e, embora eu não tenha nenhum problema em pular refeições, não quero que Asya fique com fome.

Eu me levanto do banco e vou para a cozinha em busca do menu de comida para viagem da lanchonete a um quarteirão de distância, mas mudo de ideia e abro a geladeira. Estou acostumado a tê-la sempre quase vazia, então é estranho ver todas as prateleiras cheias. Asya geralmente pede tudo o que ela precisa online com meu telefone, então eu não sei nem metade dos itens lá. Afasto um monte de legumes para o lado e pego um pacote de frango. Bem, pelo menos eu acho que é frango. Asya tem preparado comida para nós todos os dias, então acho que posso cuidar dessa tarefa hoje. Encontro a frigideira no armário e me viro para a ilha onde ela guarda os temperos em uma ampla cesta preta. Há pelo menos vinte pequenos frascos. Pego um e cheiro o conteúdo. É rotulado como tempero. Isso não é algum tipo de chá? Coloco o pote de volta e pego outro. Este parece sal, mas tem algumas coisas verdes nele.

— Preciso de ajuda? — A voz de Asya soa atrás de mim.

— Você estava tocando. Eu queria fazer algo para nós comermos. Estou procurando sal. Do tipo normal. — Eu me viro e a encontro sorrindo para mim.

— Então, você sabe cozinhar?

— Eu sei como aquecer as sobras da comida para viagem. Isso conta?

— Isso não conta. — Asya ri e eu absorvo o som. Eu amo quando ela ri.
— Vamos, te mostrarei como preparar algo simples.

Ela pega o pote da minha mão e o abre. Mantendo os olhos nos meus, ela lambe a ponta do dedo e o mergulha dentro.

— Aqui. Tente. É só sal com ervas. — Ela levanta o dedo, segurando-o na minha frente.

Eu a encaro. Ela ainda está sorrindo. Lentamente, eu pego a mão dela e a aproximo da minha boca. Sem desviar o olhar, lambo a ponta de seu dedo, mas não consigo me concentrar no sabor. Toda a minha atenção está voltada para o rosto de Asya. Ela está mordendo o lábio inferior, olhando para mim com os olhos arregalados. Dou um passo à frente até que nossos corpos se tocam. Eu posso sentir seu peito subindo e descendo enquanto sua respiração acelera. Sua mão livre vem pousar na parte inferior das minhas costas, então desliza sob a bainha da minha camiseta. Eu posso sentir o calor de seu toque. A vontade de agarrá-la, colocá-la sobre meu ombro e levá-la para o quarto mais próximo está crescendo dentro de mim. A palma da mão de Asya sobe ao longo da minha coluna, e minha mente é assaltada com imagens dela nua debaixo de mim enquanto eu beijo cada centímetro de seu corpo. Assim como venho imaginando há dias. Errado. Tão errado.

Solto a mão dela e rapidamente dou um passo para trás, voltando-me para a ilha da cozinha. — O que mais precisamos para este almoço?

Não perco o suspiro suave quando a ouço abrindo o armário atrás de mim.
— Uma panela maior.

Asya anda pela cozinha, juntando tudo o que precisa e cortando os legumes enquanto meus olhos a seguem o tempo todo. Gosto de tê-la aqui, no meu espaço, bem mais do que deveria. Virando-se, ela abre a gaveta ao meu lado e enfia a mão lá dentro, mas sua mão vacila. Olho para baixo e vejo que há duas marcas diferentes de farinha.

— É a mesma coisa. Apenas um fabricante diferente, — eu digo.

— Eu sei. — Ela acena com a cabeça, mas não faz nenhum movimento para pegar um.

Por alguns momentos, espero para ver se ela escolherá, mas quando noto uma expressão de frustração em seu rosto, pego seu pulso e movo sua mão em direção ao pacote à esquerda. — Que tal aquele?

— Obrigada, — Asya murmura, pega a farinha e caminha em direção ao fogão.

Ela está com raiva de mim, mas é melhor assim. Mesmo que não houvesse essa diferença de idade, somos de duas origens completamente diferentes. Ceder à tentação e deixar que algo aconteça entre nós está fora de questão. Já estou pisando em uma linha tênue e a cada dia fica mais difícil me controlar. Às vezes, eu gostaria que ela simplesmente chamasse o irmão para vir buscá-la, porque tê-la tão perto o tempo todo me faz sentir como se fosse entrar em combustão. Com a mesma frequência, porém, sou inundado por um desejo de encontrar o irmão dela eu mesmo... e me livrar dele antes que ele tenha a oportunidade de tirá-la de mim.

Capítulo 14

Asya

Agarrando o casaco ao meu redor, eu olho para a porta da frente.

Estou olhando para ela há pelo menos uma hora. Primeiro, por dez minutos direto do meio da sala, depois dei dois passos em direção a ela e continuei olhando. Levei uma hora nesse ciclo olhar-dar-um-passo-olhar para finalmente alcançá-la. Enquanto estou segurando a maçaneta, minha mão está tremendo. Mordendo o lábio inferior, abro a porta e saio do apartamento.

A casa de Pasha fica no terceiro andar, mas como a maioria dos moradores usa o elevador, a escada está vazia. Com um pequeno movimento de cada vez, desço as escadas. É uma façanha, considerando o quanto minhas pernas estão tremendo.

Pasha foi a uma reunião com seu pakhan há duas horas, então deve voltar logo. Eu poderia ter esperado por ele, mas não aguento mais esse sentimento de impotência. Estou me escondendo no apartamento dele como se fosse uma criminosa há mais de um mês, e finalmente decidi que não farei isso nem mais um segundo. Vou sair do prédio e dar uma volta no quarteirão. Sozinha. São três da tarde; o que pode acontecer? Só uma pequena caminhada, uma coisa completamente normal, e eu volto. Já estive fora várias vezes com Pasha. Eu ficarei bem.

Quando chego ao saguão, aceno para o segurança sentado atrás de sua mesa e sigo em direção à saída. Uma grande porta de correr de vidro me permite ver as pessoas que passam na calçada. Ao me aproximar da porta, uma onda de náusea

toma conta de mim e gradualmente piora à medida que me aproximo. A porta se move para o lado. Engulo a bile e dou os últimos passos.

Meus pés alcançam a calçada. Paro e olho para o céu, sentindo os raios de sol em meu rosto. Não foi tão difícil.

Alguém passa por mim, batendo em meu ombro com o braço. Eu me encolho e olho para o lado para ver uma mulher mais velha se afastando. Ela vira a esquina e desaparece de vista. Estou me sentindo mal do estômago e minhas mãos e pernas ainda estão tremendo um pouco, mas está melhorando agora que finalmente cruzei o limiar.

O riso ecoa do outro lado da rua enquanto um grupo de crianças corre para dentro de um prédio. À esquerda, há uma mercearia com muita gente entrando e saindo, então decido virar à direita. Estou quase na esquina quando um táxi para logo à frente e um homem sai. Eu paro e observo enquanto ele pega uma bolsa de laptop no banco de trás. Ele está vestindo um terno preto com uma camisa branca e uma gravata cinza escura sob o paletó desabotoado. Meu coração bate com o dobro da velocidade normal. Minha respiração falha. O táxi sai e o homem joga a alça da bolsa no ombro e vem na minha direção. Eu dou um passo para trás. Depois outro. O homem continua andando e, a cada passo, minha respiração fica mais irregular. Eu me viro e corro.

Pessoas. Muitas pessoas. Eles estão todos olhando para mim. Eu bato no peito de alguém. Duas mãos agarram meus braços, provavelmente apenas para me firmar, mas parece que garras se enterram em minha carne. Eu grito e, no momento em que as mãos me soltam, volto a correr.

Pavel

— Aquela garçonete que está dormindo com Dushku descobriu alguma coisa? — Roman pergunta.

— Não, — eu digo. — Aparentemente, ele falou sobre algum carregamento confiscado e reclamou que sua esposa gastava muito dinheiro com sapatos. Mas é isso.

— Conheço Dushku há quinze anos. Ele é um planejador mestre e é implacável quando se trata de negócios. Mas ele nunca se envolveria no tráfico humano. Se há uma conexão aqui, não estamos vendo. — Ele se vira para Dimitri. — E os homens que você tem seguindo o genro de Dushku?

— Nada.

Roman bate na superfície de sua mesa com a palma da mão. — Qual é o nome daquele cara que Julian envia para fazer suas tarefas? Besim?

— Bekim, — Dimitri diz.

— Esse. Quero que Mikhail converse com ele. Alguém se atreveu a enviar mercenários para o clube Bratva e matar nossos homens apenas para silenciar um aparentemente ninguém. Isso significa que há muito em jogo. Descobriremos quem é o responsável pela morte de Yuri e eu o matarei pessoalmente.

— E se foi Dushku quem orquestrou tudo, afinal? — Eu pergunto.

— Então ele vai morrer. E não será nem rápido nem bonito. A garota que está com você disse alguma coisa?

— Ela disse que o homem que a agarrou não tinha sotaque. O nome que ele lhe deu foi Robert, mas pode ser falso.

— Vou pedir a Maxim para tirar fotos dos homens de Dushku. Ela seria capaz de reconhecê-lo?

— Provavelmente.

— Bom. Quando você está planejando levá-la para sua família? Ela está na sua casa há um mês.

Meu corpo endurece. Sempre fui honesto com Roman. Até hoje. — Ela não me diz seu sobrenome nem me dá seu número, — eu minto. — Não tenho como encontrá-los até que ela o faça.

— Perfeito, — ele late. — E quanto tempo você espera permanecer nessas férias não planejadas? Os clubes não vão funcionar sozinhos.

— Peguei tudo que preciso do escritório e tenho trabalhado em casa. Kostya tem lidado pessoalmente com tudo o que não posso fazer remotamente.

— Tudo bem. Mas no próximo sábado preciso de você em Baykal. Tenho uma reunião com os ucranianos. Eles querem entrar conosco.

— Eles superaram a merda do Shevchenko?

— Todo mundo sabe que Shevchenko era um idiota. Sergei fez-lhes um favor ao matá-lo. — Roman dá de ombros. — Eles estão enviando um novo cara para lidar com as negociações. Ele está vindo com outros dois homens.

— OK. Vou dobrar a segurança.

Ele se recosta na cadeira e aponta com a mão para minha roupa de jeans e camiseta. — O que há com o novo estilo de moda?

— Eu precisava de uma mudança, — eu digo e o vejo arquear uma sobancelha. — Algo mais?

— Não. Você está livre para ir. Dimitri e eu cuidaremos do resto.

Concordo com a cabeça e saio do escritório do pakhan.

Enquanto estou indo pelo corredor, a porta da cozinha do outro lado se abre e uma morena baixinha com um vestido manchado de tinta sai correndo. Suas mãos estão carregadas de *piroshki*⁶, e ela está lutando para garantir que nenhuma caia em sua pressa. No topo da escada, uma garotinha de cabelos escuros começa a pular e bater palmas. Suas risadas doces ecoam nas altas paredes do corredor. Esposa e filha de Roman. Nina Petrova sobe correndo a escada, quase alcançando o topo quando a porta da cozinha se abre novamente e Igor - o cozinheiro - sai cambaleando, gritando obscenidades em russo. Se Roman o pegar xingando na frente de sua filhinha, o velho cozinheiro estará morto. Eu balanço a cabeça e caminho em direção à porta da frente enquanto o coro de gritos de Igor e risadas femininas soam atrás de mim.

* * *

— Senhor Morozov, — o cara da segurança no corredor do meu prédio acena quando eu entro. — Como foi o seu dia?

— Foi bom, Bobby. Obrigado.

— Oh, sua namorada ainda não voltou.

⁶ Tortas

Eu congelo no meio do passo. — O quê?

— Ela saiu há meia hora. Achei que você gostaria de saber.

— Saiu? — Eu pergunto enquanto o pânico inunda meu sistema. — Onde?

— Eu não tenho certeza. Ela acabou de sair. Não vi para onde foi.

Corro para a mesa de segurança e dou a volta para o outro lado. — Mostre-me o feed da câmera daquela hora.

Ele pula o vídeo para o momento em que Asya sai. Ela fica na calçada, à vista da câmera por alguns momentos, depois vai para a direita. Alguns minutos depois, ela passa correndo pela entrada a uma velocidade vertiginosa. Não consigo ver o rosto dela, mas com base na velocidade com que ela se move, ela estava morrendo de medo.

— Me ligue se ela voltar! — Eu vocifero e corro em direção à saída.

Corro pela calçada, olhando freneticamente em todas as direções, mas não vejo Asya em lugar nenhum. Há uma mercearia nas proximidades. Entro e pergunto ao caixa se ele viu uma garota que se encaixa na descrição de Asya, mas ele apenas balança a cabeça. Saio da loja e continuo descendo a rua, perguntando se as pessoas a viram, entrando em outros comércios, mas ninguém viu uma menina fugitiva. Quando chego ao cruzamento no final da rua, me viro e volto. Está lotado aqui. Duvido que ela entraria em uma grande massa de pessoas.

Medo e ansiedade continuam crescendo dentro de mim a cada minuto que passa. Ela não pode ter ido longe, então por que não consigo encontrá-la? Eu deveria ter comprado um telefone para ela, para que ela pudesse ligar se precisasse de mim. Isso nem passou pela minha cabeça até agora já que estávamos quase sempre juntos. Idiota!

Vejo um grupo de crianças em volta dos degraus em frente a um prédio do outro lado da rua, rindo, então corro na direção deles.

— Você viu uma garota correndo há cerca de cinco minutos? — Eu pergunto.

— Casaco amarelo. Longos cabelos castanhos? — um garoto de cerca de nove anos pergunta.

— Sim. — Eu concordo.

— Acho que a vi correndo lá. — Ele aponta para o beco atrás da mercearia. — Ela parecia assustada.

Eu me viro e atravesso a rua correndo, quase sendo atropelado por um táxi, e corro para o beco estreito. Parece deserto à primeira vista, mas continuo indo mais fundo, passando pela lixeira pela porta dos fundos da mercearia. O cheiro de fruta podre emanando das latas de lixo me aborda, lembrando-me de uma época em que o cheiro de comida estragada era tudo que eu podia sentir. Eu fecho minhas mãos e viro a esquina, movendo-me entre os prédios.

É minha culpa. Eu deveria ter levado Asya para fora com mais frequência, um pouco mais a cada dia, para que ela pudesse se acostumar a estar perto de outras pessoas novamente. Eu deveria ter insistido para que ela fosse ao psiquiatra ou me esforçado mais para convencê-la a ligar para o irmão. Ela precisa voltar para sua vida, para sua família. Eu não fiz nada disso. Em vez disso, deixei-a se esconder em meu lugar. Comigo.

Eu gosto de acordar com ela enrolada ao meu lado - seu pequeno corpo pressionado contra o meu como se, mesmo durante o sono, ela inconscientemente buscasse minha presença. Ou como ela sobe no meu colo quando nos sentamos para assistir TV à noite e descansa a cabeça no meu ombro. Ela geralmente adormece

depois de dez minutos, mas eu fico no sofá por horas e só quando já é tarde da noite eu a carrego para a cama. Alimenta qualquer desejo que desperte dentro de mim, a necessidade interior de mantê-la engolfada em meus braços o tempo todo, de saber que ela está segura onde ninguém jamais poderá machucá-la novamente. Ela está morando comigo há mais de quatro semanas, mas ainda continua me seguindo pelo apartamento, segurando minha mão ou a bainha da minha camisa. É bom ser necessário. Então, parei de tentar convencê-la a ligar para a família. O filho da puta egoísta em que me transformei quer ficar com ela.

O beco faz uma curva para a direita e termina em um grande muro de concreto. Uma caminhonete está estacionada ao lado. Não há ninguém por perto. Quase me viro para voltar quando vejo algo amarelo embaixo da caminhonete. Eu corro e paro no meio do caminho. Lá, entre o caminhão e a parede, Asya está deitada de lado, com o rosto voltado para a parede e os braços em volta da cintura.

— Jesus. — Eu me ajoelho e a pego em meus braços. Ela está tremendo. No momento em que a tenho em meus braços, seus braços envolvem meu pescoço e suas pernas envolvem minha cintura. Eu coloco minha palma na parte de trás de sua cabeça, colocando seu rosto na curva do meu pescoço.

— Está tudo bem, mishka, — eu sussurro. — Eu tenho você.

Asya

Patética.

Fraca.

É assim que me sinto quando Pasha me carrega de volta para seu apartamento. Não consigo reunir coragem nem para levantar a cabeça e olhar para cima porque tenho medo de surtar de novo. Em vez disso, mantenho meu rosto enterrado em seu pescoço.

Não entendo por que ele continua se incomodando comigo. Tudo o que fiz foi invadir a vida dele e bagunçar tudo. Tenho temido o momento em que ele vai me sentar e dizer que é hora de eu ir embora. Está prestes a acontecer, e provavelmente em breve. Eu não sou nada para ele. Não posso continuar atrapalhando a vida dele. Mas só a ideia de sair do lado dele me faz estremecer com o terror que isso desencadeia dentro de mim.

— Vamos tomar banho, — diz Pasha enquanto me carrega para dentro do apartamento.

No banheiro, ele para ao lado do box, esperando que eu o solte. Em vez disso, eu me agarro a ele com mais força.

— Asya, querida. Olhe para mim.

Relutantemente, eu levanto minha cabeça de seu pescoço e olho em seus olhos. Acho que nunca conheci alguém com olhos como os de Pasha — a cor é um impressionante cinza metálico.

— Você precisa lavar o cabelo, — diz ele em sua voz profunda, e parece que posso sentir isso até aos ossos. — Você tem óleo de motor em todos os lugares.

— Consegue fazer isso? — Eu deixo escapar e me arrependo no momento em que as palavras saem da minha boca. Como se ele já não estivesse sobrecarregado o suficiente comigo.

Pasha me observa por alguns instantes, levanta a mão como se pretendesse colocá-la no meu rosto, mas muda de ideia e apenas tira meus óculos.

— OK. — Ele coloca os óculos ao lado da pia e lentamente me abaixa.

Eu tiro meu casaco e suéter, em seguida, tiro meus sapatos e jeans. Pasha espera pacientemente na minha frente, com os olhos fixos nos meus. Mesmo quando tiro o sutiã e a calcinha, seu olhar não se desvia.

Isso deveria me incomodar, estar nua na frente dele. Não. Apenas o pensamento de um homem olhando para o meu corpo nu geralmente faz a bile borbulhar na minha garganta. Qualquer homem menos ele. Eu gostaria que ele quisesse mais. Tocar. Me beijar.

Entro no box e ligo o chuveiro. A água me atinge de cima, o jato caindo direto na minha cabeça, fazendo a torrente escorrer pelo meu corpo. Fico imóvel sob o jato e observo enquanto Pasha tira a jaqueta, tira os sapatos e as meias e entra no chuveiro completamente vestido. Ele pega o frasco de xampu da prateleira, despeja uma quantidade três vezes maior do que o necessário na palma da mão e olha para mim.

— Vire-se, — diz ele, com a voz mais rouca do que o habitual.

Eu viro para longe dele e estendo a mão para desligar o chuveiro. Assim que o som da água cessa, a única coisa que ouço é a respiração profunda de Pasha. Seu toque começa no topo da minha cabeça enquanto suas mãos massageiam meu couro cabeludo. As batidas do meu coração aceleram. Ele pegou o xampu dele, não o meu, por engano. Mas eu não o impedi. Fecho os olhos e inalo, deixando o cheiro

de sálvia e frutas cítricas encher minhas narinas. Acho que nunca conseguirei conectar esses dois cheiros com nada além de adormecer ao lado de Pasha.

Suas mãos desaparecem do meu cabelo. Ligo o chuveiro novamente e lentamente me viro.

A água está caindo em cascata pelo meu rosto, embaçando minha visão, mas não o suficiente para obscurecer a visão de seu peito largo na minha frente. Sua camiseta branca está completamente molhada e colada ao corpo, revelando as imagens pintadas em sua pele. Ele raramente tira a camisa na minha frente. Acho que ele acredita que suas tatuagens me assustam. Elas não. Nada sobre Pasha me assusta, muito pelo contrário. A única vez que me sinto absolutamente segura é quando ele está comigo.

Eu inclino minha cabeça para cima e encontro aqueles olhos cinzentos dele olhando para mim. Deus, eu quero beijá-lo tanto. Estou pensando nisso há semanas, mas não consigo decidir se devo ou não. Agora, porém, olhando para ele — todo molhado da cabeça aos pés porque pedi que lavasse meu cabelo — não preciso decidir. Não há dúvida se quero ou não, apenas a necessidade de sentir seus lábios nos meus. Eu levanto minhas mãos para cobrir seu rosto com as palmas e puxo sua cabeça para baixo.

— Asya. — Ele se inclina lentamente, olhando nos meus olhos.

— Eu amo como você diz meu nome. — Eu sorrio. Ele pronuncia com uma cadência russa. Ficando na ponta dos pés, inclino minha cabeça para cima e toco levemente minha boca na dele. — Diga meu nome de novo. Quero saber como é o gosto em seus lábios.

A mão de Pasha descansa na parte de trás do meu pescoço, acariciando a pele sensível ali, enquanto seus olhos perfuram os meus.

— Por favor, — eu sussurro sobre seus lábios.

Ele toca sua testa na minha e fecha os olhos. — Você foi ferida.

— Eu sei. — Eu movo minha mão ao longo de seu queixo e enterro meus dedos em seus fios molhados.

— Você tem dezoito anos, — diz ele. — Estou velho demais para você, mishka.

Eu mordo seu lábio inferior levemente. — Besteira.

Sua mão na parte de trás do meu pescoço agarra meu cabelo. Sua respiração sopra em meu rosto enquanto ele exala, e ele abre os olhos para olhar para mim. — Asya, — ele diz em meus lábios, então os agarra com os seus.

Eu agarro o tecido de sua camisa molhada para me manter firme enquanto o deixo me devorar com a boca.

— Asya, — diz ele novamente entre beijos, movendo os lábios para o meu queixo e ao longo do meu pescoço. — Minha pequena Asya.

Eu agarro a bainha de sua camisa e a puxo para cima e sobre sua cabeça. As mãos de Pasha deslizam pelo meu corpo, parando sob minhas coxas enquanto ele me levanta. Envolver meus braços e pernas ao redor dele ao mesmo tempo, como já fiz tantas vezes antes. O movimento é tão natural que parece que tenho feito isso a vida toda. Ele me carrega para fora do banheiro e em direção à cama, me beijando o tempo todo.

— Não faremos nada, mishka, — ele diz e me abaixa para ficar ao lado da cama. — Eu só estarei beijando você. OK?

Concordo com a cabeça e roço a palma da mão em sua bochecha. — OK.

— Eu preciso pegar uma muda de roupa. Espere aqui.

Oh, então não está acontecendo. Eu pulo de volta em seus braços.

— Asya. — Ele olha para mim. — Eu preciso ir para o armário, baby.

Eu sei o que ele quer dizer. Seus ternos estão lá. — Não olharei, — eu digo.

Pasha aperta o braço em volta das minhas costas. — OK. Serei rápido.

Ele corre. Nem percebo os ternos porque ele simplesmente entra correndo, pega uma cueca boxer, a calça do pijama e uma camiseta, e sai em menos de cinco segundos.

Quando ele me coloca na cama novamente, eu vou para o meu lugar próximo à parede e puxo o cobertor sobre meu corpo nu. Meu cabelo ainda está molhado e vai encharcar o travesseiro, mas não me importo. Pasha vira as costas para mim e, em alguns movimentos rápidos, troca o jeans molhado e a cueca por uma cueca boxer seca e calças de pijama.

— Não, — eu digo quando ele pega a camiseta.

Ele olha por cima do ombro, depois para a camiseta em sua mão. — Mishka?

— Por favor, — eu sussurro.

Pasha acena com a cabeça e joga a camiseta na poltrona reclinável. O colchão afunda quando ele sobe na cama. Assim que ele está ao meu lado, eu me inclino para a frente e coloco um beijo em seu peito nu. Sua mão vem sob meu queixo, e ele inclina minha cabeça para cima.

— Nada acontecerá esta noite. Só beijos e abraços. Mas se você quer que paremos, você precisa me dizer. Imediatamente, Asya.

Uma vontade de chorar toma conta de mim ao ouvir as palavras, mas eu reprimo. Envolvendo meus braços ao redor de seu pescoço, eu esmago meus lábios nos dele. Sua mão acaricia minhas costas, acariciando-me sobre o cobertor. Eu empurro o cobertor de cima de mim e continuo a beijá-lo. A palma da mão de Pasha pressiona contra minhas costas e, por um segundo fugaz, eu congelo. Ele rapidamente remove a mão e fica ali completamente imóvel.

— Está tudo bem, — eu digo em seus lábios. — Eu sei que é você.

Ele lentamente coloca a mão de volta, mas mal está me tocando. Eu suspiro, jogo minha perna sobre sua cintura e subo em cima dele. — Por favor, pare de me tratar como se eu fosse quebrar quando um vento soprar na minha direção.

A mão de Pasha segura minha bochecha, roçando a pele sob meu olho com o polegar. — Receio que você vá.

— Você não pode quebrar algo que já foi quebrado além do reparo, Pasha. — Eu pressiono minha bochecha em sua palma. Seu maxilar fica rígido e a veia em sua têmpora pulsa.

— Nós vamos consertar você, mishka, — diz ele com os dentes cerrados e puxa meu rosto para mais perto. — Vamos juntar cada fragmento quebrado, eu te prometo. E então, vamos aniquilar os desgraçados que te machucaram.

Eu esmago minha boca na dele. Acho que nunca mais voltarei a ser quem era antes, mas não digo isso. Apenas o beijo.

O braço de Pasha circunda minha cintura, e ele nos rola até que eu esteja de costas com seu corpo pairando sobre o meu.

— OK? — ele pergunta, e eu aceno. — Apenas beijos e nada mais, Asya. Lembra?

Quando eu aceno de novo, Pasha desliza para baixo, sua boca pousando na minha clavícula e traçando uma linha do centro do meu peito até meu estômago. Suas mãos percorrem meus braços, meus lados, seu toque lento e leve como uma pluma.

— Ninguém te machucará nunca mais, mishka, — ele sussurra enquanto se move para baixo do meu corpo, seus lábios cobrindo cada centímetro da minha pele – pela minha perna direita, depois pela esquerda, até meus pés. Enquanto ele se move de volta, deixando um rastro de beijos ao longo da parte interna das minhas coxas, aquela voz terrível sussurra dentro da minha cabeça.

Você é nojenta. Não sei como ele consegue colocar a boca em algo tão imundo quanto você. A única coisa para a qual você serve é ser fodida sem piedade. Você não merece nada melhor.

Eu aperto meus olhos fechados e passo as mãos pelo meu corpo, pressionando minhas palmas sobre minha boceta. A boca de Pasha ainda está no meu osso ilíaco.

— Baby? Você quer que eu pare?

Eu balanço a cabeça. — Por favor, não, — eu sussurro. — Simplesmente não vá lá.

— OK. Não farei nada que te deixe desconfortável.

— Não é isso, — eu digo.

Pasha sobe pelo meu corpo e segura meu rosto em suas mãos. — Me dê seus olhos, Asya.

Eu abro meus olhos para encontrá-lo olhando para mim com preocupação. Eu não mereço isso. Eu não o mereço.

— O que eu fiz errado? — ele pergunta, e eu sinto as lágrimas se acumulando nos cantos dos meus olhos.

— Você não fez nada de errado, — eu sufoco. — Eu só não quero seus lábios lá.

— Por quê, baby?

— Porque... — Eu fecho meus olhos novamente e aperto minhas pernas juntas. — Porque eu sou suja.

Sinto o beijo pousar em meus lábios. — Não há nada de sujo em você, — diz ele. — Você é a coisa mais linda e pura que eu já encontrei, Asya... — outro beijo — ...e eu vou apagar todas as memórias ruins que você tem, se me deixar.

A ponta de seu dedo traça ao longo da minha sobrancelha. — Por favor?

— OK. — Eu concordo.

Pasha pega minha mão e a coloca na nuca. — Agarre e puxe.

Enterro os dedos em seu cabelo e agarro os fios sedosos.

— Mais forte, mishka, — ele diz e acena com a cabeça quando eu o faço. — Bom. Quero que faça isso no momento em que quiser que eu pare. Ok?

— Sim.

Ele beija meus lábios novamente antes de mover a boca para baixo, para o meu queixo, meu pescoço, através da minha clavícula e sobre meus seios até meu estômago, então ele faz uma pausa. Quando não faço nada, ele desliza ainda mais para baixo até que seus lábios alcancem minha pélvis e espera novamente, olhando para mim. Ele está parando para me dar uma chance de detê-lo, mas não o faço. Eu respiro fundo e aceno.

Um beijo pousa no centro das minhas dobras. Depois outro. Uma pausa. Mais dois beijos e estremeço.

— Asya?

— Estou bem, — murmuro.

Outro beijo. Uma tentativa de lamber. As mãos de Pasha empurram a parte interna das minhas coxas, abrindo mais minhas pernas. No momento seguinte, sua língua pressiona meu clitóris. Eu inalo e estremeço novamente quando uma sensação de formigamento se desenrola em meu interior. Várias lambidas mais, e outro beijo. Seus lábios se moldam à minha boceta e chupam. Um gemido me deixa, e eu aperto seu cabelo sem pensar.

A cabeça de Pasha se ergue. — Baby?

— Desculpe. — Eu solto seu cabelo e empurro sua cabeça entre minhas pernas novamente. — Mais.

Ele recomeça a me lamber - devagar no começo, depois mais rápido. A pressão entre minhas pernas aumenta, mas preciso de mais. A boca de Pasha desliza para baixo, sua língua entrando em mim, e eu engasgo com a sensação. Meu corpo começa a tremer.

— Eu preciso de... — Eu murmuro, arqueando minhas costas. — Mais.

— Só minha boca hoje, mishka, — diz Pasha e se move para chupar meu clitóris novamente. Meu corpo está tremendo, ansioso.

— Mais! — Eu grito e agarro seu cabelo com todas as minhas forças.

Ele continua provocando meu clitóris, alternando entre lamber e chupar enquanto sua mão se move ao longo da parte interna da minha coxa mais perto da minha boceta. Minha respiração acelera no momento em que sinto seu dedo na

minha entrada, já estou perto de entrar em combustão. Lentamente, seu dedo desliza para dentro, com tanto cuidado que me dá vontade de chorar. Ele está agindo como se fosse minha primeira vez. Como se não houvesse dezenas de outros homens que já me penetraram à força. Eu jogo minha cabeça para trás e gemo, cavalgando a sensação desconhecida de flutuar que toma conta de mim enquanto a umidade se acumula entre minhas pernas. Quando ele está com o dedo totalmente dentro, ele pressiona os lábios sobre meu clitóris e chupa com força, e parece que estou explodindo em um milhão de borboletas minúsculas. Nunca imaginei que seria tão bom ter um orgasmo.

Meu corpo ainda está tremendo quando Pasha se deita ao meu lado. Ele envolve o braço em volta da minha frente, colocando a mão na parte de trás da minha cabeça e enfia meu rosto na curva do seu pescoço.

— Eu gostaria que minha primeira vez tivesse sido com você, — eu sussurro.

— Será.

— Pasha, você sabe muito bem...

Sua mão cobre meus lábios. — Sua primeira vez será comigo, — diz ele ao lado do meu ouvido. — Tudo isso de antes não conta. Você entende?

Eu pressiono meus lábios, tentando não chorar enquanto algo quente incha dentro do meu peito, colando alguns dos pedaços quebrados da minha alma.

Capítulo 15

Pavel

— Pasha, *ma che fai*⁷?

Levanto os olhos do espaguete que ia colocar na panela. Asya está do outro lado da ilha da cozinha, olhando horrorizada para minhas mãos.

— Você não quebra espaguete! — Ela anda pela ilha, balançando a cabeça.

— Eles são muito longos. Não cabe na panela, — eu digo.

— Não, não, não, você não pode fazer isso. — Ela pega o macarrão espaguete das minhas mãos e joga na lata de lixo no canto. Em seguida, dirige-se ao armário, provavelmente para pegar outro pacote. Ela enrijece no momento em que abre a porta do armário, sua mão apertando a maçaneta enquanto ela olha para os sacos de massas diferentes alinhados na prateleira de cima. São todas marcas diferentes. Eu me aproximo e levanto sua mão livre até que ela esteja pairando bem na frente dos sacos.

— Não se apresse, — digo ao lado de seu ouvido e solto sua mão.

Asya olha para a prateleira. Com a mão ainda pairando no ar, ela morde o lábio inferior e pega a sacola do meio.

— Eu fiz isso, — diz ela, apertando o saco.

⁷ O que está fazendo?

— Você fez. — Eu sorrio e coloco um beijo na lateral de seu pescoço.

Ela inclina a cabeça, me dando mais acesso.

— Estou tão orgulhoso de você, querida.

— Eu nunca teria conseguido sem você. — Ela se vira para mim. — Você sabe disso, não é?

— Você teria.

— Não. Provavelmente não. — Ela coloca a mão na minha nuca, puxando-me para um beijo rápido. — Obrigada.

Ela corre pela cozinha, colocando o macarrão na panela e o queijo na geladeira. Há um pequeno sorriso em seus lábios, e eu sinto o calor em meu peito ao vê-lo. Estou tão orgulhoso dela. Levou semanas de prática para chegar a esse ponto, e ela está consideravelmente melhor. Pode levar um pouco mais de tempo para que ela não precise de mim para orientá-la na decisão, mas chegaremos lá eventualmente. De repente, o pânico substitui o calor no meu peito. Ela vai embora quando melhorar? Provavelmente vai.

Asya

— Devo voltar em breve, — diz Pasha enquanto entra no closet. — Preciso assinar alguns contratos e verificar se Kostya fez outra confusão com os pedidos. Se demorar mais de duas horas, ligo para você.

Eu olho para o telefone na minha mão. Ele saiu ontem, dizendo que tinha um recado para fazer, e voltou meia hora depois com um saco de papel branco. Dentro havia um telefone novinho em folha e um par de fones de ouvido. Ele disse que são para o caso de eu querer ouvir música.

Deixo o telefone no criado-mudo e atravesso o quarto, parando na soleira do armário. Pasha está parado na frente da prateleira à esquerda, vasculhando uma pilha de camisetas. Deixo meu olhar ir para a prateleira do lado direito, onde dezenas de seus ternos e camisas estão pendurados em perfeita ordem de cores, do preto ao cinza claro. Mordendo o lábio inferior, entro e me aproximo dele. Lentamente, alcanço o cabide com um terno cinza carvão. Minha mão treme quando toco o tecido elegante, tirando a roupa do cabide.

— Acho que você deveria usar isso hoje, — eu digo e me viro para encará-lo.

Os olhos de Pasha fixam-se no traje que estou segurando no peito e depois se movem para cima até que nossos olhares se conectem. — Baby... Eu não...

— Por favor. — Eu estendo minha mão, oferecendo a roupa para ele. — É você. Eu nunca teria medo de você, Pasha.

Ele me olha com preocupação em seus olhos, mas estende a mão e pega o terno de mim. Ofereço-lhe um pequeno sorriso e caminho em direção ao final da

prateleira onde suas camisas estão penduradas. Deslizo os dedos pelos cabides até chegar a uma das camisas brancas, depois a tiro e volto para Pasha. Ele coloca o terno na prateleira e pega a camisa da minha mão.

Lentamente coloca a camisa, seus olhos grudados no meu rosto o tempo todo como se estivesse esperando que eu surtasse. Tenho certeza de que, se ele notar o menor sinal de medo em meu rosto, tirará a camisa em um segundo. Mas ele não verá. Ele sempre será meu Pasha, não importa o que vista.

Depois de abotoar a camisa, espera alguns instantes antes de pegar a calça e vesti-la. Finalmente, ele pega o blazer.

— OK? — ele pergunta.

Eu aceno e sorrio. Quando ele veste a jaqueta, estendo a mão e endireito suas lapelas.

— Só mais uma coisa, — eu digo e me viro para abrir a gaveta atrás de mim.

Uma variedade de gravatas de seda em várias cores são enroladas e recheadas em pequenos compartimentos dentro da gaveta. Meus olhos deslizam sobre elas até encontrar uma que seja do mesmo tom de seu terno. Quando estendo minha mão para retirá-la, uma imagem minha presa na cama passa pela minha mente. Minha mão vacila logo acima da gravata. Eu afasto a memória, substituindo-a por pensamentos de Pasha. Pasha me abraçando na cama, acariciando minhas costas. Pasha aproximando a caixa de cereal da minha mão, encorajando-me a fazer uma escolha. Pasha me levando em segurança para casa, embora eu estivesse suja e manchada de óleo. Pasha lavando meu cabelo. Pasha me beijando. Envolver os dedos em torno do material sedoso, tiro a gravata e me viro.

— Posso... posso colocar em você? — Eu engasgo.

Ele não diz nada, apenas se inclina e segura meu rosto em suas mãos. Há um olhar estranho em seus olhos quando eles se fixam nos meus - uma mistura de preocupação e cautela, mas também há admiração. E orgulho.

Coloco a gravata em seu pescoço e começo a fazer o nó, enrolando a parte larga sobre a fina. Meus dedos estão tremendo e o tecido escorrega da minha mão. Respiro fundo, pego a ponta solta e retomo meu trabalho. Quando finalmente termino, solto a gravata e olho para cima. É quando percebo que Pasha ainda está segurando meu rosto.

— Você é a pessoa mais forte que conheço, — ele diz e pressiona sua boca na minha.

O beijo é gentil, como se ele tivesse medo que eu me assustasse. Posso estar quebrada, mas o que resta de mim está desesperadamente apaixonada por ele. Eu não quero que ele se segure em mim. Eu não quero gentil. Eu quero tudo dele. Jogo meus braços ao redor de seu pescoço e pulo, agarrando-me a ele como se fosse uma árvore. Seu domínio sobre mim é instantâneo, me apoiando enquanto puxo seu rosto para baixo e mordo seu lábio. Forte.

— Eu quero que você faça amor comigo, — eu digo em sua boca. — E não quero que você se segure.

— Ok, mishka, — ele diz entre beijos. Eles ainda são delicados.

— Pasha. — Eu aperto o cabelo na parte de trás de sua cabeça. — Sem se segurar. Eu preciso que você não se segure. Prometa-me.

— Asya, querida, eu não quero...

Eu pressiono meu dedo sobre seus lábios. — Eu não quero me sentir quebrada quando estou com você. Então, eu preciso que você me trate como se eu não fosse. Dê-me tudo o que você tem. Por favor. Prometa-me.

Os braços de Pasha apertam minha cintura. — Prometo, — diz ele e esmaga sua boca na minha.

É um turbilhão de beijos e mordidas fortes e rápidos. Dentes em choque e línguas em duelo. Somos um emaranhado de lábios e membros. Ele está me segurando tão forte contra seu corpo que tenho certeza que nenhuma força de maré no universo poderia nos separar. E estou maravilhada com cada segundo disso.

Uma melodia surge em minha mente e toca ao fundo enquanto atacamos os lábios um do outro em um frenesi. *In the Hall of the Mountain*⁸, de Grieg. Meus braços ao redor de seu pescoço apertam. Não paramos de nos beijar enquanto ele me carrega para o quarto até chegarmos à cama.

— Eu preciso tirar minhas roupas, — diz ele na minha boca e me abaixa para a cama.

Concordo com a cabeça, relutantemente liberando meu abraço dele. Ele tira o blazer primeiro e o deixa cair no chão. A gravata é a seguinte. Vejo a preocupação em seus olhos quando ele a pega. Inclinando-me para a frente, eu roço a parte de trás dos meus dedos em sua bochecha. — Você prometeu.

A gravata também cai. Sua camisa e calça seguem e, logo, ele está parado na minha frente completamente nu. Meu rei da montanha.

Chegando mais perto eu pressiono meus lábios nos dele. — Agora, por favor, me ajude a tirar a minha.

⁸ No Salão do Rei da Montanha.

Pavel

Respiro fundo e circulo minhas mãos em volta da cintura de Asya. Não importa o que eu prometi. Não posso me obrigar a fazer nada que possa desencadear o trauma dela, mesmo que isso signifique voltar atrás na minha palavra. Concentrando-me em seu rosto, engancho meus dedos no cós de sua calça de moletom e começo a puxá-la para baixo, centímetro por centímetro agonizantemente lento. Se eu notar um mínimo de aflição, vamos parar. Então, eu deslizo minhas palmas para cima em suas pernas, sobre sua calcinha, e puxo a bainha de sua blusa. Ela sorri e levanta os braços, sacudindo os cabelos escuros enquanto a camisa se solta de seu corpo. Soltando o sutiã, Asya o joga no chão e fica na minha frente, vestida apenas com a calcinha. Ela tenta parecer imperturbável, mas vejo o terror contido em seus olhos. E também a feroz determinação de me mostrar que ela não vai ceder, não importa o que eu diga. Eu acaricio seu rosto e me inclino para a frente até que estejamos nariz com nariz.

— Você é a coisa mais pura que já toquei na minha vida, — eu digo segurando seu olhar, — e eu nunca, nunca te machucarei.

— Eu sei, — ela pronuncia, em seguida, coloca as palmas das mãos sobre as minhas e se abaixa na cama, me puxando para baixo com ela.

— Pegue meu cabelo, mishka.

Sua mão direita se move para a parte de trás da minha cabeça, os dedos se enroscando nas mechas.

— Bom. Agora eu preciso que você prometa uma coisa, — eu digo.

— O quê?

— Mesmo o menor desconforto, você puxa e eu paro.

— Eu prometo.

Eu beijo seus lábios, ao longo de seu queixo e pescoço. Meu pau está tão duro que dói, mas ignoro e continuo salpicando seu corpo com beijos. Sua mão pequena, braço, ombro, passando pelas clavículas até ao outro braço. Vou apagar cada toque maligno que ela teve em sua pele com meus lábios. Quando alcanço sua calcinha, paro por um momento, esperando para ver se ela vai me impedir. Ela não faz. Eu traço uma linha de beijos de sua barriga para baixo, sobre sua boceta ainda coberta e de volta para seu estômago. A mão livre de Asya desliza para o material rendado e o empurra para baixo. Dou um beijo nas costas de sua mão, depois pego as laterais de sua calcinha e lentamente a tiro.

— Eu nunca te machucarei. — Eu me inclino para a frente e capturo seus lábios levemente trêmulos com os meus. — Cabelo, querida.

Ela respira fundo e segura meu cabelo novamente.

— Nunca, — repito, deixando um caminho de beijos desde o pescoço até sua boceta.

Quando deslizo minha língua sobre sua boceta, a respiração de Asya aumenta. Eu continuo lambendo, em seguida, adiciono meu polegar e começo a massagear seu clitóris. Um pequeno som de prazer sai de seus lábios e sinto sua umidade em meu rosto. Acelero minhas lambidas e continuo provocando-a com o dedo até ter certeza de que ela está perto, e então chupo seu clitóris. Asya arqueia as costas e geme enquanto os tremores passam por seu corpo. Com cuidado, eu me abaixo sobre ela, mas mantenho a maior parte do meu peso nos cotovelos. Seus olhos se abrem e nossos olhares se conectam.

— Sim, — ela responde à minha pergunta não dita e abre as pernas um pouco mais.

Posiciono meu pau em sua entrada e lentamente começo a deslizar para dentro. É difícil me segurar porque a necessidade de me perder dentro dela é esmagadora, mas mantenho meu ritmo constante, meio centímetro de cada vez. E não interrompo nosso contato visual o tempo todo.

Sua respiração está acelerada e seus olhos estão arregalados, mas seu aperto no meu cabelo não vacila. Uma vez que estou totalmente dentro, ela engasga, seus lábios se abrindo em um sorriso. E então, o aperto no meu cabelo se solta e desaparece completamente.

— Agora, eu preciso que você cumpra sua promessa, — ela diz e beija o lado do meu maxilar. — Preciso que você me trate como se eu não estivesse quebrada.

— Você é você, mishka. — Eu puxo para fora, faço uma pausa e lentamente deslizo de volta. — Absolutamente perfeita... — Eu recuo, então deslizo para dentro novamente, mas um pouco mais rápido. — Do jeito que você é.

É quase impossível conter meus impulsos, mas eu me controlo e ajusto o ritmo para que ele aumente lentamente, tornando cada impulso um pouco mais rápido e mais forte do que o anterior. As pernas de Asya me envolvem, e ela inclina o queixo para cima, olhando nos meus olhos.

— Prove para mim, — ela crava as unhas na pele dos meus braços. — Me dê tudo.

Meu controle se encaixa em um instante. Eu me enterro nela até ao fim. Seu corpo começa a tremer debaixo de mim.

— Mais, — ela engasga.

Eu puxo para fora e imediatamente empurro de volta para dentro, afundando em seu calor.

— Mais rápido!

Agarrando sua nuca, eu bato nela - rápido e forte - a visão de seu rosto corado gravado para sempre em minha mente. A estrutura da cama range abaixo de nós. Engancho meus dedos atrás de seu joelho, levantando sua perna e abrindo-a mais para que eu possa deslizar mais fundo. As mãos de Asya apertam meus braços, então movem-se para envolver atrás do meu pescoço, puxando minha cabeça para baixo para um beijo. Eu consumo seus lábios como um homem faminto, tomando mais e mais enquanto me balanço dentro dela.

Um gemido escapa da garganta delicada de Asya. Eu saio completamente e apenas a observo por um momento antes de voltar para dentro. Sua boceta tem espasmos ao redor do meu pau enquanto seu hálito quente sopra em meu rosto. Ela grita quando goza. Ouvir os sons de seu prazer e vê-la desmoronar sob mim envia um choque para o meu sistema, e eu explodo com um gemido no momento seguinte.

Asya

Estou na sala com as cortinas vermelhas novamente. O cheiro pesado de colônia masculina se apega ao ar. Minhas mãos estão amarradas à cabeceira da cama e um enorme corpo masculino aparece acima. Gotas de suor fedorento caem de sua testa em meus seios. A dor se espalha por todo o meu ser enquanto ele empurra dentro de mim de novo e de novo. Eu grito.

— Shh. É apenas um sonho, — a voz profunda de Pasha diz em meu ouvido. — Você está segura.

O pânico diminui e se extingue completamente quando ele me puxa para mais perto dele, envolvendo seu braço firmemente em volta da minha cintura. Não tenho mais pesadelos com tanta frequência, mas quando tenho, são ruins.

— Você está bem? — Pasha pergunta e coloca um beijo no meu ombro.

Eu me viro para ficar de frente para seu peito tatuado nu. A lâmpada do criado-mudo está acesa, mas reduzida, lançando uma luz amarela suave sobre as formas pretas e vermelhas. Estendo a mão para acariciar a linha de um crânio banhado em sangue. É um de muitos. Deve haver pelo menos dez crânios diferentes apenas em seu peito. O resto das tatuagens são de cenas igualmente perturbadoras.

A maioria dos homens da Cosa Nostra tem um pouco de tatuagens. Até meu irmão tem uma tatuagem de manga cheia. Mas acho que não conheço ninguém que tenha toda a parte superior do corpo tatuada como Pasha.

— Por quê tantas? — Eu pergunto.

— Todo mundo tem uma maneira diferente de lidar com a merda que a vida joga sobre eles. Essa foi a minha.

— Que tipo de merda?

Pasha olha para mim e coloca a ponta do dedo no canto dos meus lábios.

— Abandono. Baixa auto-estima. Solidão, — ele responde, então desvia o olhar. — Humilhação. Fome.

Eu pisco para ele em confusão. É óbvio que ele tem dinheiro. O relógio dele custa pelo menos vinte mil.

— Nem sempre foi assim para mim, — ele diz, adivinhando meus pensamentos. Ele olha para mim novamente e traça o dedo sobre minha sobrancelha. — Fui deixado na porta de uma igreja quando tinha três anos. A lembrança mais antiga que tenho é de uma mulher me conduzindo escada acima até uma grande porta marrom e me dizendo para ficar ali. Então ela foi embora. Provavelmente era minha mãe, mas não tenho certeza. Não me lembro como ela era. Não me lembro de nada antes daqueles cinco degraus de pedra e da porta marrom.

Eu deslizo minha palma em seu peito e examino o desenho em seu peitoral esquerdo. Mostra uma porta dupla escura. Videiras negras e grossas a envolvem várias vezes, como se quisessem mantê-la fechada. Os detalhes são incríveis; as imagens são quase de qualidade fotográfica.

— Você fez isso? — Aponto para o desenho.

— Sim. Assim como a maioria das demais. Exceto os nas minhas costas e outros lugares que não consegui alcançar.

— Posso ver?

Ele se vira de costas para mim. Crânios novamente. Cobras. Muito vermelho. Aranhas. Algumas estranhas criaturas aladas. O estilo é semelhante aos da frente e dos braços, mas não parecem tão bons quanto os que ele mesmo fez.

— Um amigo da prisão fez isso para mim, — acrescenta ele e se vira para mim.

Minha cabeça se levanta e eu olho para ele. — Você esteve na prisão?

— Algumas vezes.

— Pelo quê?

— A polícia frequentemente fazia batidas nos clubes onde aconteciam as lutas clandestinas. As acusações variavam de perturbação da paz a agressão. Cumpri quatro meses por esse último.

— Mas você é tão sensato. Você até organiza suas camisetas por cor.

Ele sorri para mim. — Eu organizo tudo por cor, mishka.

Eu estendo a mão e acaricio o lado de seu rosto com a ponta do meu dedo. Um homem de aparência tão dura. Sim, as aparências podem enganar, porque seu exterior áspero esconde uma alma incrivelmente bela. Como alguém que passou pelas coisas que ele passou pode ter um coração tão grande quanto o dele? É grande o suficiente para me incluir também? Eu me inclino para a frente e o beijo. No momento em que nossos lábios se tocam, minha alma começa a cantar.

Desde que me lembro, associo a música ao sentimento de alegria. Sempre que me sentia para baixo ou com medo, tocava o piano que Arturo me comprou. Às vezes, tocava por horas até que a tristeza ou o medo fossem substituídos pela alegria. Neste momento, parece que a minha relação com a música se transformou. Não preciso mais tocar para me sentir melhor. Eu só preciso estar perto dele, do meu Pasha, e a melodia me preenche.

— Quantos anos você tinha quando começou a lutar? — Eu pergunto.

— Dezoito.

— Você era bom?

Pasha ri em meus lábios. — Não no começo. Nos primeiros meses, eu levei uma surra.

— Mas continuou fazendo isso?

— O dinheiro era bom. E conforme fui melhorando, fui ganhando somas maiores. Então pratiquei todos os dias e me certifiquei de ser o melhor que eu poderia ser.

— Então era tudo sobre o dinheiro?

— No começo, sim, — ele diz enquanto traça meu queixo com o dedo, — mas havia algo... primal que surgiu dentro de mim quando ouvi pessoas torcendo e gritando meu nome. Eu fiquei viciado nisso, de certa forma. Era muito gratificante. Bem, por um período de tempo, pelo menos. Eu tinha vinte e três anos quando entrei na Bratva. Não acredito que já se passaram mais de dez anos.

— Então você passou de um ringue de luta para um clube de luxo. É uma grande mudança.

— Comecei como soldado. Às vezes, fazendo recados, mas na maioria das vezes era enviado para cobrar dívidas. Eu nunca tinha segurado uma arma naquela época, então Yuri teve que me ensinar a atirar antes que eu pudesse receber tarefas mais sérias.

— Você gosta disso? Dirigir uma boate?

— Dois clubes, na verdade. Estou no Ural a maior parte do tempo. É um maior. O segundo clube, Baykal, é usado principalmente para lavar dinheiro. Mas sim, eu gosto.

Eu inclino minha cabeça em seu peito e acaricio a pele tatuada de seu estômago. — Nunca fui a um clube. A família de Nova York não está envolvida no ramo do entretenimento, então Arturo só deixa eu e Sienna irmos a bares pertencentes a alguém da Cosa Nostra. E mesmo isso era raro.

— Por quê?

— Ele estava com medo de que algo acontecesse conosco. Sienna sempre reclamava de como ele era paranoico. Acho que ele estava certo em ser.

O aperto de Pasha em mim aumenta, e ele acaricia minhas costas.

— Como é? — Sua voz é suave, quase reverente.

— O quê?

— Ter uma família. Alguém que ficará com você, aconteça o que acontecer. Mesmo se você cometer um erro. Mesmo quando você está com raiva. Alguém que estará do seu lado mesmo quando souber que você está errado. Para ter alguém que é... seu?

O olhar em seus olhos... Eu não posso descrevê-lo. Anseio. Desejo. E tanta tristeza.

— É como o calor, — eu sussurro.

— Calor?

— Sim. Quando você se encontra em uma tempestade frígida e furiosa, eles são as pessoas que farão de tudo para garantir que você não fique resfriado. Eles vão envolver seus braços em torno de você, protegê-lo, envolvê-lo em seu próprio calor enquanto o vento gelado bate em suas costas.

— Sua família é assim?

— Às vezes, Sienna e Arturo são difíceis de lidar. Nós três temos personalidades muito diferentes. Mas sim. Ambos são assim.

— Você vai me contar sobre eles?

— Sienna é... uma força da natureza. Ela é barulhenta. Franca. Em um momento, ela estaria rindo como uma louca e, no seguinte, estaria chorando muito.

— Um sorriso nostálgico se espalha em meus lábios. — Sienna adora fingir que é superficial. Ela publica um zilhão de fotos nas redes sociais, vestindo roupas ridículas que geralmente fazem as pessoas pensarem que ela é um pouco maluca. Às vezes, ela dá a impressão de que não é muito inteligente.

— Por quê?

— Não faço ideia. — Estendo a mão e traço a linha de sua testa com o dedo. — Minha irmã é a pessoa mais inteligente que conheço, mas em vez de fazer algo com sua mente incrível, ela simplesmente... brinca. A única coisa que realmente a interessa é sua escrita.

— O que ela escreve?

— Ela nunca me mostrou. — Eu sorrio. — Mas eu dei uma olhada em alguns de seus cadernos quando éramos mais jovens. Eles estavam escondidos em uma caixa debaixo de sua cama. Ela escreve romances.

— Livros de romance? — Pasha arqueia a sobrancelha. — Ela é boa?

— Sim. Muito boa. Sienna tem uma queda por palavras. Além do inglês e do italiano, ela fala outras quatro línguas. E ela as aprendeu por capricho.

— Acho que nunca ouvi falar de alguém aprendendo um idioma por capricho.

— Minha irmã aprendeu japonês básico em um mês, sozinha, só porque um menino da escola a chamou de estúpida. — Eu ri. — Ela tinha quatorze anos na época.

Pasha sorri, mas seus olhos continuam tristes. — É um talento e tanto. A maioria das pessoas teria dificuldade em aprender e falar uma língua estrangeira, quanto mais cinco. Eu não gosto de falar russo. Entendo completamente, mas quase nunca converso nesse idioma.

— Já reparei. — Eu me inclino para a frente e pressiono meus lábios nos dele. — Por quê?

— Porque eu tenho um sotaque inglês se falar. Nenhuma das crianças nos lares adotivos ou escolas falava russo, então durante esse tempo eu meio que... apenas esqueci, eu acho. — Ele morde meu lábio. — E quanto ao seu irmão?

— Arturo é como todos os irmãos mais velhos. Apenas cem vezes pior.

— Protetor?

— A ponto de me deixar louca. Ele tinha vinte anos quando nossos pais morreram, então assumiu o papel deles.

— Você não tinha nenhum outro membro da família?

— Tínhamos uma tia. A meia-irmã do papai. Ela se ofereceu para ficar comigo e com Sienna, para morar com ela. Arturo disse que não. — Eu balanço minha cabeça. — Estou preocupada com ele. Acho que algo mudou em sua mente quando nossa mãe e nosso pai foram mortos, e ele concentrou toda a sua atenção, fora de seu trabalho, em nós duas. Ele tem trinta e três anos, mas nunca trouxe uma mulher para nossa casa. Eu sei que ele teve vários relacionamentos; até conhecemos algumas de suas namoradas. Mas nenhuma delas colocou um pé em nossa casa. Acho que ele estava tão focado em nos criar que esqueceu que não é realmente nosso pai.

— Por que você não quer ligar para ele? É óbvio que ele te ama.

— Porque eu também o amo, — eu sussurro. — No começo, pensei que ele não conseguiria superar o que aconteceu comigo. Então, eu não queria ligar para ele.

— E agora?

— Agora, não quero ligar porque sei o quanto ele vai doer se descobrir a verdade. Arturo vai somar dois mais dois, mesmo que eu não lhe conte tudo. Ele vai se culpar. Eu não posso permitir isso. Ele tem o suficiente em seus ombros e me protegeu de tempestades suficientes em minha vida. — Enquanto digo isso, outra coisa passa pela minha cabeça. — Havia uma menina. Na casa de Dolly. Acho que ela pode ter sido russa. Ela foi trazida cerca de um mês depois que eles me levaram, mas desapareceu alguns dias antes de eu fugir.

Sua palma ainda está nas minhas costas. — Você se lembra do nome dela?

— Rada, ou algo assim. Eu não tenho certeza. Por quê?

— Poderia ter sido Ruslana?

Minha cabeça se levanta. — Sim. Era Ruslana. Você a conhece?

— Ela era filha de um dos soldados da Bratva.

— Era?

— O corpo dela foi encontrado na época em que você escapou. Um ou dois dias antes, eu acho.

Estremeço e enterro meu rosto na curva de seu pescoço. Ela não devia ser mais do que um ou dois anos mais velha do que eu.

— Você vai ter problemas porque não foi ao clube hoje à noite? — Eu pergunto, tentando não pensar na garota com uma longa trança loira e como facilmente poderia ter sido eu.

— Irei amanhã.

— Posso ir com você? — Eu pergunto.

Um beijo pousa no topo da minha cabeça. — Claro.

Capítulo 16

Pavel

Tons suaves de uma delicada melodia chegam aos meus ouvidos quando saio do elevador. Ando até à porta do meu apartamento e tiro as chaves do bolso. Ultimamente, tenho fingido que esqueci minhas chaves para poder tocar a campainha e ouvir os passos apressados de Asya enquanto ela corre em direção à porta para me deixar entrar, embora eu só tenha ido por um curto período de tempo. É bom chegar em casa e saber que ela está esperando por mim. Então, continuo fingindo que esqueci minhas chaves e toco a campainha todas as vezes.

Mas hoje não quero distraí-la porque está tocando. Abrindo a fechadura, eu entro. Asya está sentada em frente ao piano, seu telefone está no pequeno suporte acima das teclas. Ela provavelmente encontrou novas partituras online e baixou. Eu deveria comprar seus livros de partituras reais. Não deve ser fácil acompanhar nessa tela pequena. Fazendo o possível para não fazer barulho, deixo as sacolas de compras na porta e vou até à sala. Inclino meu ombro na estante à minha direita e a observo.

Seu cabelo está solto e balança da esquerda para a direita quando ela balança a cabeça junto com a melodia. Não consigo ver o rosto dela do meu lugar, mas tenho certeza de que está sorrindo.

Algo aperta meu peito. Ela levará o piano com quando partir? Porque ela vai embora, eventualmente. Não vou me iludir acreditando que ela gostaria de ficar comigo quando tem uma casa, uma família, provavelmente um monte de amigos e planeja frequentar um conservatório de música. Sua vida pode ter sido suspensa com

o que lhe aconteceu, mas ela vai se recuperar. Eu vi sua força e determinação. Sua coragem. Todas aquelas coisas que a tornam *ela* - as mesmas características que me fizeram me apaixonar tão desesperadamente por ela, também vão afastá-la de mim.

Precisamos chegar logo ao clube se quisermos chegar antes da abertura e evitar a multidão, mas não consigo pedir-lhe que pare. A melodia muda quando ela passa para a minha favorita, *Moonlight Sonata*'. Não sei por que adoro ouvi-la tocar mais essa. Talvez pela primeira vez que a ouvi tocar. Até coloquei como toque de chamada dela no meu telefone. Agarro minha nuca em frustração. Espero que ela leve o piano quando for embora. Porque se ela não o fizer, vou esmagá-lo até não sobrar nada.

Asya

— Se você ficar desconfortável, mesmo que um pouco, me avise e vamos embora. OK?

Concordo com a cabeça e aperto a mão de Pasha.

Enquanto caminhamos em direção à entrada do clube, olho para o céu escuro, procurando os pequenos flocos brancos. A temperatura caiu significativamente e o ar está fresco. Está agarrado aos meus sentidos desde o momento em que saímos do prédio de Pasha, junto com o pânico que está crescendo em meu peito. Quase perguntei a Pasha se poderia voltar para sua casa, temendo que começasse a nevar. Achei que estava melhorando. De certa forma, eu estava. Mas a ideia de ver o chão coberto de gelo faz meu coração bater com o dobro do ritmo normal.

Um homem parado na entrada abre a porta para nós quando nos aproximamos. Ele está vestindo um casaco preto desabotoado, revelando um terno preto por baixo. Eu seguro a mão de Pasha com mais força e me esforço para oferecer ao segurança um pequeno sorriso enquanto passamos.

Pasha me conduz pela espaçosa área decorada em tons de preto e cinza. Mesas altas cercam as bordas de uma pista de dança atualmente vazia. Ao longo da parede, uma plataforma elevada contém vários estandes grandes contendo luxuosos assentos de couro. O espaço está completamente vazio, exceto por uma garota que está limpando em uma das cabines, fazendo o som de nossos passos ecoar nas paredes.

Finalmente chegando ao lado oposto do andar, subimos a escada para o nível superior. Este espaço foi feito para parecer uma espécie de galeria. A parede de vidro do chão ao teto se inclina sobre a pista de dança, expondo todo o interior do clube para qualquer um que esteja aqui. Entramos em uma sala onde um homem de quarenta e poucos anos está sentado em frente a um bloco de monitores que mostram vários ângulos de câmera de diferentes áreas do clube. Pasha acena para o homem e se dirige para outra porta à direita.

Quando entramos, vejo um homem loiro na casa dos vinte anos sentado atrás de uma mesa coberta de papéis. Ele está murmurando algo para si mesmo enquanto olha para a tela do computador à sua frente. Seu cabelo comprido está despenteado, mas não esconde o fato de que ele é muito bonito. Alguns meses atrás, meu rosto ficaria vermelho se eu o visse. Mas isso foi antes de conhecer Pasha. Esse cara pode ser atraente, mas sua aparência não tem impacto em mim.

— Vejo que você finalmente decidiu arrastar sua bunda até aqui, — o homem resmunga, então olha para cima da tela, seus olhos se concentrando em mim e ficando impossivelmente largos.

— Kostya, aqui é Asya, — Pasha diz e me leva ao redor da mesa até que estejamos na frente de seu amigo. — Onde estão os contratos que precisam da minha assinatura?

O olhar de Kostya cai para a minha mão apertada na de Pasha antes de virar de volta para o meu rosto. Suas sobrancelhas sobem até à linha do cabelo.

— Olhe para mim, Konstantin! — Pasha vocifera.

— Caramba, cara! — Kostya se encolhe. — Não faça isso. Só minha *babushka*⁹ me chama pelo meu nome completo, geralmente quando eu estraguei alguma coisa.

— Contratos. Agora.

— O que diabos deu em você? Você mudou sua porra de personalidade junto com seu guarda-roupa? Cristo. — Ele pega uma pilha de papéis da gaveta e os joga na mesa na frente de Pasha. — Aqui.

Pasha começa a assinar os contratos, mas sua mão esquerda segura a minha o tempo todo. Ele está vestindo jeans e um suéter preto hoje. Tentei convencê-lo a vestir um terno, mas ele disse que não.

Kostya finge estar ocupado com alguma coisa na tela do computador, mas percebo que ele lança um olhar rápido para mim a cada poucos segundos.

Assim que Pasha termina de assinar, ele empurra os papéis para o centro da mesa e se endireita. — Isso é tudo?

— Sim.

Pasha acena com a cabeça e se dirige para a saída. Aceno para seu amigo e o sigo. Estamos no limiar quando Kostya grita: — Oh, Pasha! Você pode querer passar no antigo armazém mais tarde.

— Pelo quê?

— Pegamos um dos homens de Julian. Bekim. Mikhail irá interrogá-lo.

O corpo de Pasha enrijece. Ele se vira lentamente e olha para o amigo. — Ligue para Mikhail. Diga-lhe que pode ficar em casa com a família esta noite.

⁹ Avó.

— O quê? Então, quem vai bater aquele papo com o cara?

Pasha olha para mim. — Eu vou.

Pavel

Quando entro no armazém, Kostya já está lá, encostado na parede e mexendo no telefone. No canto oposto, com o rosto no chão, está um homem de trinta e poucos anos. Suas pernas estão amarradas com fita adesiva prateada em torno de seus tornozelos e joelhos. Suas mãos estão amarradas atrás das costas. Um pano sujo se projeta de sua boca.

Mesmo depois de todos esses anos, um leve cheiro de madeira queimada ainda paira no ar. Este é um dos armazéns que os italianos tentaram incendiar antes de assinarmos a trégua. O porão da mansão do pakhan está fora de serviço desde então – sua esposa não gosta do cheiro de sangue em sua casa – então decidimos deixar este armazém como está e conduzir nossos interrogatórios aqui.

Eu olho para o soldado parado a alguns passos do ‘nosso convidado’ e inclino a cabeça em direção à saída. — Vá. Te ligo quando terminar.

O homem acena com a cabeça e sai.

Eu não perco tempo e agarro o homem de Julian pela parte de trás de seu blazer, arrastando-o para longe da parede para me dar mais espaço. Ele choraminga e começa a se debater, então geme quando deixo seu corpo cair no chão. Eu coloco meu pé em suas costas e envolvo minha mão em torno de seu polegar. O som de ossos quebrando é seguido por um gemido abafado de dor. Eu pressiono meu pé com mais força e pego o próximo dedo.

— Você precisa pedir a Mikhail para lhe dar um curso rápido de tortura, — Kostya diz de seu lugar perto da parede. — A regra é: faça perguntas primeiro. Então comece a quebrar merda.

Outro estalo.

— Nossos métodos diferem, — digo enquanto continuo.

Depois de quebrar todos os dez dedos, deixo o homem chorando no chão e pego uma faca na mesa próxima. Piso em suas costas novamente e corto a fita que prende seus pulsos. O homem se debate, tentando se desvencilhar. Eu agarro seu antebraço direito com uma mão, a palma na outra, e os giro em direções diferentes. O homem grita ao redor do pano enquanto seu pulso estala. Repito a ação com o outro braço.

Eu considero quebrar seus tornozelos em seguida, mas decido que não quero arriscar que ele desmaie em mim. Movendo meu pé para o lado dele, eu empurro seu corpo até que ele esteja virado para cima e arranco o pano de sua boca.

— Dusku está distribuindo a nova droga? — Eu pergunto.

— Não, — o homem engasga. — É Julian. Seu genro.

— Julian também está envolvido na rede de prostituição de luxo?

— Sim. Ele está comandando.

— Dusku sabe?

Ele balança a cabeça e choraminga. Coloco a sola do sapato nos dedos quebrados de sua mão direita e pressiono meu passo.

— Ele não sabe! É tudo Julian e alguns de seus amigos de faculdade!

— O que você sabe sobre a garota russa que foi encontrada morta alguns meses atrás? Ela tinha sua droga em seu sistema.

— Foi um acidente, — lamenta. — Um cliente ficou muito violento e ela morreu. Tínhamos que nos livrar dela e garantir que ela não estivesse ligada a nós por meio das drogas que usamos. Então nós a enchemos de heroína.

Pressiono o calcanhar em sua garganta, apreciando o som sufocante que sai de sua boca. — Você vai dar ao meu amigo aqui os nomes e endereços de todos os envolvidos neste esquema. Incluindo os clientes. Até a porra do zelador. Certifique-se de dar os detalhes sobre a mulher - Dolly - responsável pelas meninas também. E o endereço de onde as estão guardando.

Ele concorda.

— Também preciso dos nomes dos homens que sequestraram as meninas.

— Robert está encarregado disso, — ele grasna quando eu tiro meu pé um pouco.

Robert. O filho da puta usa seu nome verdadeiro para atrair as garotas.

— Americano? — Eu pergunto.

— Sim. Ele trabalha para nós há três anos. Julian o trouxe.

— Sobrenome e endereço.

Ele recita as informações e eu as guardo na memória.

— Kostya, — eu chamo. — Nosso convidado está pronto para conversar. Venha aqui para fazer anotações e retransmitir tudo o que ele disser a Maxim.

Eu lanço um último olhar para o homem no chão. — Se por acaso você esquecer um nome, voltarei e terminarei o que comecei. E vou garantir que você permaneça vivo e coerente até que eu termine completamente.

Saindo do armazém, ligo para Asya para avisá-la que só voltarei em algumas horas. Dentro do carro, insiro o endereço que Bekim me deu no sistema de navegação.

Parece que terei outra conversa esta noite.

Capítulo 17

Asya

Acordo com a sensação de dedos penteando meu cabelo. Pasha está deitado na cama ao meu lado, ainda com as mesmas roupas da noite anterior.

— Quando é que voltou? — Eu pergunto.

— Cinco minutos atrás, — diz ele e continua acariciando meu cabelo. — Preciso te mostrar a foto de alguém.

— OK. — Eu concordo. Ele já havia me mostrado fotos de mais de uma dúzia de homens outro dia, perguntando se eu reconhecia alguém, mas nenhum deles parecia familiar.

Pasha solta meu cabelo e estende a mão para trás para pegar o telefone do criado-mudo. Pego o telefone quando ele o estende para mim e olho para a tela. A imagem é de um homem suspenso de cabeça para baixo no teto. Não consigo distinguir muito o rosto dele, então dou um zoom. O telefone quase escorrega da minha mão.

— É ele? Aquele que levou você? — Pasha pergunta. Sua voz é tensa como se ele estivesse falando com os dentes cerrados.

Engulo a bile que de repente subiu pela minha garganta. — Sim.

Pasha acena com a cabeça e pega o telefone da minha mão. Ele segura meu queixo entre os dedos, inclinando minha cabeça para cima até que nossos olhares se encontrem. — Temos todos os nomes. Todos que estavam envolvidos. A

Bratva cuidará do resto de sua organização, mas eu disse a Pakhan que este é meu. — Ele se inclina para a frente e pressiona sua testa na minha. — Você disse que queria assistir.

— O quê?

— Ele, morrendo. Devagar. Enquanto eu o corto pedaço por pedaço.

Eu olho em seus olhos cinzentos enquanto eles olham para mim e seguram seu rosto entre minhas mãos. — Sim.

Pasha acena com a cabeça. — Vou tomar banho e me trocar. E então sairemos.

* * *

É uma viagem de duas horas a oeste da cidade até uma casa em ruínas que não é muito mais que um galpão. Pasha estaciona o carro e se vira para mim, pegando minha mão.

— Se você mudou de ideia, eu levo você de volta, — diz ele. — Tudo bem se você não aguentar ver aquele filho da puta de novo. Voltarei esta noite e cuidarei dele.

Eu olho através do para-brisa para a casa. O homem que destruiu minha vida e bagunçou minha mente está atrás daquela porta de madeira. O pânico começou a crescer no momento em que vi a imagem dele no telefone de Pasha e se multiplicou por dez durante a viagem até aqui. A ideia de vê-lo novamente me deixa doente, mas eu preciso disso. Eu preciso de vingança. Talvez vê-lo morrer me ajude a me recuperar.

— Estou pronta, — eu digo.

A primeira coisa que noto quando Pasha abre a porta da casa é o fedor, uma mistura de vômito e mijô. É tão nojento que mal consigo não esvaziar imediatamente o conteúdo do meu estômago. Está escuro dentro. As janelas são cobertas com cortinas felpudas ou tábuas pregadas, e a única iluminação vem da luz do sol que entra pela porta aberta. Sigo Pasha enquanto ele dá dois passos para a esquerda, apertando sua mão com toda a força. Há um clique quando ele acende a luz. É um som baixo, quase inaudível, mas na minha cabeça reverbera como uma explosão. Quero me virar e olhar o idiota na cara, mas não consigo me mexer.

— Está tudo bem, mishka. — Pasha envolve seus braços ao meu redor e pressiona meu rosto em seu peito. — Ele não pode mais te machucar. E vou garantir que ele não machuque mais ninguém, nunca mais.

Inspiro profundamente, saboreando o cheiro de Pasha. É o cheiro da segurança. E amor. Seria tão fácil pedir a ele para matar o filho da puta para mim. Mas, no fundo, sei que preciso tocar essa música sozinha.

— Você tem uma arma? — Murmurei no peito de Pasha e o senti ficar imóvel.

— Sim.

— Posso pegar? Por favor.

Seu aperto em mim afrouxa, e suas mãos sobem pelos meus braços até chegarem ao meu rosto.

— Você não tem que fazer isso. Vou garantir que ele sofra.

Eu levanto minha mão e seguro sua bochecha. Meu Pasha. Sempre pronto para lutar minhas batalhas por mim. — Por favor.

Ele fecha os olhos por um segundo, enfia a mão no paletó e saca uma arma.
— Você sabe atirar?

— Não.

— OK. Segure assim. — Ele coloca a arma na minha mão e move meus dedos para a posição correta. — A segurança está ligada. Quando estiver pronta, desative-a. Aqui. Você precisa segurar a arma com força. Esta tem um pouco de recuo.

Encaro a arma. É pesada. Muito mais pesada do que eu esperava. Engulo em seco e me viro para encarar o homem que arruinou minha vida.

Ele continua na mesma posição que vi na foto. Seus pés estão amarrados à viga acima, seus braços estão pendurados. Algo está errado com eles, no entanto. Eles ficam pendurados em um ângulo não natural. É difícil acreditar que este é o mesmo homem que conheci no bar. Suas roupas sujas estão rasgadas em vários lugares. Sangue seco está espalhado nas partes expostas de seu corpo, manchando sua camisa e o chão abaixo. Seus olhos estão fechados e um lado do rosto está inchado. Ele não está se movendo. Eu acho que ele já está morto, mas posso ver seu peito subindo e descendo.

Eu imaginei esse momento tantas vezes. Sonhava em fazê-lo pagar por cada maldito segundo da minha dor. Achei que, se algum dia tivesse a oportunidade de me vingar, gostaria que ele sofresse como eu sofri. Mas agora, vendo-o assim, só quero que acabe.

Eu cubro a distância entre nós em passos rápidos até que estou bem na frente dele. A cabeça dele está na altura do meu peito, e o cheiro ruim é ainda pior de perto.

— Espero que você queime no inferno, — eu engasgo e cuspo em seu rosto. Os olhos de Robert se abrem, encontrando os meus. Eu viro a trava de segurança e pressiono o cano na ponte de seu nariz.

E puxo o gatilho.

Pavel

Um estrondo alto irrompe pela sala.

Envolvo meu braço esquerdo ao redor da cintura de Asya, puxando-a para fora do caminho para que o corpo do homem morto não a atinja quando voltar. Acho que ela nem percebeu que eu estava bem atrás dela. Pego a arma da mão dela, deslizo a trava de segurança e a carrego para fora de casa.

Quando chegamos ao carro, jogo a arma no banco de trás e coloco Asya no chão, virando-a para mim. Sua mão e a manga de seu casaco amarelo estão cobertas de respingos de sangue. Eu desabotoo e tiro o casaco dela, jogando-o no banco de trás também. Então, tiro minha própria jaqueta e consigo colocar os braços de Asya nas mangas, fechando-a em seu calor. Ela não diz nada enquanto eu a visto. Seus olhos parecem vagos enquanto ela olha para a frente. Eu não acho que ela esteja ciente de minha presença.

Eu não deveria tê-la deixado fazer isso. Quando ela pegou a arma e se virou para o filho da puta, tive certeza de que ela mudaria de ideia. Acho que nunca o som de um tiro me abalou tanto.

— Mishka, — eu a incentivo enquanto limpo o sangue de sua mão na frente do meu moletom. — Por favor, diga alguma coisa.

Asya apenas pisca. Seus olhos permanecem desfocados.

Um pequeno floco branco cai em sua bochecha. Outro segue. Eu olho para o céu. Está nevando. Eu rapidamente pego o capuz da jaqueta e puxo sobre sua cabeça. — Vamos para casa, querida.

* * *

No momento em que estaciono o carro em frente ao meu prédio, a neve leve se transformou em uma forte nevasca. Asya passou as duas horas inteiras de carro encolhida no banco do passageiro com o rosto colado no meu ombro.

— Nós estamos aqui, — eu digo.

Ela balança a cabeça e se endireita, mas mantém os olhos fechados. Eu saio do carro e caminho pela frente. No entanto, quando abro a porta do passageiro, Asya não faz nenhuma tentativa de se mover.

— Vamos levar você para dentro. — Eu me inclino e a pego em meus braços.

O vento sopra em meu rosto, jogando neve em meus olhos enquanto a carrego em direção à entrada do prédio. O estacionamento fica a apenas doze metros de distância, mas quando chegamos às portas, nós dois estamos cobertos de flocos.

Assim que entramos no apartamento, coloco Asya no chão e tiro sua jaqueta. Eu tiro meu moletom em seguida. É preto, como a jaqueta, e a neve ainda não teve chance de derreter. Jogo o moletom atrás de mim e me agacho para desamarrar suas botas. Preciso ligar de novo para a psicóloga amiga do médico e perguntar o que fazer. Não posso dizer a ela que deixei Asya matar um homem, mas preciso de algum tipo de conselho. E se ela regredir? O silêncio dela está me assustando.

Enquanto desamarro a outra bota de Asya, sinto suas mãos em meu cabelo. Lentamente, olho para cima e a encontro me observando com um olhar estranho em seus olhos.

— Eu nunca deveria ter lhe dado aquela arma, — eu sussurro. — Sinto muito, querida.

Asya inclina a cabeça para o lado e desliza as mãos pelo meu pescoço e ainda mais, até ao centro das minhas costas. Agarrando punhados de tecido com os dedos, ela puxa a camiseta sobre minha cabeça e começa a desabotoar a camisa. Eu a observo enquanto ela o remove e o sutiã e começa a vestir o jeans. Ainda estou agachado na frente dela enquanto ela empurra as roupas descartadas para o lado e fica nua diante de mim.

Pegando minha mão na dela, ela me puxa para cima e desabotoa minha calça jeans. Não consigo tirar os olhos dela enquanto ela tira meus sapatos e o resto da minha roupa, deixando nós dois nus um na frente do outro.

— Asya, querida? — Quando estendo a mão para acariciar seu rosto, ela pula em mim. Eu mal a pego a tempo, conseguindo agarrar suas coxas. Seus braços se fecham em volta do meu pescoço, as pernas envolvem minha cintura enquanto ela abaixa a cabeça até que seus lábios tocam a concha da minha orelha.

— Sim, Pachenka? — ela sussurra.

Prendo a respiração. Ninguém nunca me chamou assim. O pakhan e alguns outros usam meu nome completo, mas o resto me chama de Pasha - a variante abreviada em russo para Pavel. Mas ninguém jamais usou um nome diminutivo. Na Rússia, geralmente são reservados para os familiares e cônjuges mais próximos de alguém.

— Como você sabe sobre esse carinho? — Eu pergunto.

— Encontrei um site sobre nomes russos, — ela diz e dá um beijo na lateral do meu pescoço. — Ele mencionou que é um nome muito pessoal e afetuoso,

e é melhor pedir permissão antes de usá-lo. — Ela arrasta a boca para o lado do meu maxilar. — Tenho sua permissão para usá-lo?

— Sim, — eu sussurro.

Seus lábios alcançam os meus e pairam a apenas um fôlego de distância. — Eu quero que você me foda, Pachenka.

Meu pau incha ao ouvi-la dizer isso. Apertando suas coxas, eu me viro, prendendo-a na porta da frente. Eu posso sentir sua boceta pingando contra meu abdômen, e leva toda a minha contenção para não enterrar meu pau dentro dela. Asya morde meu lábio inferior e meu controle se quebra. Posicionando-a acima do meu pau duro como pedra, começo a abaixá-la, inalando sua respiração trêmula enquanto a encho. Ela geme em meus lábios, então aperta meu cabelo quando eu o puxo.

— Mais forte. — Seu gemido suave se transforma em um grito quando eu bato de volta para dentro.

Enquanto eu penetro em sua boceta, posso sentir seu calor, e é como voltar para casa. Eu não acho que realmente sabia o que essa frase significava antes de conhecer Asya. Mas isso - seu corpo pressionado contra o meu, suas mãos no meu cabelo e seus lábios pressionados contra a minha boca - finalmente me sinto em casa. Ela é minha casa. Apertando suas coxas, empurrei com força, querendo me imprimir nela. Para marcá-la como minha de alguma forma.

— Mais forte. — Ela geme e afunda os dentes no meu ombro.

Há muito tempo perdi a capacidade de pensamento racional. Puramente por instinto, eu me viro e a carrego pela sala até à mesa de jantar. Ignorando as pilhas organizadas de documentos financeiros com os quais trabalhei ontem e que agora estão sobre a mesa, abaixo Asya diretamente em cima de um dos contratos. Ela está tão molhada que o papel sob sua bunda fica saturado instantaneamente.

— Deite-se, baby. — Eu a agarro por trás dos joelhos e a puxo para mais perto, colocando seus pés na beirada da mesa. Ela me observa através de suas pernas abertas, um pequeno sorriso iluminando seu rosto.

— Estou esperando, — diz ela.

Eu sorrio e dou um passo mais perto, deixando apenas a ponta do meu pau encontrar sua casa, e pressiono meu polegar sobre seu clitóris. Ela suga uma respiração. Eu esfrego pequenos círculos em sua protuberância, provocando-a, então lentamente empurro mais enquanto aumento a pressão com meu polegar. Antes mesmo de eu estar totalmente dentro, seu corpo começa a tremer. Meu pau dói por estar duro, mas mantenho meus movimentos lentos, observando seu corpo arquear para fora da mesa e me deliciando com cada som de prazer que ela faz. Com um último círculo em seu clitóris, pego seus tornozelos e lentamente endireito suas pernas em um V perfeito. Eu a penetro, estreitando e abrindo suas pernas a cada impulso e recuo.

— Mais forte! — ela grita.

Eu descanso suas panturrilhas em meus ombros, pressiono seus joelhos juntos e bato de volta para dentro. Ela tem um orgasmo, gritando de prazer enquanto tremores sacodem seu corpo. Eu posso sentir o espasmo de sua boceta em volta do meu pau, e isso envia um solavanco na minha espinha. Eu grito e explodo dentro dela.

* * *

Eu acaricio o comprimento do cabelo de Asya, então passo a palma da minha mão para cima e para baixo em suas costas. Ela está dormindo em cima de mim há duas horas. Eu deveria tentar dormir um pouco também. Passei a noite anterior perseguindo e, uma vez que o peguei, espancando o filho da puta que machucou minha garota. Mas não consigo dormir. Continuo pensando em Asya enquanto ela puxava o gatilho.

Parece que uma contagem regressiva começou com aquela bala. O homem que destruiu sua vida se foi. Roman me garantiu que o restante da organização será tratado, então tenho certeza de que todos estarão mortos amanhã a esta hora.

Olho para o rosto de Asya descansando no centro do meu peito. Ela geralmente se vira durante o sono, mas não moveu um músculo desde que adormeceu mais cedo. Eu puxo o cobertor em seus quadris e a cubro totalmente.

Quanto tempo nos resta? Ela tem se saído muito melhor nas últimas semanas, e raramente preciso mais ajudá-la nas decisões. Homens de terno ainda a deixam desconfortável, mas ela também percorreu um longo caminho para superar isso. Os pesadelos pararam e a única coisa que ainda a aflige é a neve. Estou tão orgulhoso dela.

Por melhor que seja o progresso dela, ele alimenta o pânico absoluto que cresce dentro de mim. Será que hoje será o dia que ela me dirá que está na hora de ir embora? Ou será amanhã? Já se passaram semanas desde que parei de incentivá-la a entrar em contato com o irmão. Eu me convenci de que fiz isso para dar-lhe tempo e espaço para se curar, mas tenho mentido para mim mesmo. Fiz isso porque quero que ela fique. Para sempre.

Enquanto observo sua forma de dormir, sua presença diminui o buraco dentro do meu peito, mas o som de um relógio ecoa em minha mente. Contando os dias, ou talvez meras horas, que me restam com ela.

Tik. Tak.

Tik. Tak.

Capítulo 18

Pavel

— Tem certeza, Asya? — Eu pergunto enquanto seguro a porta do carro aberta para ela.

— Não. — Ela pega minha mão e sai do carro — Mas eu preciso fazer isso de qualquer maneira.

— OK, baby.

Com a mão de Asya na minha, sigo em direção à entrada dos fundos do Ural. Ainda não acho uma boa ideia vir ao clube durante o horário de abertura ao público. Não é o mesmo que ir ao shopping. Aqui, haverá mais pessoas em um espaço menor, todos amontoados. E como o Ural é um lugar mais sofisticado, a maioria dos frequentadores do clube usará roupas elegantes, incluindo ternos masculinos. Sei que ela precisa enfrentar seus medos, mas não gosto da ideia de ela ficar estressada por qualquer motivo. Eu quero protegê-la do perigo. Mas Asya tem insistido por duas semanas, então eu finalmente cedi.

Deixamos os casacos na chapelaria e entramos no espaço principal. Já há mais de cem pessoas lá dentro. Asya envolve seu braço em volta do meu antebraço e se inclina para o meu lado, mas ela não vacila enquanto nos dirigimos para a pista de dança em direção ao canto oposto, levando-nos para perto das escadas que levam ao nível superior. Eu disse ao pessoal para remover as mesas daquele local. Estamos a meio caminho de nosso destino quando um homem acena para mim de uma das

cabines VIP e segue em nossa direção. Damian Rossi. O irmão do don de Chicago. Ele navega pela multidão e nos encontra perto da escada.

— Pavel, estive procurando por você. Como funciona alugar este lugar para uma noite? — Ele sorri e olha para Asya, oferecendo-lhe a mão. — Sou Damian.

— Oi, — diz ela baixinho, mas não faz um movimento para apertar a mão dele.

Mal consigo conter minha vontade de mandar o italiano para o inferno, mas Asya parece bem. Não quero que ela pense que duvido de sua capacidade de lidar com a situação. Ela disse que aguenta e, a menos que eu perceba aflição, não interferirei.

— Os aluguéis são limitados apenas aos membros da Bratva, — eu digo. — Qual é a ocasião?

— Ah, nada de especial. Alguns amigos e eu gostaríamos de dar uma festa e estamos procurando um local. — Ele dá de ombros, então se vira para Asya e seu sorriso se alarga. — Você gostaria de vir, *bellissima*? Não ouvi seu nome.

O aperto de Asya em meu antebraço aumenta.

— Saia, Damian, — eu digo em um tom curto.

— O quê? Eu só estava...

Agarro a frente de sua camisa e encosto meu rosto no dele. — Vire-se e saia. Agora, porra. — Eu vocifero por entre os dentes.

Ele pisca para mim em confusão e levanta as mãos. — Ok, cara. Não há necessidade de briga, especialmente na frente de uma dama.

Solto sua camisa e observo enquanto ele volta para sua mesa.

— Você quer ir embora? — Eu olho para Asya.

— Estou bem. — Ela me oferece um pequeno sorriso. — Vamos ficar um pouco.

Quando chegamos ao local pretendido, eu me inclino contra a parede e puxo Asya para ficar entre minhas pernas com as costas pressionadas contra meu peito. Ela está vestindo jeans e uma blusa simples sem mangas com um decote alto. O tecido é de lã leve e macia e tem o mesmo tom de marrom do cabelo dela.

— Tudo certo? — Eu pergunto enquanto envolvo meus braços em volta de sua cintura.

— Sim.

Ficamos em silêncio e as pessoas observam por cerca de dez minutos. Ela parece relaxada no início, mas depois se inclina mais contra mim. Suas mãos cobrem as minhas, apertando meus dedos.

Abaixo a cabeça até que meu queixo pouse em seu ombro. — Fale comigo.

— Estou bem. Apenas um pouco inquieta. Há muita gente.

— Quer ir embora?

Ela parece indecisa por alguns momentos, mas depois balança a cabeça. — Ainda não. É um pouco enervante, mas posso lidar com isso. Eu quero experimentar um pouco mais.

Eu cerro os dentes. Não a quero perto de nada que a deixe desconfortável. E certamente não gosto do fato de ela estar se sentindo inquieta. Se ela quiser ficar, tudo bem. Mas será nas minhas novas condições. Eu a giro, agarro-a por baixo das coxas e a levanto.

Ela grita de surpresa e trava os pés nas minhas costas. — Pasha?

Eu encaro a parede, apoiando-a nela e deixando-a ver a pista de dança.

— Agora você pode continuar verificando as coisas, — eu a mordo.

Asya arqueia as sobrancelhas para mim e sorri. — Gosto ainda mais da nova vista. — Ela se inclina para a frente e pressiona seus lábios nos meus. — Muito melhor.

Eu mordo seu lábio inferior. Asya respira fundo e aperta as pernas ao meu redor. Meu pau incha. Eu posso sentir o calor de sua boceta perto do meu comprimento duro, e meu pau endurece ainda mais quando ela agarra minha nuca e afunda seus dentes em meu queixo.

— Talvez possamos ir para casa, afinal, — diz ela na minha boca. — O que você diz, Pachenka?

Eu não respondo, apenas me viro e a carrego até à saída.

Asya

Quase tropeço tentando tirar as calças sem largar o pescoço de Pasha. Meus sapatos e top estão em algum lugar na sala de estar, junto com seu jeans e camiseta. Não tenho certeza, mas acho que nossas jaquetas podem estar no corredor em frente ao elevador. Finalmente livre da minha calça jeans, eu ando de costas para a cama, tentando abrir meu sutiã com uma mão. Pasha tira a cueca boxer, me agarra pela cintura e nos joga na cama. Eu acabo esparramada em cima de seu peito.

— Quero que tentemos uma coisa, — digo e mordo seu queixo. — Eu vi na internet.

— O quê?

— Umm... é uma posição. — Eu sorrio timidamente e raspo meus dentes sobre meu lábio inferior.

Pasha arqueia uma sobrancelha. — Oh? Algo específico?

Suas mãos deslizam pelas minhas costas e apertam minha bunda. Em suas mãos, cada centímetro da minha pele parece ter sido eletrocutado por um fio elétrico. Ainda acho difícil acreditar o quanto gosto dele me tocando. Beijando-me. Fazendo amor comigo. Tive medo, a princípio, de surtar em algum momento, esquecendo quem ele é, e me encolher ao seu toque. A ideia de que isso pode acontecer esteve constantemente presente em minha mente por um tempo. Eu detestava a possibilidade de machucá-lo involuntariamente se eu recuasse involuntariamente, fazendo-o pensar que fez algo errado. Não tenho mais medo disso. Tanto meu corpo quanto minha mente o reconhecem, não importa o que esteja acontecendo. Mesmo

quando ele é bruto. Mesmo quando ele me empurra contra a parede e me pega por trás. Não há um pingo de medo. Apenas um prazer alucinante.

— Sim. — Eu sorrio e sinto o calor em minhas bochechas.

Pasha move suas mãos pelas minhas costas, então pega meu rosto entre suas palmas, puxando-me para um beijo. — Vire-se.

— Sabe o que tenho em mente?

— Baseado em como seu rosto está vermelho, tenho certeza que sim. — Ele morde meu lábio. — Vamos, me dê sua linda boceta.

Eu viro e encaro seu pau, deixando minha boceta exposta em sua boca. Pasha agarra minhas nádegas, puxando-me para mais perto, e enterra o rosto entre minhas pernas. Sua língua circula minha entrada, então desliza para dentro, me fazendo ofegar. Quando alcanço seu pau, minhas mãos estão tremendo com as sensações avassaladoras. Aperto seu comprimento duro e levo a ponta em minha boca. Pasha muda de ritmo — lambidas lentas e beijos frenéticos — comendo minha boceta como se fosse uma sobremesa. A sensação combinada de sua língua em minha boceta e seu pênis em minha boca não é comparável a nada que eu já experimentei antes. Ele adiciona seus dedos e então belisca meu clitóris, e eu gozo em seu rosto.

Levo alguns momentos para me recuperar da euforia, e então eu o levo mais fundo em minha garganta enquanto ele continua lambendo meus sucos. Sua respiração é difícil. Eu posso dizer que ele está perto. Eu vagarosamente alivio minha boca de seu comprimento duro e me viro para encará-lo. Fixando meus olhos nos de Pasha, eu me posiciono sobre seu pau tenso e lentamente me abaixo, maravilhada com a sensação dele me enchendo. A mão de Pasha dispara para cima, agarrando-me atrás do meu pescoço, e fica lá enquanto eu balanço meus quadris enquanto ele

olha nos meus olhos, sem piscar. Respirações tensas deixam seus lábios, e os músculos de seu peito estão tensos sob minhas mãos, mas é o olhar em seu rosto que prende minha atenção. Seu maxilar está contraído, os lábios tensos. Parece que ele quer dizer algo, mas está se segurando.

— O que há de errado, Pachenka? — Pergunto enquanto levanto minha bunda, em seguida, caio de volta, ofegante quando seu pau penetra profundamente em mim.

Seu aperto no meu pescoço aumenta, mas ele não diz uma palavra. Apenas bate em mim por baixo com tanta força que minha mente fica em branco. No momento seguinte, encontro-me de costas com o corpo de Pasha sobre o meu. Ele continua a agarrar meu pescoço enquanto empurra tão rápido que meu corpo treme e mal consigo colocar ar suficiente em meus pulmões. Eu amo quando ele solta seu autocontrole de aço e me fode com todo o seu poder. Não há nada melhor do que ele me foder até gozarmos ao mesmo tempo. Isso me faz sentir forte, destemida e mais feliz do que nunca. Agarro seus braços e grito seu nome enquanto outro orgasmo entra em erupção.

Capítulo 19

Pavel

Notas lentas e emocionais vêm da sala de estar. Abro os olhos e encaro o teto. Há pouco ela tocou *Für Elise*. Não sei o nome dessa melodia em particular, porém, e raramente pergunto porque prefiro quando Asya me conta sozinha. Sua música é muito pessoal para ela, então o fato de ela compartilhar algo sobre o qual ela se sente tão íntima, sem que eu peça, toca profundamente em minha alma. Desde cedo me acostumei a não pedir coisas na minha vida, e isso se tornou um hábito. Por que pedir coisas quando a resposta quase sempre será não? Sim, existe a possibilidade de um resultado diferente, mas acho que prefiro não perguntar a lidar com a decepção.

Nos meus primeiros anos em um orfanato, continuei fazendo as mesmas três perguntas. *Minha mãe ligou? Alguém ligou me procurando? Minha mãe voltará?* A resposta sempre foi não. Então, as perguntas mudaram. *Eu tenho alguma outra família? Outra família me escolherá como algumas das outras crianças?* Como aquele encenqueiro, o menino que vivia brigando com os outros meninos em uma das casas onde eu morava. Não me lembro do nome dele. Era Kane? Ou talvez Kai? Dois dos outros filhos adotivos acabaram na sala de emergência quando o provocaram por causa de seu cabelo comprido. O filho da puta maluco arrancou um pedaço da orelha de um e enfiou um garfo no pescoço do outro. Aquele garoto desapareceu depois disso, e todos pensamos que ele acabou em um reformatório ou em uma instituição psiquiátrica. Mas, alguns meses depois, ouvi as assistentes

sociais dizendo que ele foi adotado. Então, voltei a importunar os pais adotivos e os assistentes sociais dia após dia, perguntando se alguém também me adotaria. Eu perguntei e perguntei até que meu pai adotivo se cansou disso e gritou na minha cara para parar de fazer perguntas idiotas. Eu segui seu conselho.

É o meu medo de rejeição que torna tão difícil para mim pedir a Asya para ficar comigo? Ontem à noite, quase o fiz. Eu queria tanto perguntar-lhe que mal consegui impedir que as palavras explodissem da minha boca. Ela podia ter dito sim. Eu sei que ela gosta de passar tempo comigo. Acho que ela até gosta de mim, mas ficar comigo significaria não voltar para a família dela. Ela gosta de mim o suficiente para me escolher em vez deles?

A melodia na sala muda. Eu conheço este. É a versão para piano da introdução de *Game of Thrones*. Asya adora essa. Eu rolo para fora da cama, com a intenção de arrastá-la de volta para a cama, assim que meu telefone toca na mesa de cabeceira. O nome de Roman ilumina a tela.

— Pakhan? — Pergunto quando atendo a ligação.

— Preciso falar com você, Pavel.

— Tudo bem. — Concorde com a cabeça e sento na cama.

— Pessoalmente, — ele acrescenta com uma voz sinistra. — Espero você na mansão em uma hora.

A chamada desconecta.

* * *

Entro no escritório do pakhan e o encontro sentado atrás de sua mesa. Mikhail e Sergei também estão lá, descansando nas poltronas perto da estante.

— Pakhan. — Fecho a porta atrás de mim e sigo em direção a sua mesa.
— Há algo de errado nos clubes?

— Não exatamente, — ele diz. — Diga-me, Pavel, há algo que eu precise saber? Algo que você esqueceu de mencionar, talvez?

— Sobre o quê?

Ele inclina a cabeça para o lado, me observando. — O nome DeVille soa familiar para você?

Um arrepio percorre minha espinha.

Roman sorri. Não é um sorriso bonito. — Vejo que sim. — Ele se inclina para a frente e bate na mesa com a palma da mão. — Que porra você estava pensando, escondendo a irmã de Arturo DeVille em sua casa?

Levo alguns momentos para me recuperar. Como diabos ele descobriu?

— Ela não quer que ninguém saiba. Incluindo o irmão dela, — eu digo por entre os dentes. — Quando ela estiver pronta, ela vai ligar para ele.

— Eu não me importo com o que ela quer! — Roman vocifera. — Seu irmão está procurando por ela há meses, pensando que ela está morta! Você pode pelo menos imaginar como tem sido para ele? A irmãzinha dele se foi, sem saber se está viva ou morta?

Eu cerro minhas mãos e ranjo os dentes. — Asya não quer lhe ligar, Roman.

— Você sabia que ela tem uma irmã, Pavel? — Roman continua. — Uma irmã que passou duas semanas no hospital depois de engolir um frasco de pílulas para dormir porque acreditava que era sua culpa o desaparecimento de Asya?

— Merda. — Fecho os olhos. — Ela está bem? Sua irmã?

— Ela está bem.

— Como você sabe tudo isso? — Eu pergunto e olho para ele.

— Quando Asya desapareceu, Ajello enviou uma mensagem a todas as famílias da Cosa Nostra, exigindo que denunciassem se alguém a visse. Ele mandou a foto dela. — O pakhan suspira. — Damian Rossi viu vocês dois no Ural ontem à noite. Arturo estava na minha porta às seis da manhã.

Eu agarro as costas da cadeira na minha frente, segurando com força suficiente para fazer meus dedos ficarem brancos. — Disse-lhe onde ela está?

Roman lança um olhar para onde Mikhail e Sergei estão sentados. — Ele está a caminho de sua casa, Pavel.

Eu o encaro enquanto o medo pior do que qualquer outro que eu já experimentei se espalha da boca do meu estômago. Ele a levará embora. Eu me viro, pronto para sair correndo do escritório e ir para casa, apenas para encontrar Sergei bloqueando minha saída.

— Mova-se! — Eu vocifero e avanço para ele, mas dois braços me agarram por trás.

— Pasha. Acalme-se, — Mikhail diz, me segurando.

Empurro a cabeça para trás, dando uma cabeçada em sua testa. O aperto de Mikhail vacila e eu aproveito a oportunidade para atacar Sergei. Ele acerta minha cabeça com o punho, mas jogo meu cotovelo em seu estômago. Eu me esquivo, evitando seu próximo soco, e dou um soco em seu rosto no momento em que Mikhail me ataca por trás, me prendendo contra a parede ao lado da porta.

— Você não pode manter uma pessoa longe de sua família! — ele ruga perto do meu ouvido e bate minha cabeça contra a parede.

— Ele a levará embora!

— Ele não pode levá-la embora se ela não quiser ir, — diz Mikhail. — Mas se ela quiser, você não tem o direito de fazê-la ficar.

— Eu sei. — Eu fecho meus olhos e caio contra a parede, derrotado.

— Deixe-o ir, Mikhail. Você pode ir, — Roman diz de algum lugar atrás de mim. — Você também, Sergei.

Ouçoo a porta abrindo e passos recuando, mas não me mexo. Minha testa descansa na superfície fria. Estou lentamente ficando dormente.

— Pavel, olhe para mim.

Abro os olhos e inclino a cabeça para o lado. Roman está parado ao meu lado, apoiado em sua bengala.

— Você precisa deixá-la ir. Se não o fizer, nem você nem ela saberão se ela está com você porque o ama. Ou se é porque ela tem medo de sair.

— Você não entende, — eu digo. — Eu nunca tive ninguém, Roman. Até ela. Não consigo mais imaginar minha vida sem ela.

— Ela precisa ir ver sua irmã. Ela precisa de sua família. E sua família precisa dela. Mas ela voltará.

Eu olho para a parede novamente. — Ela não vai. Se ela for embora, ela não voltará.

— Por que tem tanta certeza?

— Porque ela não precisa de mim agora, Roman. Ela precisava de mim antes. Não mais.

— Você quer que ela fique com você só porque ela precisa de você? Você merece mais do que isso. Vocês dois merecem.

— Eu sei. — Eu bato minha testa naquela maldita parede como se isso fosse ajudar a sufocar o terror furioso dentro de mim.

— Vá para casa. Fale com ela. Fale com Arturo, ele merece uma explicação. — Roman coloca a mão no meu ombro e aperta. — Tire alguns dias de folga se precisar. E, por favor, pare de bater sua cabeça dura na minha parede. Você vai quebrar a porra dessa coisa.

— Minha cabeça? — Eu pergunto.

— A parede, Pavel. Se seu crânio não rachou durante todos esses anos de luta, certamente não vai quebrar agora.

Eu bufo e balanço a cabeça.

Asya

Há uma batida na porta.

Meus dedos ainda nas teclas do piano. Pasha nunca bate. Ele sempre toca a campainha. Deve ser um vizinho querendo me pedir para não tocar tão alto. Atravesso a sala e abro a porta. Quando meus olhos pousam no homem parado do outro lado, rapidamente dou um passo para trás.

— Querido Deus, — meu irmão engasga e me puxa para um abraço de urso, me apertando com tanta força que é impossível mover um músculo.

Eu tento engolir uma respiração profunda, mas nenhum ar parece entrar em meus pulmões. Outra tentativa. Arturo alivia seu aperto e olha para mim com um olhar ligeiramente enlouquecido em seus olhos. E então, ele está me apertando contra seu corpo novamente. Meus braços estão tremendo quando eu o abraço e pressiono minha bochecha em seu peito.

— Eu pensei que você estava morta, — diz ele em meu cabelo. — Pensei que alguém tivesse levado você e estou esperando que alguém ligue e peça um resgate. A ligação nunca veio.

— Sinto muito, — murmuro, as lágrimas se acumulando nos cantos dos meus olhos. É difícil acreditar que ele está aqui depois de todo esse tempo. E é bom. — Sinto muito, Arturo.

— Por quê, Asya? Por que não nos deixa saber que você está bem? — Ele segura meu rosto entre as palmas das mãos e inclina minha cabeça para cima. — Onde você esteve todo esse tempo?

Eu observo meu irmão enquanto a preocupação acende um pressentimento na boca do meu estômago, espalhando os pulsos aquecidos de pavor no meu peito.

— Encontramos sua bolsa e óculos atrás daquele bar. E sangue. O que aconteceu?

Eu abro a boca, mas nenhuma palavra sai de meus lábios.

— Porra, Asya, diga alguma coisa, droga!

— Eu fui estuprada! — Eu grito na cara dele.

Todas as cores abandonam o rosto de Arturo. Ele pisca. Suas mãos em meu rosto começam a tremer. Envolver meus braços em torno de suas costas e entrego meu rosto em seu peito.

E aí eu falo, mas não conto tudo para ele.

Quando termino, Arturo se ajoelha na minha frente, ainda me segurando em seus braços. Enfio meus dedos em seu cabelo e apoio minha bochecha no topo de sua cabeça, ouvindo-o resmungar como vai crucificar o filho da puta que me machucou, então o quanto ele me ama.

— Eu também te amo, Arturo, — eu sussurro.

E foi por isso que não contei a ele toda a história. Eu pulei a pior parte. É melhor assim.

— Precisamos ligar para Sienna, — Arturo murmura. — Eu não queria contar nada a ela até ter certeza. Em caso... caso não fosse você, eu não poderia arriscar que ela fizesse algo estúpido de novo.

— O que você quer dizer?

Ele balança a cabeça e me segura com mais força.

— O que ela fez, Arturo?

Pavel

A primeira coisa que noto quando entro no apartamento é um homem de cabelos escuros sentado no sofá da minha sala. Ele está olhando para o chão entre seus pés, cotovelos apoiados nos joelhos enquanto suas mãos seguram seus cabelos.

— Onde está Asya? — Eu pergunto.

— Tomando um banho. Preparando para sair, — ele diz, ainda olhando para o chão.

— Ela te contou tudo?

— Sim. Também sei que ela esteve aqui o tempo todo.

Atravesso a sala e me sento na poltrona à sua esquerda. — Preciso dar algumas dicas sobre Asya.

Sua cabeça se levanta e dois olhos castanhos escuros, da mesma tonalidade de Asya, me fixam com um olhar cheio de ódio. — Eu não preciso que você me dê dicas sobre a porra da minha irmã. Eu a criei desde os cinco anos.

Eu ignoro sua hostilidade. — Ela ainda tem problemas para tomar algumas decisões. Resolvemos quase tudo, mas ela pode precisar de ajuda de vez em quando. Tente não lhe dar uma direção específica, mas conduza-a nessa direção.

Ele me encara em silêncio.

— Sem margaridas. Sem flores, e nada mais, como cortinas ou outros enfeites com fotos delas, — eu continuo. — Ela não é mais acionada por ternos, mas gravatas masculinas ainda podem afetá-la. Se você estiver em público e o lugar

estiver lotado de homens desconhecidos vestindo ternos, você precisa segurar a mão dela.

Ele olha para si mesmo, concentrando-se em sua gravata de seda cinza, então levanta a cabeça e passa os olhos sobre minha camiseta e jeans. Quando ele move seu olhar para cima e nossos olhos se encontram, eu vejo o ódio ali.

— Jesus, porra! — ele vocifera. — Você está apaixonado por ela.

Eu não desvio o olhar quando respondo: — Sim.

— Ela tem dezoito anos, pelo amor de Deus! Você é velho demais para ela. Asya precisa de alguém da idade dela. E definitivamente não é um ex-presidiário.

— Você me examinou?

— Claro que eu verifiquei você. Eu queria conhecer o homem que estava mantendo minha irmã longe de mim. Eu até desenterrei vídeos de algumas de suas lutas.

— Bem, espero que tenham sido divertidos.

Arturo se inclina para a frente e me prende com seu olhar. — Você tentou roubar minha irmãzinha! Uma garota abusada e magoada. Você a manteve longe de sua família, mesmo sabendo que ela precisava de nós, — ele cospe. — Eu não sei que tipo de fantasia doentia você criou, brincando de casinha com uma adolescente, e não me importo. Não deixarei você chegar perto dela de novo! Nunca! Minha irmã merece coisa melhor.

— Eu sei. — Eu me levanto e vou até ao estande na porta da frente, onde guardo algumas canetas e papel. — Vou te dar meu número. Ligue-me se precisar de ajuda.

Volto e coloco o papel na mesinha de centro na frente de Arturo, depois sigo em direção à porta da frente. — Volto em duas horas. Você já terá ido embora?

— Não vai se despedir? — ele ergue as sobrancelhas.

— Não, — eu digo.

— Bom.

Concordo com a cabeça e saio do apartamento.

* * *

Estou sentado no meu carro, duas ruas abaixo do meu prédio, quando meu telefone toca. *Moonlight Sonata* me envolve. Inclino a cabeça para trás e observo os carros passando pela rua. O toque para, mas recomeça imediatamente. Deixo-o seguir seu curso, o som reverberando pelo pequeno espaço. Eu poderia tê-lo silenciado. Cada maldito tom parece uma faca no meu peito, mas não o fiz. O telefone toca mais quatro vezes, e eu deixo tocar todas as vezes.

Uma mensagem chega. Eu tiro o telefone do painel e olho para a tela. É uma mensagem de voz. Aperto o play.

— Pasha? O que está acontecendo? Arturo disse que você chegou em casa e foi embora? Aconteceu alguma coisa? — Sussurrando ao fundo. — Estamos indo para o aeroporto. Eu preciso ir ver Sienna. Ela... — Suspirando. — Minha irmã tentou se matar. Ela pensou que o que aconteceu comigo foi culpa dela. Vou ficar uns dias com ela e depois volto. Te ligo quando chegar aí. — A voz dela soava trêmula. Ela estava chorando?

A mensagem termina. Aperto o play novamente. E de novo.

* * *

É quase meia-noite. Estou deitado no sofá, segurando o telefone enquanto ele continua a tocar na minha mão. Eu quero deslizar aquele botão verde e atender a chamada; está me deixando louco. Não posso. Minha mente continua repetindo aquela frase que o irmão de Asya disse.

Você a manteve longe de sua família, mesmo sabendo que ela precisava de nós.

Ele estava certo. Eu deveria tê-lo contatado para que ele soubesse que ela estava segura. Se eu explicasse a situação, ele poderia ter concordado em esperar até que Asya estivesse pronta para enfrentá-lo. Mas eu fui muito egoísta e com muito medo de que ele a levasse para longe de mim. Eu não conseguia mais imaginar minha vida sem ela. A possibilidade de ela ir embora me assustou pra caralho e eu estava pronto para fazer o que fosse necessário para garantir que ela ficasse. Então, mantive minha promessa a ela e permaneci em silêncio, um filho da puta auto preservador. Eu me tornei a porra do demônio dela. Ninguém merece estar com uma pessoa assim, especialmente Asya.

Sempre acreditei que seria capaz de medir o amor pelo quanto gostaria de estar com uma pessoa. Decidir ficar com alguém pelo resto da minha vida parecia o auge do amor. Errado. Eu entendo as coisas muito melhor agora. Sabendo que Asya, a mulher que amo, ficará melhor sem mim, tive que deixá-la ir. Mesmo que doa. Mesmo quando está me destruindo por dentro. Talvez, se eu amasse Asya um pouco

menos, teria encontrado uma maneira de mantê-la comigo. Eu a amo demais para fazer isso com ela, então eu a deixei ir.

Eu deveria ter atendido a ligação. Dito adeus, pelo menos. Mas não podia. Ao ouvi-la dizer que voltará, mas sabendo que não vai, não posso arriscar falar com ela. Eu teria feito algo estúpido, como fazê-la prometer que voltaria para mim.

Meus olhos pousam no piano perto da janela da sala. Por que ela não levou a maldita coisa com ela? Eu me levanto do sofá e vou até à cozinha para pegar a caixa de ferramentas que guardo embaixo da pia. Quando volto para a sala, estou segurando um martelo na mão. Caminhando até ao instrumento, pretendo esmagá-lo até não restar mais nada, mas, em vez disso, acabo encarando as teclas por uma hora. Asya ama este piano. O martelo cai da minha mão, batendo no chão polido com um baque alto. Não posso me forçar a destruir algo que trouxe alegria a ela.

Meu telefone toca. Eu agarro e jogo a porra do outro lado da sala.

É melhor assim para ela. Ela não vai se sentir obrigada a me ligar por causa de algum sentimento de gratidão equivocado ou algo do tipo. Pode ser difícil para ela se ajustar nos primeiros dias em casa, mas agora ela tem sua família. Amigos também. Em breve, ela vai esquecer tudo sobre mim e continuar com sua vida. Talvez eu faça o mesmo.

O telefone toca novamente. Ele toca mais duas vezes naquela noite.

Ele continua tocando pelo menos dez vezes todos os dias nos cinco dias seguintes.

No sexto dia, toca apenas uma vez e depois as ligações param.

Capítulo 20

Pavel

Três semanas depois

Estaciono meu carro a um quarteirão da casa de Asya e subo a rua.

Voar teria sido muito mais fácil. Em vez disso, dirigi treze horas, esperando mudar de ideia ao longo do caminho e dar a volta por cima. Parei três vezes e quase me convenci a fazer exatamente isso, mas quando voltei para a estrada, continuei indo para o leste. A necessidade de vê-la novamente é uma obsessão, a única coisa em que penso há dias. Apenas um vislumbre rápido, e eu irei embora.

Algo molhado cai na minha bochecha, então olho para o céu noturno. Está nevando. Meu peito aperta ao ver os flocos brancos caindo no meu rosto. Minha mishka não gosta de neve. É a única coisa que não fomos capazes de superar.

Prometi a mim mesmo que não continuaria esperando pelo retorno dela. Eu sabia que ela não iria, não depois de todas as ligações que não atendi e das mensagens que deixei sem resposta. No entanto, eu ainda esperava.

Na semana passada, me sentindo mais miserável do que nunca, peguei a caixa com meu kit de tatuagem no fundo do armário. Por que guardei essa coisa, não faço ideia. Parei de adicionar tatuagens há mais de uma década. Naquela noite, porém, sentei-me à mesa de jantar, em meu apartamento vazio, e comecei a trabalhar em uma nova. Como não havia pontos livres no tronco ou nos braços, fiz nas costas

da mão. Quando Kostya me viu no dia seguinte, ele perguntou se era uma daquelas coisas temporárias porque eu nunca tinha tatuado uma parte do meu corpo que fosse visível antes. Eu disse a ele o que pensava de sua opinião com meus dedos recém tatuados.

Vejo apenas a parte superior da casa no alto da rua. A maior parte está escondida atrás da cerca alta e da vegetação, mas corresponde à descrição que Dmitry conseguiu encontrar. A casa de Asya.

Ainda estou observando a casa, tentando localizar a luz em uma das janelas, quando um carro vistoso vira a esquina e estaciona bem em frente ao portão. Há um poste de luz por perto, então eu volto para a sombra de uma árvore. O homem que sai do lado do motorista é jovem, provavelmente na casa dos vinte anos. Ele está sorrindo, obviamente de ótimo humor. Ele abre a porta do passageiro e uma mulher pega sua mão e sai. Ela está vestindo um jaleco branco, desabotoado, revelando um vestido vermelho-sangue por baixo. Está nevando mais forte agora, e flocos de neve grudam na saia emplumada do vestido. O homem a agarra pela cintura, pressionando-a contra seu corpo. A mulher ri.

Eu conheço essa risada. Quero me virar e ir embora, mas não consigo tirar os olhos da mulher enquanto ela inclina a cabeça e beija o homem. Não é um beijo amigável, mas apaixonado. A mão do homem desliza pelas costas dela.

O portão desliza para o lado e a mulher se desvencilha do abraço. Um momento antes de ela desaparecer pelo portão, vejo seu rosto de relance. Ela cortou o cabelo. Está na altura dos ombros agora, mas não há dúvida.

É a minha Asya.

Algo se quebra dentro do meu peito. Tenho certeza que é meu coração.

O portão se fecha e o carro sai, mas continuo parado nas sombras, olhando para a casa além da cerca.

Ela está bem. Não tenho certeza se o homem que vi é apenas um namorado ou algo, mas isso realmente não importa. Ela mudou. Eu esperava que ela fizesse isso, mas ver isso dói pra caralho. Ela merece ser feliz, no entanto. E estou feliz que ela esteja.

Eu me viro e volto para o meu carro, a neve triturando sob as solas dos meus sapatos. Não consegui dormir na minha própria cama depois que ela foi embora, então passei as primeiras noites no sofá, depois me mudei para um dos quartos vazios.

Mas não consigo mais. Não posso estar naquele lugar ou fingir que vivo minha antiga vida.

Quando estou dentro do carro, ligo para Roman.

— Pavel? — vem sua voz do outro lado.

Eu olho para a casa na rua uma última vez.

— Eu me demito, — eu digo e corto a conexão.

Asya

Desligo o telefone e observo minha irmã tirar os saltos e entrar no armário.

— Essa coisa é horrível, — eu digo.

— O quê? — Sienna se vira e projeta o quadril. — Isto é da coleção mais recente.

Sempre me surpreende como duas pessoas podem parecer idênticas por fora, mas têm personalidades e gostos muito diferentes.

— Tem malditas penas, Sienna. Como você lava?

— Lavagem a seco, — diz ela e abre o zíper da monstruosidade vermelha.
— Quando você está planejando sair de casa? Podemos fazer caminhadas em Catskills.

— Caminhada? — Eu arqueio minhas sobrancelhas. O mais alto que minha irmã já subiu foi em um banquinho para tirar o velho secador de cabelo da prateleira quando o normal morreu.

— O quê? Poderia ser divertido.

Balanço a cabeça e olho de volta para o meu telefone. — Eu não estou no clima.

Sienna para de mexer no vestido e se joga na cama ao meu lado. — Você precisa esquecer aquele cara, Asya. Ele não quer nada com você. Você já deveria ter percebido.

— Você não sabe disso.

— Você ligou para ele mais de cinquenta vezes! Eu verifiquei seu histórico de chamadas, — ela diz e pega meu telefone. — Por favor, não me diga que você ligou para ele de novo.

— Devolva isso! — Eu pulo para ela, tentando pegar meu celular. — Sienna!

— Você ligou! Eu não posso acreditar em você.

— Eu não liguei para ele. — Eu pego meu telefone dela. — Eu estava olhando algumas fotos.

— Que fotos?

Dou de ombros.

— Você nunca me disse que tinha uma foto dele! — Sienna arregala os olhos para mim. — Deixe-me ver! Por favor? Por favor? Por favor?

Eu desbloqueio meu telefone e relutantemente passo para ela. Ela o agarra com um guincho e começa a vasculhar as pastas.

— Oh, mal posso esperar para... puta merda, Asya! É ele?

Olho para a tela, para a foto de Pasha que tirei secretamente uma manhã enquanto ele ainda dormia. Ele está de costas com o braço jogado sobre o rosto. O cobertor está enrolado em torno de sua cintura, deixando seu peito tatuado totalmente à mostra.

— Sim. — Eu concordo.

Sienna passa para a próxima imagem. Essa está um pouco borrada, tirada no dia em que ele me deu o telefone. Eu estava experimentando a câmera com uma selfie, mas movi minha mão muito rápido. Na foto, estou encostada no peito de Pasha

e olhando para a câmera. Ele tem o braço em volta da minha cintura e está olhando para mim.

— Ainda não entendo o que aconteceu, — digo, olhando para a tela. — Por que ele me afastou? Eu fiz alguma coisa? Ele decidiu que não pode mais lidar com meus problemas?

— Asya, pare. — Sienna pega minha mão. — Você não fez nada de errado. Está me ouvindo? Ele não merece você, não depois de como ele agiu.

— Eu sinto tanto a falta dele, — sussurro e olho de volta para o telefone. Eu gostaria de ter tirado mais fotos dele.

— Vai ficar mais fácil. Você vai conhecer um cara, se apaixonar e esquecer tudo sobre o russo. — Ela envolve o braço ao meu redor e me puxa para um abraço. — Quando estiver pronta, sairemos juntas e encontraremos o cara mais bonito e doce para você. OK?

Uma sensação de peso toma conta de mim e fecho os olhos. Eu não quero um cara doce e bonito. Eu quero Pasha. Apenas o pensamento de qualquer outro homem me tocando me deixa mal do estômago. O ácido sobe pela minha garganta, então abano meu rosto, esperando que a náusea passe. Não. Só piora. Pulo da cama e corro para o banheiro, mal conseguindo chegar ao banheiro a tempo. Sienna corre atrás de mim e afasta meu cabelo do rosto enquanto esvazio o conteúdo do estômago. Quando termino, caio no chão ao lado do banheiro e olho para o teto.

— Não consigo nem pensar em outros homens sem vomitar, Sienna, — sussurro.

Capítulo 21

Asya

Um mês depois

Meu telefone toca enquanto estou reorganizando meu armário pela terceira vez esta semana. Descobri que dobrar coisas me ajuda a manter a mente livre de pensamentos. O engraçado é que também comecei a separar minhas roupas por cor.

Pego o celular e vejo que é uma pessoa desconhecida. Apenas algumas pessoas têm esse número porque ainda estou usando o telefone que Pasha me deu. Em algum lugar lá no fundo, ainda tenho esperança de que ele ligue, mas já se passaram quase dois meses.

— Sim?

— Asya? — uma voz masculina vagamente familiar pergunta. — Você pode, por favor, colocar esse pedaço de merda na linha? Ele está ignorando minhas ligações há semanas, e eu tenho uma confusão em minhas mãos no Ural.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Kostya?

— Claro que sou eu, querida. Quem mais tem uma voz tão sexy? Oh merda, por favor, não diga a ele que te chamei de querida.

— Contar a quem?

— Pasha, claro. Você pode por favor colocá-lo? Levei dois dias para quebrar a senha em sua conta de e-mail para encontrar o seu número. As coisas aqui estão ficando desastrosas.

Por que Kostya pensaria que Pasha está comigo? Engulo o caroço que de repente se forma na minha garganta e fecho os olhos. — Ele não está aqui.

— Por favor, diga a ele para me ligar quando ele...

— Ele não está aqui, Kostya. Eu não o vejo desde que saí de Chicago, — eu engasgo.

— O quê? Ele não está com você? Ele ligou para você recentemente?

— Não. Liguei para ele, mas ele nunca atendeu, — eu digo. — O que está acontecendo?

Por um momento, não há nada além de silêncio antes de Kostya responder. — Pasha pediu demissão há um mês.

— Demissão? Mas não se pode simplesmente sair da Bratva. Petrov vai caçá-lo e matá-lo!

— Roman não vai matá-lo, mas não acho que Pasha se importa. — Uma maldição russa vem do outro lado, então um som de algo quebrando. — Ninguém sabe onde ele está. Ele atendeu minhas ligações na primeira semana, mas depois nada. Ele não esteve em seu apartamento, então eu esperava que ele estivesse com você.

Pavor se infiltra no meu estômago. — Ele já desapareceu antes?

— Pavel? — ele ri, mas soa forçado. — Ele não tirou um único dia de folga desde que ingressou na Bratva. Bem, antes de você, quero dizer.

— Onde ele está, então? — Pretendo fazer a pergunta com calma, mas acabo soando como se estivesse gritando porque minha voz está mais alta que o normal e trêmula.

— Não faço ideia, Asya.

Eu ando pelo quarto, tentando me acalmar, mas meu peito está apertado e meu coração está acelerado. Tenho um mau pressentimento de que algo realmente terrível está para acontecer. — Eu preciso que você me ligue assim que tiver notícias dele. Por favor.

— Claro, querida. Farei algumas ligações para ver se alguém o viu ou ouviu falar dele e depois avisarei você.

Quando encerramos a ligação, ando até à janela com vista para o jardim e olho para nada em particular. Prometi a mim mesma que nunca mais ligaria para ele. Se ele quiser conversar, pode me ligar.

Eu olho para o meu telefone e pressiono o número de discagem rápida. Ele toca. Fechando os olhos, inclino minha testa contra a janela e continuo ouvindo o som do toque até que ele desligue sem rolar para o correio de voz. Eu ligo de novo. E de novo. Após a quarta tentativa, chega uma mensagem. Tenho medo do que pode dizer, então fico olhando para o nome dele por pelo menos dez minutos antes de reunir coragem e abrir.

23:15 Pasha: Pare de ligar, mishka. Por favor.

— Foda-se! — Eu grito para a tela e jogo o telefone na cama. E então choro.

Pavel

Os sons familiares de torcida e gritos me cercam. Assim como o cheiro de suor misturado com o leve cheiro de mofo também. Risos ressoam e depois mais gritos. Eu inclino minhas costas na parede de concreto e olho para o telefone na minha mão e a mensagem que acabei de enviar.

Ela ligou. Ficar olhando para o nome dela na tela, sem atender as ligações, foi a porra da coisa mais difícil que já fiz. Se ela continuasse ligando, eu provavelmente teria cedido.

Verifico o registro de chamadas. Há centenas de chamadas perdidas nas últimas semanas. Pelo menos cinquenta são de Kostya, mas há dezenas de Roman e Mikhail também. O resto dos caras também está ligando. Até Sergei. Não respondi. Eu não estava com vontade de falar. O que havia para dizer, afinal?

Pressiono o polegar sobre o nome de Asya no topo da lista, deslizo para o lado e apago a entrada. Em seguida, volto para a mensagem enviada e a apago também. Ver o nome dela dói demais. Eu deveria limpar o número dela, mas não adiantaria nada. Memorizei no momento em que comprei o telefone para ela.

Uma porta de metal do outro lado da sala range ao se abrir e um homem entra. Em seu terno preto e gravata, ele parece um homem de negócios. Bem, considerando as pessoas que vêm assistir a essas lutas e a quantidade de dinheiro que muda de mãos todas as noites, eles precisam mantê-lo elegante.

— Você é o próximo, — diz ele um momento antes do sino soar, seguido por gritos entusiasmados. — Tente não incapacitar seu oponente no primeiro round desta vez. A multidão gosta de vê-los lutar um pouco.

Eu termino de enrolar minhas mãos, me levanto e vou em direção à porta enquanto mais aplausos irrompem da direção da jaula de luta.

Capítulo 22

Asya

O telefone vibra ao lado do meu travesseiro. Eu pulo na cama e aperto o botão para atender a chamada, em seguida, pressiono o telefone no meu ouvido.

— Você o encontrou? — Eu sussurro.

— Sim, — diz Kostya do outro lado.

Fecho os olhos e respiro. Quatro malditos dias se passaram. — Então, ele está bem?

— Ele está. De certa forma.

Meus olhos se abrem. — O que você quer dizer com 'de certa forma'?

Kostya suspira. — Ele está lutando de novo.

— O quê?

— Sim. Eu tentei falar com ele. Não foi bem. Roman ligou para ele também. Ele até foi à sua última partida. Pasha não quer voltar.

— Mas... por quê? Ele me disse que parou de lutar há dez anos!

— Pasha é um cara muito fechado, querida. Quem sabe o que se passa na cabeça dele?

Eu enterro minha mão no meu cabelo, apertando-o. — Essas lutas são perigosas?

Ele não responde.

— Elas são, Kostya? — Eu grito no telefone.

— É uma luta clandestina, Asya. O que você espera?

— Não sei! Nunca fui a uma luta de boxe!

— Não é uma luta de boxe, querida. O boxe tem regras. Essas lutas não, — ele diz em um tom sombrio enquanto meu telefone apita com uma mensagem recebida. — Te enviei o link do site do clube e uma senha para acessá-lo. Pesquise por 'lutas de Pavel Morozov' e veja por si mesma. Mas pule a última partida.

— Por quê? — Eu engasgo.

Ele respira fundo. — Eu sei que você gosta dele, querida. Por favor, não assista ao vídeo mais recente.

Quando Kostya encerra a ligação, abro a mensagem com o link e clico nela. À primeira vista, o site parece um site promocional de academia comum com imagens de equipamentos de ginástica e pessoas se alongando ou levantando pesos. No canto superior direito, encontro um botão de login. Clico nele e digito a senha de dez dígitos que Kostya enviou com o link. Uma nova janela aparece e imediatamente noto o gráfico. A primeira coluna mostra nomes, e vejo Pasha listado em segundo lugar, logo abaixo do nome de outro cara. Ao lado dos nomes estão as classificações e o número de vitórias. Pasha está atualmente em segundo lugar. Abaixo do gráfico de classificação está a programação deste mês. Rolo até ao final e noto que só resta uma partida este mês, marcada para amanhã à noite. É entre Pasha e o cara classificado em primeiro lugar. Eu rolo de volta para cima para ver o número de vitórias. Ao lado do nome de Pasha está doze. Eu olho para o número do outro competidor e meu sangue gela. São cinquenta e quatro.

— Caramba, porra. — Eu afundo no chão e inclino minhas costas para a parede, então digito ‘Pavel Morozov’ na busca. Uma coleção de vídeos aparece. O mais antigo é datado de um mês atrás. Aperto o play.

Não tenho certeza do que esperava. Provavelmente um ringue de luta e algumas pessoas ao seu redor. Pelo menos era assim que eu imaginava as lutas de boxe. O que estou vendo não se parece nada com isso. O vídeo começa com a vista de cima, mostrando o interior de alguma fábrica ou armazém abandonado. No centro, sobre uma plataforma elevada, encontra-se uma jaula octogonal. Ao redor da gaiola, homens e algumas mulheres estão sentados em cadeiras confortáveis. Todos estão impecavelmente vestidos como se tivessem vindo para uma reunião de negócios e não para assistir a uma luta. Alguns até têm guarda-costas por perto.

Uma porta de metal em frente à jaula se abre e dois homens entram. A câmera dá zoom nos lutadores e quase não o reconheço. Pasha raspou o cabelo - tudo. Mas de alguma forma, essa não é a maior mudança. Sua postura, a maneira como ele anda e a expressão sombria em seu rosto o fazem parecer outra pessoa. Ele sobe na jaula e ocupa a vaga de um lado, enquanto seu oponente segue para o lado oposto. O árbitro sinaliza para o início.

Pasha e seu rival circulam um ao outro. Ele golpeia o lado de Pasha, mas Pasha se esquiva e agarra a cabeça do homem, dando-lhe uma joelhada no rosto. O sangue jorra do nariz do cara e eu olho para longe da tela. Quando reúno coragem suficiente para olhar novamente, Pasha está de pé sobre seu oponente, pressionando o rosto do homem caído no chão. Nunca assisti a uma luta de boxe, mas tive a impressão de que duravam pelo menos meia hora. Este é feito em menos de dois minutos. O árbitro sinaliza a vitória de Pasha e o vídeo termina. Eu me preparo e clico na próxima gravação.

Levo quase uma hora para assistir aos dez primeiros vídeos. Eu tenho que fazer uma pausa e me recompor várias vezes antes de continuar. Tanta violência. Sangue. Ossos quebrados. Cada vídeo é mais violento que o anterior. Está me matando ver meu Pasha se tornar tão cruel. Sanguinário. Não reconheço essa pessoa como o homem com quem passei três meses. O que aconteceu com ele? Por que ele está fazendo isso? Restam dois vídeos, mas não consigo assisti-los. Dói demais.

Às vezes, gostaria que Arturo não tivesse me encontrado. Eu sei que teria destruído ele e minha irmã. Sienna ainda se culpa, embora eu tenha explicado pelo menos uma centena de vezes que fui eu quem decidiu permanecer no bar naquela noite. Ainda assim, às vezes, quando não consigo dormir, o que costuma acontecer ultimamente, imagino como seria minha vida se meu irmão não tivesse vindo e eu tivesse ficado em Chicago.

Ainda não entendo por que Pasha me afastou. Tentei pensar em uma razão para o comportamento dele, mas não consigo.

São quase sete da manhã, mas não consigo dormir. Não depois do que acabei de assistir. Vou esperar Arturo e Sienna acordarem e tentarei tocar piano de novo. Não consigo completar uma melodia completa desde que voltei para casa. Pelo menos duas vezes por dia, fui ao andar térreo e me sentei em frente ao grande piano preto, olhando para as teclas. Na maioria das vezes não tocava música e eu deixava tudo quieto como estava quando cheguei. Outras vezes, quando eu realmente tentava tocar, todas as notas saíam erradas.

Tiro meu cardigã da cadeira e saio do quarto, descendo as escadas para tomar café da manhã. Ao passar pelo quarto de Arturo, ouço meu nome sendo mencionado, então paro. Ele está falando com alguém ao telefone. Eu me inclino para a frente e pressiono meu ouvido na porta.

— Ela não é mais a mesma, Nino, — diz meu irmão. — Eu não sei o que fazer. Ela mal sai do quarto.

Há alguns momentos de silêncio enquanto ele provavelmente ouve o que Nino está dizendo.

— Não! — Arturo late. — Eu não estou chamando aquele filho da puta. Eu disse a ele o que pensava sobre ele e sua tentativa de manter Asya longe de nós. Escondendo minha irmã e não permitindo que ela entrasse em contato conosco? Que tipo de bastardo doente faz isso?

O quê?! Eu agarro a maçaneta e abro a porta, o coração batendo rápido contra minhas costelas. Meu irmão está parado ao lado da cama com o telefone pressionado contra o ouvido.

— O que exatamente você disse a Pasha, Arturo? — eu grito.

— Eu ligo para você mais tarde, — ele murmura e joga o telefone na cama.

— O quê? — Eu grito.

— A verdade, — diz ele. — Eu disse-lhe a verdade – que ele manteve você escondida para servir a suas próprias necessidades egoístas. Que ele usou uma garota jovem e ferida e a fez ficar com ele em vez de devolvê-la para sua família. Para a vida dela. Que ele é um bastardo doente. Foi o que eu lhe disse.

Eu encaro meu irmão, atordoada com o que estou ouvindo, então dou dois passos até estar bem na frente dele. — Ele salvou minha vida, Arturo.

— Qualquer pessoa normal teria ajudado uma mulher necessitada. Mas não teria tentado escondê-la.

Eu fecho meus olhos. Quando Arturo veio me buscar, eu apenas contei a ele sobre o que Robert fez. Ele acha que passei o tempo todo com Pasha. Eu esperava

que não chegasse a esse ponto, que eu não precisasse contar a ele o que aconteceu durante aqueles primeiros dois meses ou o que aquelas pessoas fizeram comigo. O que eles me obrigaram a fazer. Eu deveria, mas não queria machucá-lo.

— Sente-se, Arturo, — eu digo, e quando ele senta, eu começo a falar.

Desta vez conto-lhe tudo.

Quando termino, ele está olhando para mim com os olhos avermelhados, as mãos segurando o cabelo enquanto mal consegue se manter na beirada da cama. Acho que nunca vi meu irmão chorar, nem mesmo quando soubemos que nossos pais haviam sido mortos.

— Por que não me contou? — ele engasga, então me agarra e me envolve em um abraço, me esmagando contra ele. — Por quê, Asya? Por quê? — ele sussurra.

— Eu estava em um lugar muito ruim quando Pasha me encontrou, — digo em seu pescoço. — Alguma coisa se quebrou dentro de mim, Arturo, e parecia que eu estava presa em um buraco negro sem saída. Ele me salvou. E não só a minha vida. Ele salvou minha alma também. Ele me ajudou a recolher todos os meus pedaços quebrados e os colou de volta.

— Deveríamos ter sido nós, — diz ele em meu cabelo. — Sienna e eu deveríamos ter ajudado você a passar por isso.

— Eu não poderia me obrigar a dizer a você. Eu não queria ver você ou Sienna. Eu teria preferido morrer a contar a você.

— Por quê?

— Porque eu não estava pronta. E porque eu te amo e não suportaria pensar no que isso faria com você. — Eu levanto minha cabeça e tomo o rosto do meu irmão em minhas mãos. — Eu implorei a Pasha para não ligar para você. Pedi

a ele que promettesse que não ligaria até que eu estivesse pronta. Não foi ele quem me manteve longe de você. Eu fiz isso. A decisão foi minha.

— Eu deveria ter mantido você segura, — Arturo persiste. — Eu nunca vou me perdoar.

— Por favor, não faça isso. Não é sua culpa.

— Vou matar todos eles, Asya. Cada pessoa que estava de alguma forma envolvida.

— Pasha e a Bratva já cuidaram deles, — eu digo, então inclino meu queixo para sussurrar em seu ouvido, — e eu matei o cara que me levou.

O corpo de Arturo fica imóvel. — Você, pessoalmente?

— Sim. Depois que Pasha terminou com ele, coloquei uma arma entre os olhos do bastardo e puxei o gatilho. — Eu sorrio. — Foi a melhor sensação do caralho de todos os tempos.

— Bom. — Ele aperta minha nuca.

— Preciso saber o que mais você disse a Pasha. Ele está me ignorando, não atendendo minhas ligações desde que saí.

Arturo range os dentes e desvia o olhar. — Eu disse a ele que você merecia coisa melhor, e ele concordou.

Respiro fundo e fecho os olhos enquanto a pressão se forma na ponta do meu nariz. — Você não tinha o direito, — eu digo. — Você não tinha direito, Arturo. Essa é a minha vida.

— Você tem dezoito anos, Asya. Ele é quinze anos mais velho que você!

— Sim. E eu passei por momentos difíceis que a maioria das pessoas nunca experimentou, — eu vocifero. — Acho que ganhei o direito de tomar decisões por mim mesma.

Sim, às vezes ainda tenho problemas para escolher o que vestir ou comer, mas não tenho dúvidas quanto a Pasha.

— Então o que acontece agora? — ele pergunta. — Você voltará para ele?

— Você sempre será meu irmão mais velho, Arturo. Você sabe que eu te amo incondicionalmente. — Eu olho em seus olhos. — Mas estou apaixonada por Pasha. E eu quero estar com ele.

— Tem certeza de que está apaixonada por ele? Talvez seja apenas uma paixão? Talvez...

Eu levanto a mão e coloco um dedo sobre seus lábios para silenciá-lo.

— Quando Pasha me encontrou, eu estava um desastre, Arturo. Tanto minha alma quanto minha mente... fraturada. Pasha me recompôs. E meu coração anseia por ele porque ele é a cola que mantém inteiras todas as minhas partes quebradas. Por favor tente entender.

Arturo olha para mim enquanto cerra o maxilar. — Vou passar na sua casa pelo menos uma vez por mês. Sem aviso prévio. Se eu notar alguma coisa, mesmo a menor coisa que me leve a acreditar que você não está feliz, matarei aquele russo e irei arrastá-la de volta para casa.

— Você não vai precisar. — Eu sorrio. — Eu o amo. Eu ficarei bem, Arturo.

Meu irmão fecha os olhos e relutantemente acena com a cabeça.

Capítulo 23

Asya

Pego minha mala na esteira de retirada de bagagens e sigo em direção à área de desembarque, onde familiares e amigos aguardam os passageiros. Levo menos de cinco segundos para localizar Kostya. Ele está encostado no pilar mais atrás, enquanto várias mulheres ficam ao redor, boquiabertas para ele. Quando me vê chegando, ele caminha até mim e pega a bolsa da minha mão.

— Vamos direto para a luta? — Eu pergunto, concentrando-me em seu rosto em vez de pessoas andando por aí.

A maioria dos homens que notei no aeroporto está vestindo roupas casuais, mas há alguns em trajes de negócios. Eu não surto mais quando vejo homens de terno, mas ainda não me sinto confortável perto deles. Graças a Deus, Kostya está vestindo um moletom e jeans.

— Sim. — Ele acena com a cabeça e se dirige para a saída enquanto eu o sigo. — Mas ainda estou esperando para obter as informações sobre o local.

— Você não sabe onde é realizada?

— Eles trocam de lugar com frequência para evitar batidas policiais. E como esta é a última luta da temporada, o local exato será enviado apenas duas horas antes do início. Só sei que será em algum lugar ao sul da cidade.

— Por quê? Há algo de especial nisso?

Kostya pressiona os lábios em uma linha fina e acena em direção ao estacionamento. — Estou estacionado aqui, — diz ele, evitando contato visual. — Nós deveríamos nos apressar.

— Kostya? Você está escondendo algo de mim?

— Claro que não, querida. — Ele se aproxima de um sedan preto e abre a porta do passageiro para mim.

Espero que ele entre e ligue o carro, então me viro para encará-lo. — O que há de tão especial na luta de hoje à noite?

— Você não assistiu a última partida no site?

— Você me disse para não fazer isso, — eu digo. — Assisti aos primeiros dez, mas me senti muito mal para continuar. Presumi que o último fosse o mais violento.

— Era. — Ele concorda. — Mas não foi por isso que eu disse para você pular.

— Por quê, então?

Kostya fica em silêncio por alguns momentos, então respira fundo e balança a cabeça. — Acho que você deveria assistir antes de chegarmos, Asya. Então você pode estar preparada.

— Preparada para quê?

Quando ele não responde, tiro meu telefone da mochila e abro o site do clube da luta. Depois de entrar na área privada, digito o nome de Pasha e desço até ao final da página. Escolhendo o vídeo que pulei antes, clico em reproduzir. Começa como todas as outras gravações, com a vista aérea, depois dá um zoom nos lutadores. Sinto uma dor no peito quando o rosto de Pasha preenche a tela. Seu olho esquerdo

está um pouco inchado e há um grande hematoma no queixo. Quando a câmera se afasta novamente, noto que ele tem uma tala da palma da mão até ao meio do antebraço direito.

Eu pressiono minha mão sobre a boca para abafar um grito. — Como ele foi autorizado a lutar se estava ferido?

— Não há regras na luta clandestina, — diz Kostya. — Enquanto ele aguentar, pode lutar.

— O que aconteceu? — Eu engasgo.

— Ele torceu o pulso na luta antes desta.

— Pasha é destro. Como ele pode lutar com um pulso torcido?

— Ele improvisa.

Observo enquanto Pasha e seu oponente ocupam seus lugares nos cantos opostos. Eles são mais ou menos iguais em tamanho, mas o outro cara não parece ter nenhum ferimento significativo. O sino toca e Pasha e o outro lutador se aproximam do centro da jaula. Por alguns momentos, eles ficam à margem, circulando, avaliando-se mutuamente. Então, Pasha de repente balança a mão esquerda no lado do oponente. O cara se esquiva do golpe e dá uma estocada em Pasha com o punho, mirando na cabeça. Pasha desce e bate a perna logo acima do chão, acertando o cara atrás dos tornozelos com o pé. Enquanto seu oponente está no chão, ele desfere um soco no estômago com uma cotovelada. Quase assim que o cara desiste, Pasha dá um soco na cabeça dele com o punho esquerdo e o chuta. E de novo. O sangue espirra por todo o chão, alguns dentes pontilhando as manchas vermelhas.

Gritos e aplausos irrompem da plateia. Pasha se levanta, agarra o cara pelo tornozelo e o lança para o outro lado da jaula. O lutador cai de lado e fica lá. A

multidão fica louca. A câmera foca em Pasha, mas ainda consigo ver homens em belos ternos além da jaula, pulando e batendo palmas. A visão muda dos lutadores para a tela grande montada acima da jaula. É um anúncio para a próxima partida. Aquele para o qual estamos indo agora. Sob as palavras ‘Grande Final’ há um gráfico de uma caveira vermelha e as palavras ‘Combate Mortal’ também estão escritas em vermelho. O vídeo termina.

Eu abaixo o telefone no meu colo e olho para a estrada além do para-brisa.

— Você está bem, querida? — Kostya pergunta.

— Não, — eu digo, virando a cabeça para olhar para ele. — O que significa 'combate mortal'?

Ele mantém o olhar focado na faixa de fita escura à frente e aperta o volante. — Significa que a luta só termina quando um dos lutadores morre.

* * *

Achei que havia superado meu problema com homens de terno.

Eu estava errada.

No momento em que entramos na fábrica abandonada onde a partida acontecerá, eu paro de repente e envolvo minhas mãos em volta da cintura. O palco de luta com a gaiola de arame fica no centro e ocupa menos de um décimo do espaço. Em todos os outros lugares, enchendo a sala quase lotada, as pessoas estão em grupos, conversando. Não há cadeiras desta vez. Deve haver pelo menos cem pessoas, a maioria das quais são homens. Alguns estão vestindo jeans, como Kostya e eu, mas a maioria está vestida com roupas chiques. Um arrepio percorre minha

espinha, a vontade de me virar e correr é tão forte que preciso reunir toda a minha força de vontade para manter os pés no lugar.

— Asya? — Kostya pergunta ao meu lado. — Você está bem?

Eu fecho meus olhos por um segundo. — Sim.

— Você não parece bem, querida. Você quer...? — Ele estende a mão e está prestes a colocá-la no meu ombro, mas eu rapidamente dou um passo para trás.

— Por favor, não me toque, — murmuro. — Eu... Eu não posso lidar com isso no momento. Desculpe.

— Você quer ir embora?

Eu olho para cima para encontrá-lo me olhando com preocupação. — Vou ficar.

— OK. Ficaremos aqui, nos fundos. Se você quiser sair, é só dizer. Parece bom?

Concordo com a cabeça e movo meu olhar para a gaiola de luta. Está na plataforma elevada como nos vídeos. Um homem de calça social preta e camisa de botão entra e anuncia o início da partida, mas não consigo prestar atenção no que ele está dizendo porque estou olhando horrorizada para a montanha de um homem entrando na jaula. Eu pressiono minhas mãos sobre a boca para abafar um grito.

— Jesus porra, — Kostya amaldiçoa.

Nós dois ficamos boquiabertos com o oponente de Pasha enquanto ele caminha dentro da gaiola, flexionando seus músculos monstruosos para o público. Ele é mais alto do que qualquer homem que eu já vi.

— Os lutadores não precisam ser equilibrados? — Eu sussurro. O cara é mais de 40 quilos mais pesado que Pasha.

— Aqui não.

— Quais são as chances de Pasha?

— Antes da lesão? Meio a meio.

— E agora? — Eu engasgo.

— Não é bom, Asya, — diz ele e olha para mim. — Vamos esperar lá fora.

Eu quero dizer sim pra caralho. Esse monstro provavelmente vai matar Pasha. Eu ouvi no tom da voz de Kostya e acho que não consigo assistir.

— Eu ficarei, — eu sussurro no mesmo momento em que Pasha entra na jaula.

No instante em que meus olhos pousam nele, as lágrimas que eu estava segurando explodem, borrando minha visão. Mordo as costas da minha mão, enterrando os dentes na pele com toda a minha força, como se a dor física pudesse de alguma forma dissipar a sensação de pavor. Pasha caminha em direção ao centro da gaiola e para, avaliando seu oponente. Não posso deixar de compará-los. Meu Pasha é um cara alto e muito musculoso, mas comparado com a besta parada na frente dele? Querido Deus, não há como Pasha vencê-lo.

O árbitro se vira e sai da jaula. Há um toque de sino. O oponente de Pasha balança o punho, mirando na cabeça. Pasha se abaixa e chuta o cara no estômago com o pé esquerdo. O bruto nem se mexe. Ele ataca novamente, desta vez mirando no peito de Pasha. Pasha pula para a direita, mas não rápido o suficiente, e leva o golpe de lado. Não consigo respirar enquanto observo o oponente se aproximando dele. Mas antes que o monstro seja capaz de atacar, Pasha dá um giro de trezentos e sessenta graus o calcanhar do pé atinge o pescoço do cara. O ataque de Pasha é interrompido, no entanto, quando um grande punho acerta seu queixo.

Um grito me escapa quando vejo Pasha cair de joelhos. Ele cospe sangue e faz um movimento para se levantar, mas a fera o chuta nas costas. O golpe é tão forte que Pasha acaba esparramado de cara no tatame.

— Levante-se, — eu sussurro em minha mão.

Meu coração está batendo forte no peito enquanto observo Pasha empurrar para cima, apoiando-se nos cotovelos. Ele consegue. Eu sei que ele pode fazer isso. Ele está quase de pé quando seu oponente se aproxima novamente e o chuta no rim. Pasha cai de volta, rolando para o lado. Seu rosto está voltado para a gaiola de arame, bem à nossa frente. A multidão fica louca. Os aplausos, cantos e gritos são ensurdecedores. Aquele maldito animal anda pela jaula, gritando alguma coisa para o público, rindo.

— Acabe com ele! — alguém da multidão grita.

Olho para Pasha, esperando que ele se levante, mas ele continua deitado, imóvel. Ele precisa se levantar, ou o cara vai matá-lo. Eu saio em direção à jaula.

Várias outras vozes se juntam aos aplausos. — Acabe com ele! Acabe com ele!

As pessoas estão muito próximas umas das outras, então tenho que me espremer entre elas para chegar à frente. Corpos estão me tocando por todos os lados, me fazendo querer vomitar, mas continuo me empurrando para a frente.

— Acabe com ele! Acabe com ele! — o refrão toca ao meu redor.

Eu finalmente alcanço a jaula e meus olhos encontram Pasha novamente. Ele ainda está caído no chão, seu rosto está virado para mim, mas acho que ele não me vê.

— Pasha! — Eu grito a plenos pulmões e salto para a jaula.

Pavel

— Pasha! — um grito feminino me alcança.

Eu pisco e me concentro na pessoa agarrada ao lado de fora da grade da gaiola.

— Levanta! — ela grita, agarrando a estrutura de malha com os dedos. — Por favor!

Eu fecho meus olhos. Como se não bastasse eu sonhar com ela todas as noites, agora estou alucinando que ela está realmente aqui.

— Pasha! Olhe para mim!

Quando abro os olhos, ela ainda está lá, apenas alguns metros à minha frente. Se eu esticar minha mão, posso tocar seus dedos onde eles estão segurando o fio, sacudindo-o.

— Por favor, querido! Levanta!

Prendo a respiração. — Mishka?

Enquanto observo, um dos seguranças se aproxima de Asya por trás e, passando o braço em volta da cintura dela, puxa-a para longe da jaula. Ela apenas agarra a malha de metal com mais força.

— Ele está vindo! — Asya choraminga, olhando para algum lugar atrás de mim. — Levanta!

O cara fica puxando ela, gritando alguma coisa. Os dedos de Asya escorregam dos elos. Enquanto o guarda a carrega, a raiva explode em meu peito.

Ele ousou tocá-la! Ele colocou as mãos sujas na minha garota e está usando a porra de um terno!

Eu rolo de bruços e me levanto para enfrentar meu oponente. Ele está parado no meio do tatame, olhando para mim, bloqueando minha saída. Eu lanço em direção a ele. Quando meu cotovelo bate em seu diafragma, o ar deixa seus pulmões e ele se inclina para a frente. Agarrando sua cabeça, dou uma joelhada em seu rosto. Ele tropeça. Meu salto nas costas dele é rápido. Uma vez que meus braços estão enrolados ao redor de seu pescoço, eu aperto, aplicando pressão na parte de trás de sua cabeça enquanto simultaneamente forço meu antebraço contra sua traqueia. O cara começa a se debater, tentando me derrubar. Mantendo meu estrangulamento sobre ele, eu envolvo minhas pernas em torno de sua barriga e cavo meus calcanhares sob sua caixa torácica, aumentando meu aperto. Ele se debate mais alguns segundos antes de cair de joelhos e ficar de lado comigo ainda pendurado em suas costas. Eu continuo apertando, ouvindo os sons ofegantes vindos de sua garganta. De alguma forma, eu os ouço apesar do rugido estrondoso da multidão ao nosso redor. Seu corpo fica mole. E eu quebro seu pescoço. A multidão vai à loucura. Eu me levanto e corro em direção à saída da jaula.

O segurança ainda está com Asya, levando-a para a parte de trás, onde três outros capangas estão segurando Kostya. Um rosnado assassino sai da minha boca enquanto corro em direção a eles. O mar de gente se abre, deixando-me passar. No momento em que chego ao imbecil que maltrata Asya, envolvo meus dedos em torno de sua garganta e aperto. Seu domínio sobre Asya afrouxa. Assim que ela está livre, solto o pescoço do homem, agarro-o pela parte de trás da jaqueta e o puxo para o lado.

— Pasha, — Asya sussurra atrás de mim.

Eu me viro para encará-la e apenas encaro. Achei que nunca mais a veria, e tê-la aqui, diante de mim, está me despedaçando por dentro.

— O que você está fazendo aqui? — eu vocifero. Está me matando estar tão perto dela novamente.

Seu lábio inferior está tremendo enquanto ela me observa. A mão que ela está pressionando em seu pescoço magro está tremendo. Ela está tentando manter seu olhar no meu, mas seus olhos vagam para o lado a cada segundo. Eu lanço um olhar para a esquerda, onde ela continua olhando e percebo que algumas pessoas da plateia se aproximaram e estão paradas a apenas alguns metros de distância. A maioria deles são homens bem vestidos. Ternos e malditas gravatas!

— Merda, baby, — murmuro e dou um passo à frente, envolvendo-a em meus braços e bloqueando sua visão da multidão. — Vamos lá fora. OK?

Ela inclina a cabeça para cima e, após um segundo de hesitação, coloca as palmas das mãos no meu peito. Fecho os olhos e respiro profundamente. É difícil tê-la me tocando, estar tão perto, saber que terei que vê-la se afastar novamente, voltando para os braços daquele filho da puta chique que vi beijando-a. Mas já concluí que sou um bastardo egoísta e vou aproveitar esta oportunidade para senti-la em meus braços novamente, mesmo que por pouco tempo.

Abro os olhos e olho para ela. — Quer subir?

O sorriso que se espalha em seu rosto enquanto ela acaricia meu peito com as mãos parece uma faca se enterrando em meu coração. Eu me inclino e a pego. Os braços de Asya envolvem meu pescoço como tantas vezes antes.

— Solte-o, — eu jogo por cima do ombro para os caras que ainda estão segurando Kosyta e carrego Asya para fora.

Asya

Não me canso do cheiro dele. Sim, há suor e sangue também, mas por baixo de tudo isso há o cheiro que associo à felicidade. Segurança. Amor. Lar. Pasha. Apertando minhas pernas e braços ao redor dele ainda mais forte, eu enterro meu rosto na curva de seu pescoço e inalo. Eu sentia tanta falta dele.

A porta do carro se fecha atrás de mim e Pasha entra no banco de trás do sedã de Kostya. Mesmo quando ele está sentado, eu me recuso a soltá-lo e me prendo ainda mais em seu peito. Eu movo minha mão até sua nuca, mas em vez de seus fios loiros escuros de cabelo, cerdas curtas fazem cócegas na pele da palma da minha mão.

— Por que você raspou o cabelo? — Pergunto ao lado de sua orelha e dou um beijo na lateral de seu pescoço.

— Porque alguém poderia ter usado isso para ganhar vantagem durante uma luta, — vem sua resposta fria.

Tiro minhas mãos do pescoço de Pasha e me inclino para trás para olhar para ele. Sua mão esquerda está nas minhas costas, acariciando o tecido da minha camiseta.

— Por que você está aqui, Asya? Kostya fez você vir?

— Não, — eu digo e seguro seu rosto com as palmas das mãos. — Eu fiz Kostya me trazer aqui.

— Por quê?

Eu olho para seus tristes olhos cinzentos e me inclino para a frente, pressionando meus lábios nos dele. Sua boca está em uma linha apertada, e ele não responde. — Porque eu te amo, — eu digo contra seus lábios duros.

O corpo de Pasha endurece sob o meu. — E o que aconteceu com o seu namorado?

— Que namorado, querido?

— Não há necessidade de mentir. Eu sei.

Eu me endireito em seu colo e o encaro confusa. — O que você está falando?

Ele range os dentes. — Eu fui ver você no mês passado. Eu vi vocês dois se beijando na frente de sua casa, mishka.

Que porra? Isso não faz sentido. Hoje é a primeira vez que saio de casa desde que voltei para Nova York. Eu não tinha vontade de ver ninguém ou ir a lugar nenhum. A menos que....

Balanço a cabeça e pego minha mochila, pegando meu telefone. — É essa a 'eu' que você viu beijando um cara? — Eu pergunto e viro a tela para ele.

Pasha olha para o telefone, pega-o da minha mão e olha mais de perto a imagem na tela. — Seu cabelo é mais curto aqui. — Ele olha para mim e pega uma mecha do meu cabelo entre os dedos. — E estava mais curto quando te vi.

— A mulher que você viu era Sienna. Minha irmã. — Eu sorrio. — Somos gêmeas idênticas. Achei que tinha mencionado isso.

Pasha solta meu cabelo e me agarra pela nuca. — Não era você?

— Claro que não era eu. Não consigo nem tolerar a ideia de tocar em outro homem que não seja você.

Seu maxilar contrai e ele traz sua testa para descansar contra a minha.

— Você ficará, — ele vocifera. — Eu sei que sou egoísta. E eu sei que você merece coisa melhor. Mas eu realmente não dou a mínima, Asya. Você está ficando. E se alguém tentar tirar você de mim, vou matá-lo na hora.

— Se você ignorar uma das minhas ligações novamente, não saberá o que o atingiu.

Pasha esmaga sua boca na minha. Sua mão vem para o lado do meu rosto, acariciando minha bochecha com seus dedos calejados. Seu braço em volta das minhas costas aperta minha cintura, quase me esmagando. Eu pego seu lábio inferior entre meus dentes e mordo, então beijo meu caminho ao longo de seu queixo até ao lado de seu pescoço e inalo seu perfume novamente. Quando fico satisfeita, volto para sua boca e deixo que seus lábios devorem os meus. É diferente de qualquer outro beijo que já compartilhamos. Amor. Raiva. Dor. Arrependimento. Anseio. Cura. Há muito e, ao mesmo tempo, não há o suficiente.

— Para onde, pombinhos? — Kostya pergunta do banco do motorista.

— Casa, — diz Pasha contra meus lábios.

— Casa. — Eu concordo.

* * *

— Eu posso andar, — digo enquanto Pasha me carrega para dentro de seu prédio. Ele não me deixou sair de seu colo durante toda a viagem.

— Eu sei. Mas não vou decepcionar você, — diz ele enquanto se aproxima do segurança no saguão para pegar uma chave reserva. O pobre homem parece chocado ao ver Pasha apenas em seu short de luta, todo ensanguentado, pés descalços e comigo agarrada a ele.

Aumento meu aperto em Pasha e enterro meu rosto em seu pescoço, onde fico até chegarmos a seu apartamento. Ele me carrega diretamente para o banheiro em seu quarto e me abaixa ao lado da pia.

— Preciso tomar um banho, — diz ele.

— OK. — Concordo com a cabeça, tiro meus óculos e começo a tirar minhas roupas. Pasha tira o short e a cueca boxer e começa a desenrolar as ataduras da mão esquerda. Eu me aproximo e assumo, revelando as juntas ensanguentadas por baixo.

— Você vai continuar lutando? — Eu sussurro, escovando a pele ferida.
— Acho que não vou suportar ver você entrar naquela jaula de novo, Pasha.

Sua mão segura minha bochecha e inclina minha cabeça para cima. — Então não vou.

Concordo com a cabeça e olho para a tala em sua mão direita. — Você pode molhar isso?

— Não, — ele diz e o desamarra.

Quando ele remove a tala, noto algo novo tatuado nas costas da mão, mas não tenho tempo de olhar em detalhes porque ele me agarra pela cintura e me carrega para dentro do box do chuveiro.

— Deixe-me ver seu rosto. — Faço sinal com a mão para que ele se abaixe. Pasha liga o chuveiro, mas em vez de se curvar, ele se agacha na minha frente. A

água está caindo sobre ele, pequenos riachos rolando por seu rosto machucado. Ele parece terrível.

— Por que você fez isso? — Eu pergunto, passando as pontas dos meus dedos sobre os cortes e hematomas espalhados por todo o rosto. — Por que voltou a lutar depois de tantos anos?

— Eu esperava que, se tivesse minha cabeça esmagada várias vezes, eu esqueceria de você. Não funcionou, mishka.

— Bom. — Pego o sabonete na prateleira e ensaboo as mãos.

Pasha não se move de sua posição agachada, apenas me observa com a cabeça inclinada para cima enquanto eu limpo o sangue e a sujeira de seu rosto. Tento ser o mais gentil possível, especialmente em torno dos hematomas no queixo e sob o olho. Quando termino o rosto dele, passo para o cabelo curto.

— Agora, o resto, — eu digo.

Ele se levanta e me deixa lavar seu peito e suas costas. Há mais hematomas lá - na lateral, no estômago e alguns nas costas - visíveis mesmo sob a tatuagem.

— Jesus, baby. — Eu deslizo minha palma para baixo em uma marca roxa de aparência perversa em seu estômago.

Seus braços estão em uma forma ligeiramente melhor. Lavo o esquerdo e passo para o direito, começando no bíceps e continuando até ao pulso, que está ligeiramente inchado. Eu cuidadosamente ensaboo a pele, em seguida, passo a mão sob o jato e observo a água lavar a espuma, revelando a nova tatuagem. A imagem é de um galho coberto de espinhos, feito em tinta preta, seus espinhos pontiagudos apontando em todas as direções. Acima dele está um pássaro vermelho voando, suas asas fofas bem abertas. É lindo e triste ao mesmo tempo. Coloco a ponta do dedo no desenho e traço a forma do pássaro.

— É você, — diz Pasha e escova minha bochecha com as costas da outra mão.

— O pássaro?

— Sim.

Eu olho para cima da tatuagem e encontro seus olhos me observando. — Há apenas um pássaro, — eu digo. — Onde você está?

— Eu não estou lá. Só você.

— Por quê?

Ele abaixa a cabeça para sussurrar em meu ouvido. — Porque não sobrou nada de mim depois que você voou, mishka.

Eu aperto meus olhos fechados, mas as lágrimas ainda escapam. A água do chuveiro cai em cascata sobre nós, lembrando-me do dia em que ele correu para o box completamente vestido. Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço e pressiono minha bochecha na dele. — Você não deveria ter me afastado.

— Eu sei. — Seu braço aperta ao meu redor, me esmagando contra ele. — Eu queria algo melhor para você.

Eu movo minha mão entre nossos corpos e envolvo meus dedos em torno de seu comprimento duro. No momento em que começo a acariciá-lo, ele incha ainda mais. — Venha comigo, — eu digo, pegando sua mão. Eu o puxo para fora do chuveiro e ele me segue até ao quarto. Quando chegamos à cama, empurro seu peito levemente até que ele esteja deitado.

— Não há melhor do que você, Pasha, — eu digo enquanto subo na cama e monto em suas pernas. — Você é o único homem que eu quero.

Eu pego seu pau na minha mão e inclino para lambar a ponta. A mão de Pasha dispara e agarra um punhado do meu cabelo.

Enquanto eu chupo - lentamente no começo, depois mais rápido - seu aperto em meus cabelos permanece firme. Sua respiração fica difícil, então eu mudo para lambar. Eu amo isso, esse sentimento de euforia que se espalha pelo meu peito quando o vejo se desfazendo. Eu nunca teria pensado que iria gostar de transar com um homem, ou o quanto isso me excitaria. Mas este é o meu Pasha. E eu quero fazer tudo com ele. Eu o levo em minha boca novamente - até onde ele pode ir - e ele geme quando seu esperma quente explode na minha garganta. Eu engulo tudo.

Seu peito sobe e desce rapidamente quando subo em cima dele. Sua mão ainda está emaranhada no meu cabelo, agarrando-o como se fosse uma tábua de salvação.

— Eu te amo, — eu sussurro, — muito, muito.

Ele me encara por alguns momentos, então aperta os lábios com força. — Tem certeza, Asya?

— Tenho certeza. — Eu me inclino e pressiono meus lábios em sua testa. — Você não pode ver isso por si mesmo?

Ele solta meu cabelo, deslizando a palma da mão em volta do meu pescoço para segurar meu rosto e inclinar minha cabeça para cima. Espero vê-lo sorrindo, mas a expressão em seu rosto é séria.

— Você é muito jovem, baby, — diz ele enquanto acaricia minha bochecha com o polegar. — E se você encontrar alguém no caminho e decidir que isso... nós... não é *para* você? Acho que não conseguiria sobreviver vendo você ir embora de novo, mishka.

Eu o observo por um minuto, estudando seus lábios achatados, seu nariz torto e seus olhos cinza metálico que às vezes dizem mais do que suas palavras.

— O que é amor para você, Pasha? — Eu pergunto e escovo a parte de trás dos meus dedos em seu rosto.

— A sensação de nunca estar perto o suficiente. — Sua outra mão vem para a parte de trás do meu pescoço, apertando levemente. — Tenho a necessidade de alguma forma absorver você em meu peito, para que você sempre esteja comigo. Livre de perigo. Só minha. Para sempre.

Abro a boca para dizer alguma coisa, mas ele me silencia colando seus lábios nos meus.

— Eu te amo ao ponto da loucura, Asya, — ele sussurra contra minha boca, — e eu realmente preciso que você tenha certeza. Por favor.

Eu mordo seu lábio inferior, em seguida, trilha beijos por seu pescoço e desço até chegar ao seu coração. Eu posso senti-lo batendo descontroladamente. Com um último beijo sobre seu coração, saio de seu corpo e vou até ao closet. Abro a gaveta e deslizo os dedos pelas gravatas cuidadosamente dobradas lá dentro até chegar à gravata bordô. Não é exatamente vermelha, mas é próximo o suficiente. Eu a pego e volto para o quarto. Os olhos de Pasha me seguem enquanto caminho em direção à cama, seu olhar focado na gravata que estou segurando.

— Mishka? — ele se endireita até estar sentado na beirada da cama. — O que você está fazendo?

— Quero te mostrar o que é o amor para mim.

Eu venho para ficar entre suas pernas e pego sua mão, colocando-a no meu peito, logo acima do meu coração. — Você nunca me perguntou por que eu surtei por causa das gravatas. Um dos primeiros clientes usou a gravata para me sufocar

enquanto me fodia. Eu pensei que ia morrer naquela noite, — eu digo e levanto a mão segurando a gravata, então coloco o tecido de seda em volta do meu pescoço.

— Asya, não. — Pasha estende a mão para a gravata, mas pego seus dedos nos meus e coloco a palma da mão em meu peito.

— Você pode sentir meu coração batendo mais rápido do que o normal? — Movo sua mão um pouco para cima e para a esquerda. — Não. Minha respiração está ficando irregular? Não está.

Com minha mão livre, eu pego um lado da gravata que está solta na minha frente, enrolo em volta do meu pescoço duas vezes e enfio a ponta na palma da mão de Pasha descansando na minha clavícula.

— Na semana passada, tentei ajudar Arturo com a gravata. Eu adoro meu irmão e sei que ele nunca faria nada para me machucar. Minhas mãos tremiam tanto que pedi a ele para fazer isso sozinho. — Eu levanto meus olhos para encontrar os de Pasha. — Você vê minhas mãos tremendo agora?

— Não, baby, — diz ele com a voz estrangulada.

— Cada parte de mim está apaixonada por você, Pasha. Meu corpo. Minha mente. — Eu envolvo seus dedos ao redor da ponta da gravata e, mantendo minha mão sobre a dele, eu a puxo. O material sedoso aperta em volta do meu pescoço. — Até meu subconsciente sabe quão grande e incondicional é esse amor. Então sim. Tenho certeza.

Solto sua mão e sustento seu olhar enquanto ele desenrola a gravata do meu pescoço. Ele o faz devagar, com cuidado para não puxar o tecido, e o joga no chão.

— Eu estou me livrando de todas elas de qualquer maneira. — Ele estende a mão e me pega em seus braços, então me joga na cama.

Eu salto duas vezes, rindo. Pasha sobe na cama, mas em vez de pairar sobre mim, ele pega meu tornozelo e leva minha perna à boca, dando um beijo em meus dedos. Eu rio e tento soltar minha perna, mas ele me mantém firme.

— Pare! — Eu lamento.

— Não vai acontecer, — ele murmura e move os lábios para o arco do meu pé.

Quando seus lábios encontram o ponto supersensível na parte interna do meu tornozelo, coloco meu outro pé em seu peito e tento afastá-lo sem sucesso. — Sinto cócegas. Pasha! Não, não lá!

— Em todo lugar, mishka. Eu pretendo cobrir todo o seu corpo com beijos. Diariamente.

Ele trilha a linha de beijos da minha perna até minha boceta. Sinto sua respiração quente enquanto ele a beija suavemente antes de enterrar o rosto entre minhas pernas, chupando meu clitóris. Suas mãos deslizam pelas minhas pernas e sob minhas nádegas, levantando minha bunda. Eu engasgo com a respiração e agarro a cabeceira da cama acima da minha cabeça, segurando para salvar minha vida enquanto ele desliza sua língua dentro de mim. Minhas coxas e braços estão tremendo como se eu estivesse queimando em febre, e minha mente fica em branco, focada apenas na sensação de sua língua em mim. De repente, sua boca desaparece, mas, um momento depois, sinto seu pau entrando em mim. Ele nem está totalmente dentro e eu já estou perto de gozar.

A mão de Pasha agarra minha nuca. Abro os olhos e o encontro pairando sobre mim, tão grande e feroz com todas aquelas tatuagens. Meu rei da montanha. O homem mais lindo, por dentro e por fora.

Pavel

Não consigo tirar os olhos de Asya. É como se eles estivessem me mantendo escravizado. Ainda acho difícil acreditar que ela é minha. Lentamente, eu puxo para fora apenas para empurrar de volta para ela novamente, o mais fundo possível. Um pequeno gemido deixa seus lábios enquanto seus braços delicados ficam tensos com a tensão enquanto ela agarra a cabeceira da cama acima dela. Os sons que ela faz são viciantes. Eu puxo para fora dela novamente, envolvo meu braço em torno dela e a viro.

— Gostaria de ter palavras para explicar, — digo ao lado de sua orelha e beijo seu lóbulo, — o quanto eu te amo.

Eu deixo minhas palmas deslizarem por suas costas enquanto trilha beijos lentos ao longo de sua espinha, todo o caminho até sua bunda. Sua pele é tão macia que parece irreal, e sinto uma leve pontada de arrependimento quando enterro meus dentes em sua nádega firme. Então, eu beijo aquele ponto e me posiciono entre suas pernas, empurrando em sua boceta, absorvendo cada suspiro e gemido. Eu movo minha mão esquerda para baixo, entre suas pernas, e provoco seu clitóris. Seu corpo está tremendo sob meu toque enquanto minha palma direita sobe ao longo de sua coluna. Eu gostaria de poder tocá-la em todos os lugares ao mesmo tempo. Eu balanço nela com um ritmo constante por alguns golpes, então aumento meu ritmo. Asya abaixa a cabeça no travesseiro e levanta a bunda mais alto.

— Mais forte! — ela grita e segura a cabeceira da cama novamente.

Eu agarro seus quadris e me empurro mais fundo. Suas paredes têm espasmos ao redor do meu pau, e quando a ouço gemer meu nome quando ela goza,

meu controle se rompe. A cabeceira bate contra a parede enquanto eu bato nela como um homem possuído.

— Você é minha, mishka? — Eu mordo entre as estocadas. A necessidade de ouvi-la dizer isso está me deixando louco.

— Sempre, — Asya respira.

Há tantas coisas que eu gostaria de ter na minha vida, mas nada se compara a tê-la como minha. Enquanto eu a tiver, não preciso de mais nada.

— Minha! — Eu gozo com um rugido, derramando meu gozo nela.

* * *

Coloco Asya mais perto do meu corpo e puxo o cobertor sobre ela. Está quente no quarto, mas estou sempre preocupado que ela fique com frio. — Sua família sabe que você está aqui?

— Sim, — ela murmura em meu pescoço.

— E eles sabem que você não voltará para casa? — Eu pergunto.

Eu tenho temido este momento. Não quero brigar com o irmão dela, mas não deixarei que ele a leve embora nunca mais. E se eu precisar dar uma surra nele para fazê-lo entender, que assim seja. Mas e se ela não aguentar ficar separada deles?

— Eu só tenho uma casa. — Ela levanta o rosto para olhar bem nos meus olhos e sorri. — Você. Você é minha casa agora.

Algo acontece dentro do meu peito naquele momento. Meu coração palpita, e então eu sinto algo deslizar para o lugar. As bordas irregulares finalmente se encaixando.

Capítulo 24

Asya

Estou tirando as tigelas do armário quando um beijo pousa na minha nuca.

— Tenho algo para você, — diz Pasha.

Eu me viro e olho confusa para as caixas que ele está segurando em seus braços. — Novos sabores de cereais?

— Sim. — Ele sorri, mas parece cauteloso, e coloca as caixas no balcão. São cinco no total.

— Hum... OK. — Eu bufo. — Você quer escolher?

— Não. Eu quero que você escolha. — Ele verifica se as caixas estão alinhadas perfeitamente e olha para mim. — Qual deles?

Eu rio e olho para os pacotes de cereais. Raramente tenho problemas para tomar decisões agora, mas ele ainda garante que pratiquemos de vez em quando. A maneira como Pasha continua a me ajudar é incrível. Ele até me convenceu a me encontrar com a psiquiatra que o médico havia recomendado, e ela também tem sido ótima. Nossas sessões são difíceis, mas agradeço seu cuidado e apoio.

Estendendo a mão, pego a caixa com morangos secos.

— Isso funciona para você? — Eu arqueio uma sobrancelha.

— Sim. — Ele se inclina e roça um beijo em meus lábios. — Agora, abra.

Balançando a cabeça, começo a abrir a caixa, me perguntando por que ele está fazendo tanto barulho com o cereal. Rasgo a tampa e enfio a mão para tirar o saco quando meus dedos tocam algo duro e aveludado. Meu coração está batendo três vezes enquanto pego uma pequena caixa vermelha.

— Pasha? — Eu sufoco, olhando para a caixa de joias. — O que é isso?

— Não sei. Vamos ver. — Ele pega a caixa da minha mão e a abre.

Eu fico boquiaberta quando ele pega um anel de ouro. Um diamante amarelo de corte radiante brilha sob as luzes do teto. Minha mão treme levemente quando ele a levanta para dar um beijo na ponta dos meus dedos.

— Você quer se casar comigo, mishka?

— Sim, — eu sussurro.

Pasha sorri e coloca o anel no meu dedo. Eu fungo e pulo em seus braços, enterrando meu rosto na curva de seu pescoço.

— O que você teria feito se eu pegasse a caixa errada? — Eu pergunto.

— Você nunca poderia escolher errado, baby.

— Eu poderia ter pegado o cereal crocante.

Sua palma acaricia minhas costas enquanto ele ri. — Você odeia cereal crocante.

— Sim, mas e se eu decidisse tentar novamente?

Ele apenas dá de ombros.

Eu me inclino para longe e o encaro enquanto a compreensão se forma em meu cérebro. — Você não o fez.

— O quê?

Eu estreito meus olhos para ele. — Ponha-me no chão.

— Por quê?

— Preciso verificar uma coisa.

Quando meus pés tocam o chão, eu me viro em direção ao balcão onde as outras quatro caixas de cereal estão alinhadas. Pego o primeiro, o de mel, e abro. Uma caixa de veludo vermelho fica em cima do saco de cereal. Quando a abro, encontro um anel idêntico ao que tenho em meu dedo, aninhado na almofada de seda branca. Deixo a caixa de joias na ilha e pego a próxima caixa de cereal. E a seguinte.

A caixa de cereal crocante deixo para o final. Eu nunca teria escolhido o crocante, Pasha sabe disso muito bem, mas quando a abro, o porta-joias está nele também. Coloquei no balcão ao lado dos outros quatro. Ele havia escondido um anel em cada um.

Sinto braços envolvendo minha cintura enquanto Pasha se inclina sobre mim por trás, mas não me viro. Não consigo tirar os olhos das quatro caixas de joias extras com anéis idênticos.

— Por quê? — Eu sussurro.

Seu aperto em mim aumenta. — Porque eu precisava que você entendesse.

— O quê, Pasha?

— No que me diz respeito, você não pode tomar uma decisão errada, querida. — Um beijo pousa no topo da minha cabeça. — Mesmo que seja apenas escolher o sabor do cereal.

* * *

Um mês depois

— E se eu surtar? — Eu pergunto, minha voz soando estrangulada.

Sienna ergue os olhos do sapato que está me ajudando a amarrar. — Você não vai surtar, Asya.

— Sim eu sei... — Eu levanto minha mão e mordo minha unha. — Mas e se eu o fizer? Existem tipo... duzentas pessoas lá fora.

Sienna se endireita, tira minha mão da boca e agarra meus ombros. — Você não vai surtar. Você vai lá, fica ao lado do homem que ama e que é louco por você, e terá o melhor dia da sua vida.

— Eu sei mas...

— Sabe, eu estive pensando, — diz ela. — Quando você e Pasha decidirem ter filhos, que tal me deixar escolher os nomes? A tia vai garantir que eles sejam super especiais.

Eu olho para minha irmã com horror. De jeito nenhum eu a deixaria escolher os nomes dos meus filhos. Eu estaria arriscando que eles recebessem o nome de barras de chocolate ou algum outro doce se o fizesse. Ou pior.

Sienna olha para mim e sorri. — Relaxa. — Ela ri. — Estou brincando. Mas admita, sair na frente de todas aquelas pessoas parece menos assustador agora.

Eu bufo. — Certamente sim.

— Tudo ficará bem. Não se preocupe.

Eu endireito meu vestido pela enésima vez, — Talvez eu devesse ter escolhido um vestido branco. E se as pessoas...

— É o dia do seu casamento. Você pode usar o que quiser, Asya. — Ela olha para o meu vestido de renda amarelo brilhante e sorri. — Eu amo isso! Parece que você saiu de um conto de fadas.

— Você acha que Pasha vai gostar?

Sienna segura meu rosto entre as palmas das mãos e se inclina para mais perto. — Aquele homem está tão ridiculamente apaixonado por você que você poderia entrar lá vestindo um pano de cozinha e ele comeria você com os olhos.

Eu ri. — Não acredito que vou me casar.

— Nem eu, querida. — Ela funga. — Vamos. Arturo está esperando. E estou estragando minha maquiagem.

Sienna aperta minha mão com força quando saímos do quarto e corremos pelo corredor do hotel em direção à grande porta de madeira no final, onde Arturo está esperando. Deixando-me com nosso irmão, Sienna entra no salão do casamento, fechando a porta atrás de si. Alguns momentos depois, os primeiros tons de uma melodia chegam aos meus ouvidos.

Não é a marcha nupcial.

— Pronta? — Artur pergunta.

Concordo com a cabeça, tentando manter minha respiração sob controle.

A música fica mais alta quando a porta diante de nós se abre lentamente. É *Moonlight Sonata*. Entramos no corredor.

Pasha está parado no final do corredor, com os olhos grudados nos meus, seguindo cada passo nosso. Enquanto Arturo me leva adiante, um pensamento passa

pela minha cabeça de que algo está fora de ordem. Considerando que estou uma pilha de nervos, não é de surpreender que a percepção ocorra apenas quando quase chegamos ao nosso destino.

Eu pisco em confusão. Pasha está vestido com jeans preto e uma camiseta preta. Ele sabe que não me incomoda quando ele usa terno, então por que ele veio de jeans? Eu viro minha cabeça para o meu irmão, percorrendo meus olhos sobre seus jeans e uma camisa Henley até chegar ao seu rosto.

— Seu russo organizou o código de vestimenta para o casamento, — diz ele enquanto continua andando.

Respiro fundo e olho para os convidados sentados à nossa esquerda. Meu coração palpita em meu peito. Eu olho para o lado direito, também. É o mesmo. Todo homem está vestindo jeans e uma camiseta de manga longa ou de manga curta. Até mesmo nosso Don, que está sentado na primeira fila com sua esposa. Nunca na minha vida vi Salvatore Ajello de camiseta. Na verdade, acho que ninguém. Exceto talvez sua esposa.

Volto meus olhos para Pasha e o vejo sorrindo, e não consigo mais conter as lágrimas. Então, deixo-as rolar pelo meu rosto e sorrio amplamente enquanto meu irmão me entrega ao meu futuro marido.

Pasha leva minha mão à boca e dá um beijo em meus dedos. — Tudo bem, mishka?

— Sim, — eu digo, — Tudo está perfeito, Pashenka.

* * *

Estamos passando pela fila do bufê quando o telefone de Arturo toca. Eu me viro para o lado e passo a colher de servir para o homem mais velho ao meu lado quando noto a tensão na voz de Arturo.

— Como é que eles não encontraram nada? Já se passaram meses.

Ele escuta a pessoa do outro lado da linha por alguns instantes, depois aperta as têmporas. — Tudo bem.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

— Eles ainda não têm a menor ideia de por que a casa de Rocco pegou fogo daquela maneira, mas o relatório mostrará uma suspeita de vazamento de gás. Nenhum vestígio foi encontrado porque tudo foi reduzido a cinzas e o prédio desmoronou. Com base nas imagens de segurança antes do corte do sinal, Rocco, Ravenna e Alessandro estavam lá dentro. Sem mais provas, eles estão encerrando a investigação e declarando os três mortos. — Ele coloca o telefone no bolso e olha por cima do ombro. — Eu preciso dizer ao chefe.

Estou olhando para a forma em retirada de Arturo quando ouço uma risada abafada ao meu lado. Olho para o cara de cabelos grisalhos ao meu lado. Ele está empilhando carne em seu prato enquanto um largo sorriso se espalha em seu rosto. O que diabos há de errado com ele? Três pessoas morreram e ele acha engraçado?

— Puta merda, Albert! Você terminou? — O cara grande e loiro parado do outro lado o cutuca com o cotovelo. Acho que o nome dele é Sergei. — Mexa-se já, tem mais gente aqui querendo comer. E por que está rindo como uma maldita hiena?

— Por nada. — O velho balança a cabeça e sai, cantando baixinho alguma coisa. Parece... *Poker Face* de Lady Gaga.

Epílogo

Asya

Cinco anos depois

Um. Dois. Três. Eu conto na minha cabeça enquanto olho para o bastão de plástico na minha mão. Uma linha vermelha aparece na pequena janela de exibição. Quatro. Cinco. Seis. Apenas uma linha.

Sento-me na tampa do vaso sanitário e olho para o teto. Depois que me formei no conservatório de música, decidi oferecer aulas gratuitas de piano para mulheres que sofreram abuso sexual. Eu esperava que a música fosse útil em sua cura. Ontem, durante as consultas marcadas para a próxima semana, percebi que minha menstruação está quase um mês atrasada. Desde que terminei a faculdade, Pasha e eu concordamos que eu deveria parar de tomar pílulas anticoncepcionais para que pudéssemos começar a tentar uma família. Eu sabia que meu ciclo ficaria irregular depois disso, então a falta de um período não significava necessariamente que eu estava grávida. Pode ser simplesmente o efeito colateral.

— Asya? — A voz de Pasha vem do outro lado da porta do banheiro.

— É negativo, — eu digo, tentando parecer indiferente. Para esconder a decepção. Eu estava secretamente esperando que fosse positivo. Só a ideia de ter um filho de Pasha me deu vontade de gritar de alegria. Eu estava deitada aconchegada ao lado de Pasha quando disse a ele que precisava fazer o teste de gravidez. Seu

corpo ficou imóvel por um momento, e então ele me apertou contra seu corpo com tanta força que eu mal conseguia respirar.

A porta se abre e Pasha entra no banheiro. — Tudo bem. — Ele acaricia minha bochecha e pega o teste da minha mão. A expressão em seu rosto parece relaxada, mas vejo em seus olhos - ele também esperava.

— Ainda é jovem. Quando... — Ele olha para o bastão de plástico em sua mão e fica tenso. — Mishka. Quantas linhas devem haver?

— Uma. Significa negativo.

— Mas são duas.

Eu pulo do banheiro e arranco o teste de suas mãos. — Mas havia apenas uma. Dê-me a caixa!

Pasha me passa a caixa e eu rapidamente leio as instruções até chegar à parte onde diz que você precisa esperar pelo menos cinco minutos. Quando li pela primeira vez, pensei que dizia cinco segundos.

— É positivo, — eu engasgo e olho para Pasha. Ele está olhando para mim atentamente. — Nós vamos ter um bebê.

Lentamente, seu olhar desliza sobre meu peito até meu estômago. Ele respira fundo e se ajoelha na minha frente. Suas grandes mãos estão tremendo quando ele pega a bainha da minha blusa, levanta e beija logo acima do meu umbigo. Então, ele pressiona sua bochecha na minha barriga e, envolvendo seus braços ao meu redor, começa a cantarolar uma canção de ninar.

Pavel

— Eu já te disse, não faço exames de obstetrícia, — o médico estala.

— Temos uma consulta com um ginecologista amanhã, — eu vocifero e o empurro para longe da porta para que Asya e eu possamos entrar em seu consultório. — Mas eu preciso saber que está tudo bem. Agora.

— Você está exagerando.

— Eu não me importo. — Com minhas mãos segurando Asya gentilmente sob seus braços, eu a coloco na maca. — Pode começar.

O médico balança a cabeça e se senta, puxando a máquina de ultrassom em sua direção.

Meus olhos se fixam na cena diante de mim enquanto observo enquanto ele espalha um pouco de gosma na barriga de Asya e move o dispositivo acima do cócs de suas leggings. Ele desliza a coisa da esquerda para a direita, depois a gira um pouco, enquanto fica de olho no monitor e aperta alguns botões na unidade da torre.

— Eu diria que você está na sexta semana. Ambos parecem perfeitamente bem, — ele diz, então olha para Asya. — E você parece bem, também.

Eu pisco em confusão. — Ambos? Tanto Asya quanto o bebê?

— Não. Ambos os bebês.

Minha cabeça vira para o lado, olhando para Asya, que está olhando para o monitor com um sorriso largo no rosto. — Tem certeza? — ela sussurra.

— Sim, — o médico diz ao mesmo tempo que eu digo, — Não!

Ambos se viram para olhar para mim.

— Faça isso de novo. — Eu aponto meu dedo para a máquina de ultrassom enquanto o terror toma conta de mim.

— Tenho certeza de que sei contar! — o médico exclama e bate a impressão do ultrassom contra o meu peito, apontando o outro dedo para ele. — Um. Dois.

Eu agarro a frente de sua camisa e fico em seu rosto. — De novo!

— Pasha? — Asya segura meu antebraço. — O que está acontecendo?

Solto o doutor e seguro seu rosto entre as palmas das mãos. — É perigoso, mishka. E você é tão pequenininha. E se algo acontecer?

Asya pressiona o dedo sobre meus lábios. — Eu ficarei bem. Há gêmeos em quase todas as gerações da minha família e ninguém nunca teve problemas. Não entre em pânico.

— Não estou em pânico. Não estou. — Eu lanço um olhar por cima do ombro para o médico. — Ela deveria ser internada em um hospital? Vou direto para lá.

— Pasha. — Asya puxa minha camisa.

— Ela pode andar? — Eu continuo. — Não, é melhor eu carregá-la lá.

— Eu não vou para a porra de um hospital! — Asya rosna em meu ouvido, agarra meu queixo e vira minha cabeça para encará-la. — Vamos agradecer ao médico e vamos para casa.

— Mishka...

— Eu não aconselharia enfurecer uma mulher grávida de gêmeos, Pasha, — acrescenta o médico.

— Ele não vai. — Asya se inclina para a frente e pressiona seus lábios nos meus. — Relaxa. Tudo ficará bem.

Fim